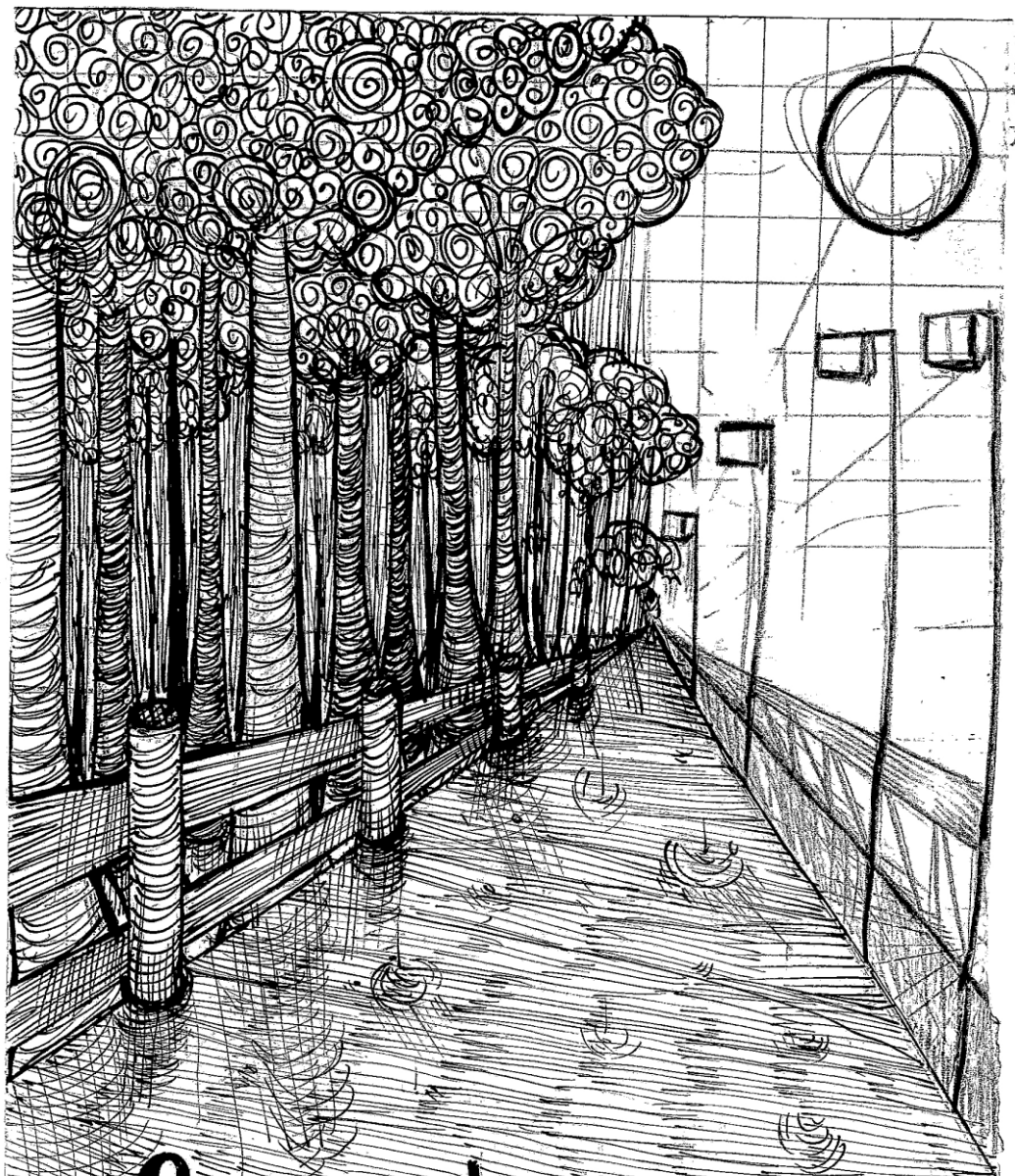




**Caminhos Para o
FUTURO:**

☀️ **Construindo valores.**

CAMINHOS PARA O FUTURO: CONSTRUINDO VALORES

ESCOLA DA ILHA

VITÓRIA
2022

Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida ou arquivada, desde que levados em conta os direitos dos autores.

Gabriela Sarcinelli; Ignêz Martins; Isabelle Viveiros (Orgs.).

- | | | |
|----------------------|-----------------------|----------------------|
| 1. Relatos Pessoais. | 2. Crônicas. | 3. Produção de Texto |
| 4. Língua Portuguesa | 5. Ensino Fundamental | |
-

Capa: Helena Pissinali de Souza

Edição de texto: Gabriela Sarcinelli

APRESENTAÇÃO

Não se poderia iniciar a apresentação desse livro sem antes agradecer aos alunos de 6º a 9º ano da Escola da Ilha que, com toda a dedicação e empenho, tornaram possível a realização dessa obra. Ao longo de todo o processo de escrita, nossos alunos foram sujeitos ativos de suas próprias histórias, colocando em cada palavra um pouquinho de seu mundo e suas perspectivas.

É importante destacar o papel da Escola no incentivo aos projetos de Língua Portuguesa que visam o desenvolvimento das competências de leitura e escrita de seus estudantes. A escrita de um livro visa, além do aprimoramento das habilidades já citadas, estimular que nossos jovens assumam o papel de protagonistas de seus próprios processos de aprendizagem, desenvolvendo não só aspectos cognitivos como também de autoconfiança e personalidade.

Para homenagear os 37 anos de atuação da Escola da Ilha neste ano de 2022, escolheu-se refletir e criar histórias sobre os quatro valores que nossa instituição preza: cooperação, diversidade, autonomia e trabalho. Assim, cada turma de 6º a 9º ano ficou incumbida de escrever textos que abordassem significativamente cada um desses temas.

As turmas de 6º e 7º escreveram relatos pessoais (reais ou fictícios) sobre cooperação e diversidade. As de 8º e 9º redigiram, respectivamente, crônicas sobre os valores da autonomia e do trabalho. O nome do livro e o desenho que ilustra a capa surgiram por iniciativa e participação de todos os nossos alunos, que votaram em grupo para que o resultado fosse implementado. É

importante salientar também que, ao longo de todas as etapas de organização e escrita textual, os autores tiveram toda a liberdade para expressar seus valores e visões de mundo, sendo nós, organizadores, meros mediadores de todo esse processo. Além de nossos brilhantes autores, querendo agradecer a todo o apoio de nossa diretora pedagógica, Ignêz Martins Pimenta, e de nossa coordenadora pedagógica, Isabelle Viveiros Lourenço. Junto a elas, agradecemos também o trabalho e apoio do professor de Artes, Luciano Cardoso, e da professora de português, Gabriela Sarcinelli.

Juntos, temos a felicidade de publicar mais um livro de autoria dos nossos alunos, partilhando com todos um pouco do processo que temos o orgulho de vivenciar todos os dias. Nós, enquanto Escola, nos sentimos realizados de, mais uma vez, fazer a nossa parte com dedicação, comprometimento e competência.

Os organizadores.

ÍNDICE

6º ANO - COOPERAÇÃO.....	
6	
7º ANO - DIVERSIDADE	
53	
8º ANO - AUTONOMIA.....	
93	
9º ANO - TRABALHO	
126	

RELATO PESSOAL

6º ANO - COOPERAÇÃO

Resgatei um cachorro

Um dia, eu, minha prima, minha avó, minha mãe e meu irmão estávamos voltando do parque. Lá perto, no caminho da volta, encontramos um cachorro abandonado, chorando. Ele estava dentro de uma caixa.

Nós pegamos o cachorrinho e, além dele estar sujo, ele também estava machucado e com muitas, muitas pulgas pelo corpo. Ele também estava muito fraquinho e magro. Nós fomos e demoramos quase duas horas para conseguir levar ele de lá. Tivemos que levar ele para casa da minha prima que estava com a gente. Na casa dela, ficamos ainda mais umas três horas só cuidando das feridas dele, tirando as pulgas, carrapatos e outros vermes. Ele chorava muito e dava gritinhos muito finos, pois ele era apenas um filhote de aproximadamente 3 ou 4 meses de idade.

Com o passar do tempo, o cachorrinho foi crescendo mais e mais. Ele era um vira-lata bem forte.

Quando ele melhorou, tivemos que decidir com quem o cachorrinho ia ficar. A minha prima não podia, pois o veterinário disse que o cachorrinho seria enorme quando crescesse e, no prédio da minha prima, não eram permitidos animais domésticos grandes.

Então, minha prima decidiu doar. Fizemos uma divulgação e toda uma campanha, porque não queríamos que o cachorrinho voltasse a morar nas ruas. Fizemos uma busca infinita, mas não encontramos ninguém muito interessado em adotar naquele momento. Eu entendo, os cães são animais que geram muitos custos.

Até que, nossa campanha chegou aos ouvidos de uma veterinária. Ela era, por acaso, amiga da mãe da minha prima (minha tia). Ela se apaixonou pelo cachorrinho e quis adotá-lo na hora em que viu a foto dele!

Hoje, o cachorrinho vive muito feliz com sua nova dona. E nós, muito felizes pelo resultado dos nossos esforços.

Ana Clara Ferreira Curry

Acampamento de férias

Era 13 de Dezembro, um dia para as férias e a turma combinou que sábado, dia 15, todos iriam para um acampamento. Maria e Júlia, minhas amigas, eram gêmeas que frequentavam, todos os anos, acampamentos, desde quando elas tinham 7 aninhos. Então, com elas, já estávamos preparadas para tudo.

Depois de muita animação, chegou o dia do acampamento. Um ônibus passou na casa de todos os alunos. Tinha no total 27 alunos, sendo 11 meninos e 16 meninas. Depois de um tempo cantando musiquinhas, contando fofocas e blá blá blá, chegamos lá.

No acampamento, alguns adultos monitoravam as crianças. Os meninos foram para um lugar e as meninas para outro. Quando, de repente, a Júlia deu

um gritão:

— Aaaaaaaaah!

Tinha uma cobra muito grande no braço dela! Ela entrou em desespero e começou a balançar o braço, mas a Maria disse:

— Sua doida, é uma cobra de brinquedo!

Outro dia, nós percebemos que tinha tinta na cama de Júlia também. Ela também percebeu e ficou com raiva que alguém pregou uma peça nela. Ela teve

que ir dormir em outro lugar.

Nesse mesmo dia, nós decidimos contar para os meninos sobre o que estava acontecendo com Júlia e perguntamos se tinha sido algum deles o autor das pegadinhas, mas, nenhum sinal. Perguntamos para as outras meninas, mas nada também. Em outro momento, os meninos foram falar com os adultos sobre outro assunto e viram eles rindo de alguma coisa. Chegaram mais perto para ouvir o papo.

— Hahaha, aquela menininha realmente acreditou naquilo? Tão boba, terá que dormir no chão - disse um dos adultos.

Eles escutaram o homem falar e foram correndo falar com Júlia. Quando chegaram lá, nós já tínhamos ouvido falar dessa história e estávamos com muita

raiva. Dudu, um dos meninos, veio perguntar o que houve com a gente. Nós dissemos que já tínhamos ouvido falar que um dos adultos monitores estava falando mal das crianças e que eles falaram coisas ruins de Júlia.

Ana, uma das melhores amigas de Maria, decidiu que elas deveriam dar o troco nos adultos, pregando uma peça neles também!

Os meninos e as meninas se juntaram para fazer um plano e cada um teve uma ideia:

- Que tal nós fazermos o mesmo com eles, só que com uma barata de brinquedo? - disse Dudu.
- Não acho que não vai dar certo. - eu respondi.
- Vamos trocar a água do banho deles por tinta rosa! - comentou Maria.
- Mas, se trocarmos a água da caixa d 'água por tinta todos nós também vamos tomar banho rosa, né? - Ana comentou.
- TENHO UMA IDEIA! - gritou Júlia.
- O que, Júlia? Fala, fala! - dissemos todos juntos.
- Juntem aqui, vou falar para vocês o plano todo.

Depois de contar o plano, nós armamos tudo e fomos colocar em ação. A ideia seria colocar mel na cama desses adultos monitores que estavam pregando peças em Júlia. Colocamos muita cola no chão do quarto deles também.

À noite, logo quando esses adultos se deitaram para dormir, eles, assustados, gritaram:

- O QUE É ISSO NA MINHA CAMA?

Nós, espiando pela janela, começaram a rir da cara deles! Depois disso, esses monitores mais velhos nunca mais se meteram com nenhum de nós.

Nós seguimos brincando, comendo, dormindo e aproveitando nosso acampamento.

Em um dos últimos dias da viagem, acordamos com um barulho estranho no telhado. Fomos ver e tinha um menino lá em cima. Estranhando, todos fomos de pijama para o lado de fora das cabanas ver o que estava acontecendo. Quando chegamos perto, descobrimos que o menino em cima do telhado era um dos tios monitores mais legais do acampamento, o Tio Paulinho.

- Tio Paulinho?! - Gritamos todos.

Maria, gritou:

— Por que raios você está fazendo isso?

Ele respondeu:

— Bom, eu queria dar uma animada no clima do acampamento, sabe. Estava tudo meio chato no começo, ninguém fazia nada. Depois que pregamos peças em vocês, o clima deu uma agitada e vocês se animaram e se uniram. Olha só, todos vocês, no final de tudo, se ajudaram, trabalharam em equipe para se vingar da gente e descobrir quem que causou essa confusão.

Todos falamos juntos:

— E PRECISAVA DISSO TUDO???

Então, depois desses acontecimentos, o clima ficou de paz entre os adultos e as crianças. Faltavam só mais dois dias para voltarmos para casa e quisemos aproveitar tudo e esquecer essa bobeira que fizeram. As crianças se divertiram muito foram no lago, em tirolesas, pescaram, brincaram na chuva, teve gincana, entre outros. Depois de toda diversão, voltamos para casa.

FIM!

Ana Luisa Dos Santos Dias

Castelo de areia

Uma vez, quando eu tinha uns 7 anos de idade, eu fui à praia de tarde com a minha família e foi bem legal. Eu e meus primos construímos um castelo de areia muito grande, passamos a tarde inteira construindo. Algumas crianças que estavam na praia, perto da gente, ficaram curiosas e também quiseram entrar para ajudar. Nós, então, fomos pegar conchas, alguns matinhos, vários gravetos, etc.

Tudo começou com o baldinho. Eu enchia ele de areia, ia na beira d'água para molhar, voltava e desenformava o bolo de areia molhada no local já pré-determinado antes pelo grupinho dos primos. E essa sequência se repetia de novo, e de novo, e de novo...

Até chegar ao tamanho desejado. Nós revezávamos o baldinho e de pouco a pouco o castelo ia crescendo. Depois da base ficar pronta, pegamos areia seca e bem fina para passar por fora do castelo, apenas por questões estéticas. Nós o decoramos com várias conchas, folhas, pequenos gravetos, algumas plantinhas marinhas e tudo mais que o nosso querido e perfeito castelinho merecia e tinha direito.

Nessa parte de decoração, algumas crianças que nós nem conhecíamos direito, mas já eram nossos amigos pois passaram a tarde inteira conosco, também ajudaram. No final, o castelo ficou muito bonito e valeu todo o esforço que todos tinham feito, desde encher o baldinho até procurar coisas para o enfeite.

A coisa mais difícil com certeza foi a despedida. Ter que deixar um castelo tão especial como aquele para trás não foi nada fácil. Por ser de areia, eu já sabia que ele não iria durar por muito tempo, logo as ondas já iriam o desmanchar. Mas, mesmo assim, carrego essa memória tão valiosa de trabalho em equipe e cooperação comigo até hoje.

André Kofler Coutinho

História real sobre cooperação

Em um dia ensolarado, eu estava subindo uma montanha que deveria ter uns 2 mil metros de altura. Para isso, começamos o dia tomando um café da manhã reforçado na casa de um amigo que se chamava Wesley. Em seguida, fomos de carro até o início da trilha e começamos a subir a montanha. No começo estava tranquilo, mas depois de chegar a uns mil metros de altura, comecei a passar mal e senti muita dor de barriga.

Mas, isso foi só o início, porque meu pai ainda teve que me carregar durante um bom trecho nas costas. Tudo isso aconteceu pois, na hora do café da manhã, eu comi um biscoito recheado que até tal momento parecia apetitoso, mas gerou essa confusão inteira. No caminho - antes de tudo isso acontecer - meu grupo ainda se perdeu de um membro (meu irmão). Por sorte, o reencontramos. Com tudo isso acontecendo, o estoque de lanche estava acabando e passávamos por rochas e obstáculos difíceis de atravessar. Por sorte, meu pai era muito bom em obstáculos e caminhadas longas e conseguiu me ajudar.

Ainda depois desse caos e azar, tivemos que parar para lanche o que havia restado e houve mais dois imprevistos seguidos. Em um deles, meu amigo quase tocou em uma lagarta muito venenosa que estava grudada em uma planta ao lado de uma rocha em que ele se sentava. Por sorte eu, sabendo sobre a lagarta, o alertei e o salvei de uma possível alergia ou infecção na pele. A outra situação foi que, à medida que andávamos, mais frio fazia e nós com mais dificuldade de respirar bem ficávamos.

Até que, do nada, após passarmos dentro de uma nuvem - que logo começou a chover - não tínhamos suprimentos suficientes para nos proteger da chuva além de uma cobertura que não era grande o suficiente para proteger o grupo inteiro. Então, nos esprememos entre si no chão mesmo para colocar a cobertura sobre nossos corpos e esperarmos aquele vendaval tremendo passar. Ao final da chuva, voltamos a caminhar, dessa vez aliviados da dor que sentimos fazia pouco. Não demorou muito para chegarmos ao pico da montanha, mas, por

15 metros, eu quase não cheguei no topo! Voltei a sentir dor (até hoje me arrependo que, por só 15 metros, eu não chego ao cume daquela montanha).

Na descida da montanha, eu estava cansado e estava tudo um breu. Não conseguíamos ver nada! Só nos movimentamos pelas rochas e objetos ao nosso redor. Meu amigo começou a chorar, pois sua mãe e pai estavam em casa e ele só estava sob supervisão do grupo. Mas, apesar disso, falamos para ele não se preocupar com nada, pois íamos voltar vivos e bem. Após um tempo de descida, chegamos ao carro sãos e salvos.

Voltamos para a casa do meu amigo, e lá, após um belo banho e janta, fomos dormir depois dessa aventura impressionante. Que bom que eu não passei por ela sozinho!

Arthur Félix Santos Serra Hibner

Perdido com os amigos na floresta

Algumas férias atrás, eu e meus amigos estávamos passeando pela Floresta Amazônica e ficamos completamente perdidos! Tinha o João, a Ana e o Paulo, que são grandes amigos e estavam lá comigo. Nós não só ficamos perdidos um pouco e depois encontramos o caminho de volta. Ficamos perdidos lá por um mês e seis dias!

Faz cinco dias que fomos resgatados, e agora vou contar a história de como sobrevivemos esse tempo todo em que estávamos lá.

Eu, o João, a Ana e o Paulo estávamos dando um passeio de helicóptero sobre a Floresta Amazônica. A floresta era linda, nunca tinha visto nada igual. Até que, começamos a ouvir um barulho estranho. O piloto falou que o motor do helicóptero tinha começado a falhar. Do nada, sem a gente esperar, o helicóptero caiu. Que desespero! Não sabíamos o que fazer, a sensação parecia a de estar em uma montanha-russa. Mas ufa, ficamos todos bem, inclusive o piloto. O cinto de segurança salvou todos nós.

Já lá no chão, não tínhamos sinal no celular e estávamos perdidos no meio da floresta. O piloto pegou um rádio e saiu em busca de sinal e contato com outras pessoas. Ficamos lá, só nós quatro no meio do nada. A Ana estava pensando no que íamos comer, e nós quatro fomos buscar comida.

Pegamos frutas e insetos que achamos. O João começou a ficar meio mal por causa de um inseto que ele comeu. Logo ele melhorou e então fomos em busca de fazer abrigo, porque já estava anoitecendo e nada do piloto. Fizemos um abrigo com galhos e folhas para nos proteger do frio e da chuva. Pegamos terra e algumas folhas para tentar fazer uma “cama”, que não era nada confortável, mas era o que dava pra fazer.

No dia seguinte, quando acordamos, dividimos tarefas: João ficou encarregado de pegar água, Ana de pegar comida, Paulo de pegar gravetos e folhas secas para fazermos fogueiras, e eu de procurar civilização ou alguma pessoa que pudesse nos ajudar.

Quando voltamos para o abrigo, Ana tinha pegado comida, Paulo os gravetos e folhas eu não achei nada nem ninguém e o João disse que achou um rio corrente lá perto. Nós quatro fomos lá no rio, então, pegar água para beber. Depois de termos bebido a água do rio, já ficamos aliviados de não precisarmos mais nos preocupar com água, pois tínhamos o rio como fonte.

Seguimos sobrevivendo assim. Uns dias depois, começamos a ouvir barulhos de animais selvagens, coisa que ainda não tinha acontecido. Abandonamos o nosso abrigo e nos escondemos em uma pequena gruta que encontramos lá perto do rio. Ficamos com medo de ser uma onça, e acabamos passando a noite lá dentro da caverna.

No dia seguinte, saímos para beber água, e, no caminho para o rio, vimos uma onça e seu filhote. Voltamos rapidamente para a gruta até que elas saíssem de lá. Quando chegamos no rio, bebemos água e fomos de novo procurar alguma pessoa. Ainda, nada do piloto. Já tínhamos desistido dele.

Mais uma vez, não encontramos nada, nem ninguém. Desse ponto pra frente, nós tivemos que enfrentar muitas batalhas para poder sobreviver. Sem a ajuda um do outro, eu tenho a certeza de que nunca teríamos conseguido.

Todos os dias, saíamos procurando alguém para nos ajudar. Depois de muita procura e vários dias se passando, nós achamos uma civilização, até que não muito longe de onde estava o rio. Descobrimos que essa civilização já sabia da nossa história e eles também estavam nos procurando! Nós não sabíamos que já estávamos há um mês desaparecidos. É muito louco como, em situações assim, nós ficamos perdidos no tempo.

Ficamos muito felizes e aliviados em ser resgatados. Quando o Helicóptero dos bombeiros chegou, estávamos muito felizes em poder voltar para casa e agora estarmos vivendo nossa vida normalmente. Nossa amizade continuou mais forte do que nunca. E eu sempre seguirei lembrando dessa história que parece até mentira.

Benjamim Brandão Freixo

Um relato espacial

Em um dia incomum de um futuro distante, eu e meu amigo estávamos caminhando em Marte. Fomos parar lá pois o Elon Musk (dono da Tesla, e que agora investe também em naves espaciais) tinha acabado de nos deixar ir para lá. Esse meu amigo trabalha com ele e também é muito próximo dele.

Quando nós estávamos andando pelo planeta, eu tombei numa parede fora do comum criada naturalmente. E, eu então disse para o meu amigo:

— Vamos chamar a Karol (outra amiga e funcionária da Tesla) para nos ajudar a escavar e entender que parede é essa.

Fomos fazer isso. Ela chegou e começamos a cavar. Enquanto nós vimos escavando a parede, chegou o Eduardo, outro funcionário, e disse para a gente:

— Tomem cuidado que tem um alien chegando!

Bom, estávamos em Marte, né? Eu fiquei APAVORADO! Então, meu amigo tirou uma arma de segurança do bolso e eu tirei outra. Enquanto isso, outros dois funcionários e amigos que estavam lá nos ajudando conversavam sobre assuntos lá do Planeta Terra, como o resultado do jogo do Flamengo.

De fato, o Alien estava vindo. Ele não estava com cara de bons amigos e atingiu um dos nossos colegas funcionários. O nosso outro colega saiu correndo e conseguiu avisar o chefe da nossa missão sobre esse Alien. Após isso tudo acontecer, o resto de nossa equipe em Marte veio nos resgatar. Eles estavam dentro dos seus Teslas espaciais. Fomos todos para um abrigo para nos proteger juntamente, óbvio, da Karol (não esquecemos dela);

O alien chegou a ir atrás de nós e ficou batendo e arranhando a porta do nosso abrigo. Eu procurei nas minhas ferramentas e consegui acender um fogo para esquentar algo para comermos. Por fim, o Alien acabou desistindo e foi embora.

Nossa missão terminou e voltamos para a Terra. Que sufoco! Mas, que bom, que meus amigos estavam comigo e trabalhos em equipe para conseguir escapar dessa.

Bianca Zanardi Bricalli

O resgate de Harry

No primeiro dia de volta às aulas do ano passado, quando eu e minha mãe estávamos voltando para casa, encontramos um gatinho escondido em um canto do prédio. Então, eu falei:

—Mãe, olha o gatinho! Podemos levar para casa?

Então, minha mãe respondeu:

— É melhor não, Bibi, porque o Angel (o nosso cachorro) não vai gostar.

Então continuamos andando. Só que o gatinho começou a seguir a gente. Resolvemos então levar ele para casa e cuidar dele.

Quando chegamos em casa, o Angel logo começou a latir. O gato rosnou de volta e tudo virou uma bagunça. Mas, depois de um tempo, conseguimos

resolver e colocamos ele no quarto de hóspedes. Como já era de noite, pedimos ajuda para os nossos vizinhos. A nossa vizinha de cima, Patrícia, que mora com o seu gato chamado Prince, nos emprestou um pouco da ração. Nosso vizinho do lado, Thales, que mora com seu gato João, nos emprestou um pacote de areia. Assim, improvisamos o banheiro com uma caixa de sapatos para nosso novo hóspede. Colocamos água e brincamos um pouquinho com ele até ele dormir.

Ficamos pensando qual seria o melhor nome para esse bebê, e achando que era fêmea, escolhi o nome de Hermione.

No dia seguinte, chamamos uma veterinária para ver se o gatinho tinha alguma doença ou algo do tipo. Descobrimos que, na verdade, era um gatinho macho! Então, trocamos o nome para Harry Potter. A veterinária nos ajudou

fazendo essa consulta de graça. Depois disso, fomos no Pet Shop e compramos várias coisinhas que ele precisava, como ração, potinhos, areia e brinquedinhos. Tentamos várias vezes fazer com que o Angel e o Harry

virassem amigos, mas não estávamos conseguindo fazer eles se entenderem e conviverem no mesmo espaço. Quando alguém ia lá em casa, sempre tentava nos ajudar com isso, mas nunca dava certo. O Angel ficava atrás da porta cheirando, querendo

comer o gatinho. Eles se atacaram várias vezes, então, assim, a convivência ficou muito difícil entre todos nós.

O Harry era muito carinhoso, dengoso, gostava de carrinho. Quando ele ficava sozinho, começava a chorar (às vezes me arranhava também). Mas o Angel ficava com muito ciúme quando eu e minha mãe ficávamos mais com o gatinho do que com ele. Fazíamos isso porque Harry precisava de mais cuidados e atenção naquele momento.

Os dias foram se passando e nada deles se entenderem, então tivemos que tomar uma decisão de procurar outro lar para ele. A veterinária, como conhece várias pessoas que gostam de animais, nos ajudou. Todos juntos, encontramos um novo lar para ele sem risco de Harry ser comido ou atacado por um cachorro.

Clarice Schneider Fernandes Moça

Relato fictício sobre o tema cooperação

Eu tinha um amigo que costumava correr. Depois de um tempo, ele soube de uma corrida de rua que ia ter e decidiu se inscrever, já que, até aquele momento, nunca tinha tentado isso antes. Por causa disso, ele decidiu pegar uma mais fácil para começar.

Uma semana antes, ele começou a ficar muito ansioso com essa corrida, pois não sabia se ia conseguir completar tudo e estava se sentindo inseguro. Eu vi que ele estava bem para baixo, então resolvi tentar fazer alguma coisa para deixar ele mais seguro de si. Eu falei para ele que ele ia ir bem, já que ele se dedicava e treinava bastante e já tinha corrido várias vezes na vida, apesar de nunca ter competido. E que, mesmo se ele não conseguisse, estaria tudo bem, porque ele teria dado o seu melhor.

Fiquei tentando fazer ele se sentir melhor, porque meu amigo já tinha me ajudado dessa forma quando eu precisei. Assim, eu também queria muito ajudar ele.

Não entendo muito de corrida, mas, todo dia nós fomos correr juntos. Eu queria ajudar com isso e, como eu não poderia estar lá no meio da corrida com ele, eu achei que se nós fôssemos treinar juntos, ele iria se sentir melhor. E foi isso que fizemos até o dia da corrida chegar. Isso foi bom para mim também, porque passei a me exercitar mais.

O dia da corrida chegou. Neste dia, eu fui lá para dar boa sorte para ele. Ele estava ansioso, mas seguiu em frente e foi. Ele correu e foi super bem, completou a prova! Depois de umas duas horas, ele voltou.

Não consegui chegar entre os três primeiros colocados, mas se diverti enquanto tentava, e quase consegui! Ficamos conversando e ele não estava triste ou frustrado. É claro que queria ter vencido, mas ele deu o seu máximo, e é isso que importava.

Eu gostei da experiência de ter ajudado e motivado ele. Isso fez com que ele se sentisse melhor e eu fiquei feliz de ter ajudado um amigo. E agora, eu gosto de correr também!

Eduardo Ribeiro Vergottini

Do zero aos milhões

Certo dia, eu estava andando perto da praça do Epa (supermercado), quando vi alguém (acho que estava pedindo dinheiro). Mais especificamente, essa pessoa era um morador de rua. Eu e minha família estávamos passando por ele, e vimos que ele estava em uma situação um pouco crítica.

Esse moço sempre estava lá quando eu passava. Ele tinha roupas rasgadas, uma blusa azul com um short preto rasgado, usava um chinelo cinza com umas manchas pretas. Tinha o olho verde e uma barba branca.

Eu até era “amigo” dele. Já chegamos a conversar sobre futebol uma vez. Ele me contou que torcia para o Vasco e para o Fortaleza. Já eu contei que torcia para o Internacional. Nós ficávamos conversando sobre especificamente as fases dos times rivais.

Um certo dia, eu vi que ele não estava mais lá, mas não sabia o que tinha acontecido. Eu fiquei preocupado. Eu e minha família tínhamos deixado 100 reais para ele guardados para dar a ele da próxima vez que nós passássemos pela praça.

No dia seguinte, ele estava lá. Mas, muito ferido, como se tivesse entrado em uma briga. Estava com um olho roxo, o braço vermelho e com um corte na perna. Eu e minha família vimos isso e fomos correndo atrás dele. Levamos ele ao médico de pronto socorro.

Depois de uma semana no médico, ele decidiu sair das ruas e voltar para sua casa. Ficamos sabendo do seu endereço e fomos lá encontrar. Quando vimos ele, ficamos muito felizes em reencontrá-lo! Nós não tínhamos trazido o dinheiro que tínhamos guardado para ele dessa vez. Meu pai falou para ele ficar onde estava e foi correndo para casa pegar o dinheiro.

Quando ele voltou, ele deu o dinheiro para o homem e nós ficamos conversando mais. Nós fizemos isso por um bom tempo, dessa vez não foi só futebol. Falamos sobre muita coisa, como, receitas, tricô, família, entre muitos outros assuntos.

Depois de um tempo, agora já no presente, eu fiquei sabendo que, hoje em dia, esse homem é muito rico e não mora aqui no Brasil. Se eu não me engano, ele está morando em Paris, na França. Um dos homens mais ricos, ele abriu até uma empresa com o sobrenome.

Naquela empresa vende-se muitas coisas. Ele tem uma loja gigante, com um monte de móveis, eletrônicos, entre outros. Mas os objetos têm muita qualidade, minha casa inteira tem móveis de lá.

O homem tem uma esposa e 4 filhos, 1 menina e 3 meninos. Eles chamam-se: Richard, Martin, Bernard e a menina chama-se Angelle e sua esposa chama-se Ria. Sabe aqueles 100 reais que eu havia dado a ele aquele dia? Ele usou esses 100 reais para vender água na praia, que ele havia comprado cada uma por 2 reais, e vendeu cada uma por 4 reais. Ou seja, ele conseguiu 200 reais.

Ele me contou só até essa parte, mas eu sei que ele ficou MUITO rico. Foi investindo dinheiro e, com seus móveis e sua empresa, passou a ganhar muitos milhões por mês. Seu nome é Noah.

Hoje, ele só usa roupa de marca, tênis de luxo e a casa dele é quase um quarteirão inteiro. Sério, é muito grande! Tem uns três andares, um jardim e duas piscinas.

Eu e minha família somos muito amigos dele. É legal ver que, hoje, ele é um dos homens mais ricos, com bilhões de dólares por ano. Isso tudo por causa dos 100 reais que eu dei a ele.

Enya Marya Guimarães

Um estudo de cooperação

Um dia, eu e minha melhor amiga fizemos o seguinte combinado: ela me ajudaria a estudar filosofia e eu a ajudaria a estudar matemática. Eu tinha muita dificuldade em Filosofia, pois era uma matéria complicada de se entender, e minha amiga, em matemática. Tínhamos tanta dificuldade que até tiramos nota baixa na última prova que fizemos.

Decidimos começar nosso combinado. Durante esses dias de estudo juntas, fomos uma ajudando a outra a revisar os conteúdos e a refazer as tarefas. Percebemos que é muito melhor e mais motivante estudar juntas do que estudar sozinha. Quando estamos estudando juntas, uma tira a dúvida da outra e fica mais divertido.

Além de só estudarmos, também fazemos intervalos. Nesses intervalos, ficamos conversando sobre várias coisas legais e também fazemos alguns lanches para comer. Durante esse tempo de estudo, quando não pudemos nos reunir, nós fizemos também várias reuniões online. Isso nos aproximou muito!

Gostamos tanto dessa experiência que combinamos de chamar outros colegas de turma para participar também. Planejamos fazer outros tipos de encontros juntos como ir ao cinema, viagens, passeios, etc.

Após a prova, nossas notas melhoraram muito! Eu fui bem em filosofia e ela em matemática. Então, resolvemos continuar estudando juntas não só para essas matérias, mas para todas as matérias. Depois, também combinamos com nossos colegas de turma de que toda quarta-feira estudamos juntos. Assim, todos se ajudam com as dúvidas.

Nós aprendemos que a cooperação na hora dos estudos pode ajudar muito e fazer com que a gente consiga entender melhor as matérias e até avançar nelas juntas. Nossa experiência foi tão boa para a turma que, no final do ano, ninguém ficou de recuperação!

Enzo Mafezoni Pires

O Torneio

Eu e alguns amigos meus, que jogam em uma escolinha de futebol, fomos jogar o capixabinha, ou seja, o Estadual de escolinhas. Era um campeonato Sub- 13, em que apenas menores de 13 anos podiam jogar.

No primeiro jogo, posso não ter feito gol, mas dei 2 assistências, mostrando minha cooperação com o meu time. Meus colegas de escolinha e meus amigos ficaram superfelizes. Pude mostrar também o meu talento pro professor, é claro.

No mesmo dia, jogamos outro jogo. Nessa partida, eu fiz um gol e uma assistência, mostrando, de novo, a minha capacidade de ajudar o time e a mim mesmo em um jogo só! Isso tudo é muito difícil.

Esse dia tinha acabado ali, mas o torneio continuava. Uma semana depois, fomos viajar para o sul do estado, jogar contra dois times, de novo. Eu, no primeiro jogo, dei 3 assistências e fiz um gol, mostrando minha capacidade de dar passes para os colegas de time e de ajudar o time no placar. No segundo jogo, já na fase do mata-mata, eu dei um passe para gol! Pena que esse gol foi anulado por impedimento, o que, se não fosse o bandeirinha, teria sido mais uma assistência minha. Eu não fiz nenhum gol neste segundo jogo. Assim, foi o meu primeiro jogo sem fazer gol sem nem dar um passe para gol.

Voltando para Vitória, animados com a fase do time e com a chance de ganhar esse campeonato. No caminho de volta, paramos em Domingos Martins para almoçar. Quando eu cheguei no restaurante, tinha uma família pedindo dinheiro, pois estavam passando por necessidades financeiras. Eu peguei todos os 50 reais que minha mãe tinha me dado para gastar na ida e na volta e falei que iria pagar o almoço para eles. Eles aceitaram e eu chamei-os para almoçar com o time. A maior parte do time aceitou e eles comeram com a gente.

No final do almoço, eles agradeceram, perguntaram o que nós fazíamos. Falei que nós éramos de um time de futebol feito por crianças, ou seja, uma escolinha. Também falamos que tínhamos saído do sul do estado e estávamos indo para Vitória. Eles nos desejaram boa sorte no nosso caminho.

Nos outros jogos (só restavam mais 3) nós vencemos todas as partidas! Terminou o campeonato invictos, com 100% de aproveitamento! Eu fui eleito melhor do campeonato, com 8 assistências e 6 gols, mostrando que me importo mais com os companheiros do que comigo mesmo. E isso, junto com tudo o que passamos em equipe na viagem, é cooperação!

Gabriela Araujo Barbosa

Uma amizade

Minha amiga Elisa nasceu uma menina linda e feliz. Porém, assim que pequena, foi diagnosticada com uma doença que atinge crianças de todo o mundo, a Síndrome de Down. De acordo com o passar do tempo, ela foi crescendo. Assim como toda criança, ela tinha o direito de ir para a escola.

Ela chegou na minha escola no meio do ano por não ter se adaptado bem a sua antiga escola. Assim que ela chegou, no seu primeiro dia de aula, nossos colegas não gostaram dela. Eles não gostavam porque achavam que sua aparência não era “normal”, assim como a sua fala. Mas eu pensei muito diferente de todos ali.

Eu olhei para Elisa, desde a primeira vez, como uma colega como todas as outras. No recreio, Elisa tentava conversar com as outras meninas, mas elas não a deixavam nem brincar nem comer com elas. Ao ver isso, eu fiquei muito desapontada. Por não ter gostado, decidi agir. Tomei a decisão de ir conversar com as meninas para elas incluírem a Elisa no grupo. Eu disse:

- Oi, gente. Bom dia!
- Oi!
- Eu quero falar algo para vocês. Eu acho muito errado o que vocês estão falando e fazendo com a Elisa. Parem, isso não é legal! Se vocês não pararem, eu não falo com vocês até vocês a incluírem no nosso grupo.
- Pode esperar que a gente não vai falar com ela nunca!
- Então está resolvido.

No mesmo dia, eu comecei a falar muito com Elisa. Na escola, rapidamente começamos a nos tornar amigas inseparáveis. Todo recreio, comíamos juntas, brincávamos juntas. Éramos verdadeiras amigas.

Já no outro grupo, as meninas ficaram com inveja da amizade que estávamos construindo. Elas, apesar de no começo ficarem sempre rindo, estavam sentindo falta de Helena no grupo.

Até que, em um dia, elas pediram para lanchar com nós duas. Nós deixamos, e todas lanchamos e nos divertimos juntas na hora do recreio. Elas

perceberam como a Elisa era uma menina superdivertida. Elas entenderam que Elisa, como qualquer outra menina, tinha muitas qualidades. Com o passar dos meses, a amizade do nosso grupo só se fortaleceu e ficou mais forte que nunca. Elisa ganhou as amigas e ficou mais feliz que tudo. E as meninas perceberam que o que importa está sempre no nosso interior.

Helena Pezzin Bonelli

Amigas na cozinha

Um dia, eu e minha amiga Maria observamos que havia muitos ingredientes na minha casa para se fazer um bolo de chocolate. Por isso, resolvemos chamar outros amigos nossos para nos ajudar a fazer o bolo. Assim, seria muito mais rápido e também divertido.

Primeiro, pedimos ao nosso amigo Gustavo para nos ajudar, mas ele disse que não, pois estava muito cansado e não queria comer doce naquele dia. Depois, falamos com a Julia e perguntamos se ela queria nos ajudar. Quando ela soube o que era para fazer, ela deu uma desculpa e disse que teria que arrumar a sua casa porque estava uma bagunça.

Então, fomos ver com outro grupo de amigos. Convidamos a Clara, mas ela também disse que não iria conseguir ajudar pois tinha muitos trabalhos para

fazer. Então, deixamos essa ideia para lá. Decidimos fazer logo o bolo sozinhas.

Até que nossa ideia foi boa e divertida. Conversamos, raspamos a colher, fizemos uma calda de chocolate para acompanhar. Quando o bolo estava assando no forno e com um cheiro muito bom, decidimos postar uma foto dele.

Na hora, todos os nossos amigos começaram a mandar mensagem para nós. Eles queriam comer um pedaço do bolo! Outras pessoas vieram na nossa janela falar como o bolo estava cheirando bem.

Então, nós logo estendemos a toalha na mesa e pegaram uma faca. Cortamos pedaços do bolo, jogamos calda por cima e postamos uma imagem no Instagram.

Nós decidimos responder algumas mensagens dos nossos amigos escrevendo: “Quando pedimos a ajuda de vocês, vocês não quiseram vir. Agora que viram a foto do bolo, querem comer também. Tudo bem, eu dou um pedaço para vocês. Mas, na próxima, o que acham de vir nos ajudar e aproveitar também?”

Ficamos um pouco chateadas na hora. Mas, no fim, terminou tudo bem. Eu e Maria trabalhamos juntas e agora temos um delicioso bolo de chocolate

cheio de calda para comer. Nossos amigos vieram buscar os pedaços, comeram com a gente e também adoraram. E você, quer um pedaço também?

João Marcos De Paula Santos

Ajuda Emocional

Em 2019, mais especificamente no dia 31 de dezembro de 2019, o clima pós Natal, véspera de Ano Novo, estava na casa de meus avós maternos. Naquele dia, nada poderia dar errado. Era isso o que eu pensava.

Por volta de 16h desse dia, meu avô recebeu a notícia que a sua mãe tinha acabado de falecer. Naquele momento, ficamos muito abalados e tristes. Mas, mesmo assim, não descartamos a festa de Ano Novo. Eu e minha família aproveitamos bem o clima, na medida do que era possível.

Agora, focado para cooperação, vi meu avô, dias depois, abalado com a morte de sua mãe. E eu, como um bom neto, fui consolá-lo pelo ocorrido. Primeiramente, eu fui dizer que nada estava perdido e que estava tudo bem. Mas, ele não estava crendo nisso. Então, eu tive que me importar mais com ele e conversar mais com ele.

Estávamos conversando quase todos os dias. Eu estava tentando fugir do assunto ruim e ficamos muito tempo nessa conversa todos os dias depois de seu trabalho. Mas, ele resolveu abrir o seu guarda-roupa que tinha fotos dele com seus irmãos e sua mãe. Novamente, ele ficou abalado e voltou a lembrar dos momentos com sua mãe.

A partir dali, eu tomei a decisão de remover todas as fotos dele com sua mãe e guardá-las para ele ver quando ele estivesse melhor. A partir daí, ele ficou melhor emocionalmente, estava feliz. Por um tempo, ele não se lembrou muito daquilo, mas eu não parei de conversar e interagir com ele.

Eu fazia companhia, mostrava vídeos de diversos assuntos sem falar sobre família e, pelo visto, deu certo. Mas, claro que eu também pedi a ajuda de vários familiares para cuidarmos do meu avô. A partir dali, viramos muito amigos, já que antes eu não conversava tanto assim com ele. Às vezes, eu até o ajudava em sua loja. Principalmente quando ele não estava bem para trabalhar. Até hoje, conversamos diariamente e quando ele está abalado emocionalmente, eu o ajudo e vice-versa.

O tempo foi passando e o que antes era triste se tornou uma lembrança carinhosa para ele. Ele voltou a ver as fotos e a falar sobre o assunto. Me sinto orgulhoso em ter ajudado meu avô naquele momento difícil. A ajuda emocional pode ser um ato muito bonito de cooperação.

Livia Gonçalves Barbieri

A rifa

Eu faço ginástica há uns 7 anos. Recentemente, entrei em uma academia de ginástica nova. E, por ela, fiquei sabendo do torneio nacional de ginástica artística que iria acontecer.

Eu fui convidada a participar. Eu aceitei de primeira, lógico, mas meus pais não. O problema não era nem eu ir, o problema era que não tinha como eles pagarem pelo torneio!

Eu fiquei muito triste no início. Mas, em um outro dia, minha mãe ficou além do horário no treino para conversar com minha treinadora. Ela me disse que, no último torneio, as atletas fizeram rifas de cestas de chocolate para conseguir pagar o torneio.

Os treinadores também ajudavam as meninas a venderem as rifas, por exemplo, sexta-feira, depois do treino, eles iam em uma pracinha lá perto da academia para vender rifas, pois ela ficava lotada sexta.

As meninas também fizeram uma parceria com um dono de uma loja de eletrônicos. Ele deu a elas um fone gamer, um fone sem fio e um carregador, então elas colocaram como prêmio da rifa.

Eu e minhas colegas de ginástica decidimos agir juntas e começamos a vender rifas com um prêmio em dinheiro para os nossos conhecidos. Sozinha, eu acabei não vendendo muita coisa. Mas, com a ajuda da minha mãe e das colegas de equipe, eu consegui vender uma cartela toda! Isso nos ajudou muito! E cada uma foi se ajudando. Por exemplo, tínhamos que pagar uma certa quantia para um dia, mas uma menina não tinha conseguido aquele valor.

Então, minha mãe pagou para ela e ela depois pagou a gente de volta.

Essa história de cooperação está dando muito certo, mas ainda não acabou. ainda continuamos vendendo nossas rifas e sonhando com nossa viagem ao Torneio! Temos mais uns dias até o campeonato começar e não queremos parar.

Lucas Alessandro Rodrigues De Souza

Ida ao shopping

Um dia, eu, meus pais e meus irmãos fomos ao shopping. Nós fomos lá almoçar. Quando chegamos, meu pai viu um menino na porta do shopping pedindo comida, pois ele estava com muita fome. Querendo ajudar, meu pai foi até um restaurante que fica dentro da praça de alimentação.

Ele comprou um prato enorme de comida para o menino e ainda comprou bala, sorvete e chocolate. Resumindo, ele comprou quase a loja inteira para o menino poder comer. E, ele ainda deu dinheiro para ajudar ele e sua família.

Confesso que, de início, eu não entendi bem e fiquei com um pouco ciúmes dele. Eu chorei no meio do shopping, mas também, eu só tinha 5 anos. Meu pai, vendo que eu não tinha entendido a situação, veio conversar comigo. Ele me disse que, quando você puder, sempre ajude o próximo. Ele me ensinou também que o nome disso é empatia e cooperação.

Depois desse dia, eu nunca me esqueci dessa história. Eu sempre procurei ajudar o próximo. Aliás, a partir desse caso, tenho outra história para contar.

Três anos depois desse dia, eu fui em um supermercado fazer uma compra que minha mãe pediu. Ela tinha me pedido para comprar café, leite e arroz. Levei o dinheiro e comprei. Fiquei com 50 reais de troco.

Do outro lado dessa rua, tinha uma padaria. Na porta da padaria, tinha um rapaz sentado no chão, pedindo dinheiro. Como eu fiquei com os 50 reais de troco, a mulher do caixa tinha me dado duas notas de 20 e uma de 10 reais. Então, eu decidi ajudar dei 20 reais a ele.

O rapaz ficou muito feliz e disse que ninguém queria ajudar ele antes. Ele me perguntou por que eu dei o dinheiro, e então eu me lembrei do que meu pai tinha me dito três anos atrás. Eu disse para ele que, quando eu pudesse, sempre ajudaria o próximo. Disse que isso se chama cooperação e que temos sempre que cooperar uns com os outros.

Luiza Moraes Carletti

Aventura de barco

Eu e minha família viajamos para um lugar chamado Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro. Estávamos superanimados com essa viagem de férias. Como a cidade é uma ilha, tínhamos que pegar um barco para poder chegar lá. Quando eu e minha prima ficamos sabendo disso, ficamos com muito medo. Nós até tomamos um remédio para não passar mal durante a viagem, pois estava chovendo e o mar estava muito bravo naquele dia.

Quando chegou a hora de entrarmos no barco, eu fiquei pensando em várias coisas negativas que poderiam acontecer, como o barco afundar ou o barco virar com a gente dentro dele! Eu nunca tinha andado de barco antes, apenas de lancha. As lanchas são menores e andam bem mais devagar, ainda mais quando o mar estava agitado dessa forma.

Eu me sentei na parte mais atrás, pois o barco era coberto e, na parte da frente do barco, a água chegava a respingar e bater nas pessoas. Quando o barco deu partida e começou a andar, eu estava tremendo! Mas, fiquei de mãos dadas com minha prima, o que nos aliviou um pouco o medo. O barco estava se mexendo e sacudindo muito, eu juro que parecia que ele ia virar. Mas, corajosas, continuamos a viagem.

Resolvi me acalmar e começar a me divertir com a situação. Levantei os braços, como se eu estivesse em um parque de diversões, e gritei:

— UHUUUUUL!

Comecei a gostar da viagem e minha prima também. Apesar do medo, decidimos observar a paisagem e nela vimos várias ilhas (pequenas, ainda não era a Ilha Grande, o destino final). Vimos também animais super diferentes nessa paisagem, como pássaros, peixes, garças e até golfinhos. Acabamos que nem vimos o tempo da viagem de barco passar! Quando estávamos quase chegando, a Ilha Grande, reclamamos:

— Ahhh, mas já?!

Chegamos! Foi uma grande aventura e, no final, foi divertido à beça. Eu ajudei minha prima e ela me ajudou. Com nossa cooperação, superamos os

nossos medos e aproveitamos a viagem. Nossas férias foram incríveis! Com certeza, eu voltaria lá em Ilha Grande, até mesmo em dias chuvosos.

Manuela Alvarenga Almeida

A Caverna

Um certo dia, eu e minhas amigas Bárbara, Suzana, e Claudinha combinamos ir a nossa cabana na árvore. Construímos essa casa com nossas mães, quando tínhamos 6 anos de idade, no meio da floresta perto da casa de Claudinha. Quando estávamos indo para lá, a Bárbara sumiu no meio do caminho. Eu e as outras meninas ficamos muito preocupadas, porque não estávamos vendo nossa amiga em nenhum lugar no meio daquelas árvores.

De repente, ouvimos um grito alto. Saímos correndo quando percebemos que o grito era da Bárbara. Quando chegamos ao lugar de onde ouvimos o barulho, avistamos uma caverna. Na hora, pensamos que aquele lugar seria o primeiro lugar que talvez a Bárbara iria para buscar abrigo. Então, pegamos nossas lanternas e fomos buscá-la.

Chegando na entrada da caverna, percebemos que o chão ainda estava molhado. Tinha chovido na noite passada. Assim que colocamos o pé para dentro da gruta, escorregamos para o fundo da caverna.

Por 5 minutos inteiros, ficou tudo escuro. Assim que conseguimos enxergar algo, graças à lanterna que Suzana tinha levado, percebemos que a Bárbara estava bem do nosso lado nos cutucando e nos chamando para acordar. Até que, Bárbara disse:

— Meninas, acho que torci meu tornozelo.

Então, tudo ficou em silêncio. Só dava para ouvir o da caverna e do vento batendo nas árvores. Até que, Suzana disse:

— Gente, eu tive uma ideia para sairmos daqui. Claudinha, você vê se tem algo para amarrar o tornozelo da Bárbara. Manu, você pega seu telefone e vê se consegue sinal. E eu vou tentar achar alguma coisa para nos ajudar a sair daqui.

Depois de fazer tudo o que ela pediu, eu disse:

— Meninas, nossos telefones quebraram com a queda, não vamos conseguir pedir ajuda.

Então, a Claudinha disse:

— Não vamos desistir por isso! Eu já amarrei o tornozelo da Ana com essa faixa e a Suzana achou uma corda. Então, vamos lá!

Então tudo aconteceu. Conseguimos pendurar a corda em uma pedra e fomos nos segurando uma na outra, enquanto íamos nos puxando para fora daquele lugar. Conseguimos!

Assim que saímos, ouvimos um uivo. Foi quando percebemos que aquela caverna era, na verdade, de uma alcateia de lobos! Saímos todas correndo. O nosso correndo era, na verdade, a maior velocidade que a Bárbara podia alcançar com o seu tornozelo torcido. Conseguimos ir para longe do barulho.

Por sorte, os lobos não nos perceberam ali perto. Conseguimos, depois disso, chegar na nossa casa na árvore. Como já estava escuro, decidimos dormir por lá mesmo.

No dia seguinte, não tivemos nenhum problema e tudo deu certo. Arrumamos as nossas coisas e fomos para a nossa casa. Carregando a Bárbara, claro. Que nessa hora seguia urrando de dor.

Maria Fernanda Rabello De Aguiar

Cooperação e diversão

Ano passado, eu e algumas amigas da escola fomos fazer um trabalho voluntário, ajudando a limpar a Praça dos Namorados. Fizemos isso durante 4 dias seguidos. A experiência foi toda muito legal, pois estávamos ajudando a limpar a praça e estávamos fazendo uma caminhada ao mesmo tempo.

Mas, tinha um menino lá que se chamava Lorenzo. Ele tinha 9 anos de idade e só fazia reclamar o tempo todo. Ele era muito chato!

No segundo dia, ele fez um escândalo. Ele pegou a lixeira onde estávamos colocando o nosso lixo e virou-a de cabeça para baixo, deixando cair todo o lixo, de propósito. Eu fiquei muito chateada, mas a Charlotte, minha amiga, ficou mais chateada ainda do que eu. Ela, então, foi lá conversar com o Lorenzo.

Ela disse a ele que ele não deveria ter feito isso e que ele deixou todo mundo ali do projeto muito chateado. Lorenzo, como resposta, falou que nem queria estar ali, só estava, pois, sua mãe o mandou. Charlotte lhe disse que, mesmo que ele não quisesse fazer o trabalho, ele poderia aproveitar a oportunidade para fazer novos amigos.

Logo depois que ela disse isso, o organizador do trabalho voluntário viu tudo aquilo e parabenizou Charlotte pela atitude. Mas, ele também disse que ligou para mãe do Lorenzo para que ela viesse buscá-lo. Disse também que, mesmo tendo aprontado, ele iria voltar no dia seguinte. Lorenzo, então, foi embora.

Eu fiquei pensando se ele realmente tinha aprendido a lição. Pensei também que, nos dois dias restantes de projeto, eu esperava que ele não fizesse mais isso, pois deu um trabalhão para limpar tudo o que ele jogou no chão.

No dia seguinte, Lorenzo chegou e pediu desculpas a todos, especialmente para a Charlotte. Ele disse que não iria mais fazer aquilo. Ele se transformou e ajudou muito o grupo naquele dia e no dia seguinte. Dessa forma, com todos cooperando, a experiência ficou ainda mais divertida!

Maria Flor Sessa Pedruzzi Nascimento

Um dia na cachoeira

Eu estava a caminho de uma cachoeira muito linda, exótica e radical. Parecia o melhor dia para ir, pois o sol estava brilhando lindamente e o calor era imenso, seria bom se refrescar. O caminho também era muito bonito. Como o nosso destino era longe, nossa viagem estava prevista para três dias intensos e quentes dentro do carro até chegarmos lá.

Eu e minha família passamos por muitos lugares nesse caminho, incluindo uma outra cachoeira muito bonita. Nossa primeira parada foi em uma pousada, ela era isolada do resto das pousadas, mas, ainda assim, era muito acolhedora. Ela tinha um café da manhã ótimo e uma vista para uma pequena trilha na qual não tivemos tempo de ir. Infelizmente, no caminho até a próxima parada, tivemos um pequeno contratempo: o volante do carro parou de funcionar, e no lugar em que paramos, não havia absolutamente nada. Nós tivemos que chamar o seguro do carro e ir até a próxima pousada de táxi.

No dia seguinte, já com um carro reserva, fomos a uma cachoeira que era simplesmente magnífica! Ela tinha pedras no meio da água, então não podíamos tomar banho. Apesar das pedras, essa cachoeira tinha a água mais cristalina já vista pelos meus olhos. Como nada dura para sempre, tive de deixar aquela vista bonita e incrível para que enfim pudéssemos continuar a nossa viagem até a tão esperada cachoeira (essa sim, a do destino final).

Depois de muita discussão, resolvemos ir à praia. Os ventos daquele lugar eram muito fortes, as ondas eram altas e chegavam na areia muito rápido. O mais seguro era ficar apenas olhando. A última coisa que queríamos era uma pessoa machucada.

Quando íamos de volta para o carro, ouvimos um grito. Era o grito de uma pessoa se afogando. Nós decidimos voltar para a praia e interrompemos o andamento da nossa viagem para poder ajudar essa pessoa levá-la para um hospital. Ela agradeceu a nossa ajuda e disse que esse foi um ato de solidariedade e cooperação. Naquele momento, nossos rostos se alegraram e

não conseguimos esconder a expressão de felicidade. Mas, ainda precisávamos levá-la ao hospital e foi isso que fizemos.

Depois de deixarmos ela sendo atendida pelos médicos, nos despedimos. Eu e minha família continuamos nossa viagem. Porém, sem esperar, tivemos outro contratempo: meu irmão desmaiou de cansaço por causa de toda essa aventura. Então, mais uma vez, precisamos voltar ao hospital.

Chegando lá, logo nos disseram que a causa do desmaio dele era de uma privação do sono e que, se isso voltasse a acontecer, precisaríamos tomar outras medidas.

Com essa parte resolvida, logo continuamos nossa jornada. Passamos por uma cidade pequena do interior, e lá, todos os cidadãos lutavam por uma causa específica. Vimos uma placa com uma campanha que dizia "Tchau estrada de chão, olá asfalto". As doações para essa campanha estavam baixas, de acordo com o anúncio, e nós ainda não havíamos nos importado muito com aquilo.

Até que, ao vermos um morador de rua sentado bem abaixo da placa, repensamos as nossas atitudes. Resolvemos doar 500 reais para campanha - o que ainda era pouco comparado perto do que precisavam - mas era um terço do que ainda nos restava na viagem. Conversamos também com o morador de rua e ajudamos com um outro pedaço da quantia.

Todo o resumo dessa viagem foi um grande ato de colaboração e cooperação. Com esse sentimento de gratidão dentro de nós, resolvemos voltar para casa sem finalizar a viagem até a sonhada cachoeira. O nosso dinheiro havia ido quase todo embora e precisávamos pagar ainda pousadas e restaurantes. O carro também estava com problemas, o tempo estava passando e meu irmão ainda não estava melhor. Então, voltamos.

Depois de muita conversa e muitos cochilos dentro do nosso carro reserva e embaixo de um sol ardente e brilhante, chegamos em casa. Conseguimos descansar levando juntos a memória dessa viagem que foi inusitada, porém cheia de histórias bonitas para contar.

Miguel Depiante Magalhães Ferreira

Amigo de quatro patas

Certo dia, quando eu estava na casa da minha vó, eu escutei alguém chamar no portão. Quando eu me virei e vi, eu olhei duas crianças que estavam com uma caixa de papelão nas mãos. Dava para ouvir de longe um barulho estranho, como se dentro da caixa alguém estivesse chorando. Parecia um chorinho de um filhote de cachorro.

Então, fui para perto do portão para ver o que os meninos segurando a caixa queriam. Logo que me aproximei, os meninos me pediram ajuda, pois estavam com fome e ainda precisavam alimentar o cachorrinho que estava dentro da caixa. Então, eu entrei para dentro de casa para buscar algum tipo de alimento para dar para eles.

Quando voltei para entregar a comida que minha avó tinha me dado, eles começaram a contar a sua história. Eles me disseram que vieram do interior do estado e que eram irmãos. Disseram também que tinham vindo para cá naquela noite visitar uma tia, e encontraram a caixa na rua com o filhote dentro. Eles acabaram gastando o dinheiro que os pais deram para cuidar do cachorro, e ficaram sem nada.

Então, eu peguei o filhote de cachorrinho para mim e dei dinheiro para eles voltarem para suas casas. Descobri que eram, na verdade, dois cães de cor preta e de olhos pretos lindos. Eu e minha família fizemos uma campanha e botamos os dois para a adoção. Acabou que, um deles, fui eu mesmo quem adotei. O nome dele é Pepe, ou Pretinho, chamamos ele dos dois nomes. Ele hoje está muito grande, lindo e forte!

Milena Alvarenga Almeida

Cooperação maluca

Em um certo dia, eu e minhas 3 amigas decidimos acampar. Primeiro, nós precisávamos pedir a autorização dos nossos pais. Conseguido isso, tínhamos que arrumar as coisas e ir.

Pedimos para os nossos pais e eles deixaram. Em seguida fomos para a minha casa decidir os detalhes e arrumar algumas coisas, como roupas e material de acampamento. Depois de um tempo, tudo já estava pronto e botamos o pé na estrada!

Nós passamos a viagem cantando a música “*rain tacos*”, foi muito legal. Até que, infelizmente, percebemos que a gasolina do carro que estávamos acabou. Não tínhamos percebido que a luz já tinha acendido e o carro estava apitando. Como não tinha um posto de gasolina ali perto, decidimos parar o carro na beira da estrada e acampar ali mesmo. Nossa amiga, a Heloísa, começou a ficar muito nervosa com isso. Mas, logo conseguimos acalmá-la. Após montarmos as barracas, fomos procurar gravetos para conseguir montar uma fogueira.

Demorou um tempo, mas nós conseguimos acendê-la. Por sorte, a fumaça e o fogo de nossa fogueira chamaram a atenção de um helicóptero da polícia que passava ali perto. Achando que era um sinal de perigo ou de alguém pedindo ajuda, o helicóptero pousou. O piloto perguntou se nós estávamos bem. Falamos tudo o que havia acontecido, e ele (o piloto do helicóptero) foi superlegal e nos ajudou a voltar para casa, nos dando uma carona. Que dia doido! Sorte que ele ainda tinha algumas barrinhas de cereal para nós comermos, porque estávamos morrendo de fome.

Quando chegamos em casa, nossas famílias ainda brigaram com a gente porque nós ficamos um tempo sem avisá-lo do nosso sumiço. Bom, sem sinal de telefone e paradas no meio do nada não iríamos conseguir mesmo. Mas, no final, vimos que nossas famílias estavam aliviadas de nos ver bem e, agora, com mais uma história maluca para contar. Pelo menos estávamos uma ajudando a outra na hora desse apuro!

Pedro Morati Zardo

Missão espacial

Éramos 15 tripulantes em uma aeronave. Infelizmente, dois desses tripulantes estavam corrompidos. Tínhamos apenas um destino de chegada. Esses dois tripulantes mal-intencionados tinham o objetivo de sabotar a nossa missão e a nossa nave.

Os tripulantes corrompidos começaram com seus jogos mentais com o resto da tripulação. Começaram a tentar convencer eles a abortar a missão. Os outros tripulantes ficaram confusos com tudo isso. Tentavam conversar com os corrompidos e não estavam entendendo nada do que estava acontecendo.

E perceberam que um desses caras tinha danificado a nave em que eles estavam. Um timer de uma hora começou a apitar. A nave estava dando pane! Vermelho, um dos bons tripulantes, disse:

— Oh-oh, e agora, pessoal?

Mas, talvez já fosse tarde. Eu tentei usar os meus conhecimentos de aeronave e dei um comando para Vermelho:

— Digitem o código do manual!

— Ok, capitão! - todos disseram.

Deu certo e o alarme parou de tocar. Decidimos enfrentar os corrompidos. Nos dividimos em equipes e começamos a tentar digitar os códigos no sistema. Queríamos tentar ejetar os corrompidos da nossa espaçonave. Branco, um dos tripulantes, diz para mim:

— Capitão, tem um corrompido na sua frente!

Rapidamente, eu consegui me livrar dele e digitar o código no painel. Consegui ejetar este sabotador!

Vermelho conseguiu digitar o código rapidamente e, antes que o outro corrompido visse, também foi ejetado da nossa missão. O tripulante Banana disse:

Mais um final feliz! Parabéns, tripulantes! Sem a união do time não conseguiríamos!

Fiquei aliviado por termos vencido e feliz com a união do meu time. Porém, mais missões estão por vir. Oh-oh!

Pietra Trajano Azevedo

O cachorro perdido

Quando eu tinha sete anos de idade, eu e meu pai estávamos passeando perto de uma pracinha em meu bairro. Já era tarde da noite. Tudo ia bem, quando, no caminho para casa, avistamos um cachorrinho de longe. Ele estava deitado, parecendo meio fraco e triste. Chegamos mais perto para entender o que estava acontecendo. Vimos que ele, na verdade, estava perdido de sua casa.

Tocamos a campainha de todas as casas da rua perguntando sobre o cachorro. Mas, todo mundo disse que não sabia que cachorro era esse ou de quem ele era. Eu e meu pai já estávamos tristes, quase desistindo de procurar o dono do cachorrinho. Até que, fomos na última casa da rua. A que ficava mais longe e afastada. Estávamos sem esperanças, mas bom, faltava só ela para terminarmos. E, adivinha?! Não, o cachorro também não era deles! Como já estava tarde, nós desistimos de procurar o dono naquele dia e fomos para casa, levando o cachorrinho.

Por sorte, do lado do meu prédio havia um Pet Shop. Passamos lá e compramos ração, pois o cachorro parecia estar com fome. Montamos uma caminha para ele e botamos água e ração em um potinho. Ele comeu e passou a noite bem.

No dia seguinte, logo quando acordamos, levamos o cachorro no Pet Shop para tomar um banho, pois ele estava bem fedido. Depois, voltamos para casa e esperamos o cachorrinho terminar o banho para buscar ele lá. Depois de um tempo, buscamos ele lá e voltamos para casa. Fomos almoçar e, depois, o meu pai me levou para escola. Nessa época, meu pai trabalhava em casa, então foi mais fácil para cuidar do cachorro.

Já à noite, meu pai foi me buscar na escola. Quando nós estávamos no caminho de volta, vimos que tinha uma plaquinha com a foto do cachorrinho pregada em um poste. Era uma plaquinha de “procura-se” sobre o cachorrinho que encontramos! Fomos correndo ligar para o número do dono do cachorro que estava no anúncio para poder devolvê-lo.

Confesso que fiquei triste por ter que me despedir daquele cachorrinho que eu tinha cuidado por um dia, mas, no fundo, fiquei feliz por ver que ele estava de volta para a sua família de verdade e estava seguro com eles. Fomos juntos, eu e meu pai, levar o cachorrinho para a casa de sua família. O dono ficou muito emocionado e nos agradeceu muito por termos cuidado dele direitinho. Me despedi do cachorrinho feliz, mas com o coração apertado.

No fim das contas, foi uma experiência de cooperação bem legal e marcante na minha vida.

Um por todos e todos pela união

Em um belo dia, eu e meus amigos decidimos nos juntar e jogar uma partida de futebol em um campo que fica no nosso bairro. No começo da partida, estávamos empolgados, jogando normalmente.

Meu amigo Mateus, que estava no outro time, tinha sido chamado atenção algumas vezes pelo juiz porque ele estava chegando forte nas divididas. Nosso time conversou com ele também, pedindo para que ele se acalmasse. Ele pediu desculpas e disse que iria chegar mais devagar. Mas, ele continuou entrando firme nas divididas.

Meu time pediu para que eu, que jogo de zagueiro, entrasse firme nas divididas contra o Mateus também. Mas, eu disse a eles que não iria pagar na mesma moeda e cair na mesma mancada que ele. E, também, porque éramos amigos. Não queria fazer isso. Por fim, o jogo correu bem e terminou empatado. No dia seguinte, iríamos ter um jogo importante. A final da Copa Capixabinha. O Mateus joga no meu time, que iria disputar a final desse campeonato. O time estava um pouco brigado com o Mateus, por causa da situação que aconteceu no jogo-treino anterior. Decidimos evitar tocar a bola para ele neste jogo, com medo dele também agir com violência.

No primeiro tempo da final, começamos o jogo perdendo por 2 a 1. Nosso time não estava bem, estava nervoso. Quando um jogador perdia a bola, logo um ficava culpando o outro por isso, o que causou pequenas brigas em campo. Acabou o primeiro tempo e o time continuou evitando de tocar a bola para o Mateus, que estava muito nervoso.

No segundo tempo, as discussões dentro do time continuaram. Até que, um jogador do outro time entrou dando um carrinho violento no Mateus, que se machucou feio no lance. A partida ficou um tempo parada até que ele se recuperasse e pudesse voltar a jogar. Quando o Mateus voltou a campo, nosso time se uniu e decidiu deixar para trás aquele combinado sem sentido. Começamos a tocar a bola para ele de volta, e nosso desenvolvimento melhorou.

Logo depois, com nossa união, conseguimos fazer um gol e empatar em 2 a 2. Com isso, o jogo foi para os pênaltis.

Foi uma disputa acirrada, mas com uma defesa do nosso goleiro e uma cobrança perfeita de Mateus no final, nosso time levou a Copa Capixabinha!

Nosso técnico nos disse que, por mais que tenham ocorrido alguns desentendimentos e discussões, foi a nossa união e cooperação um com o outro que fez com que tudo mudasse. Quando você coopera e ajuda com quem você convive, tudo muda junto! Por conta disso, eu ressalto a importância de nos unirmos. Um por todos e todos pela união.

Sara Dos Santos Cunha

Cooperação mágica

Eu sou uma bruxa. Trabalho com meu amigo, duende Craig, e o meu gato. Nós todos morávamos em uma grande casa, no alto de um morro, onde as flores se espalham, perto de uma floresta.

Em uma noite chuvosa, eu estava fazendo uma poção. Até que, percebi que eu não tinha o último ingrediente: um cogumelo raro, que só era encontrado no meio da floresta.

Eu não poderia ir naquela hora, pois já era tarde da noite. A hora em que os fantasmas e criaturas estranhas acordam e vagam por lá. Sendo assim, parei de fazer minha poção e fui dormir para acordar cedo e ir à floresta.

No dia seguinte, comecei a me arrumar antes do amanhecer. Depois, fiz um lanche. Chamei o duende e o gato e partimos em busca do cogumelo. Quando estávamos entrando na floresta, o céu se fechou e começou uma forte chuva com trovoadas altas. Rapidamente começamos a procurar um abrigo e o gato nos chamou dizendo que encontrou uma pequena caverna. Ficamos lá por um tempo esperando a chuva diminuir.

Assim que ela parou, começamos a procurar o cogumelo. Nos separamos e cada um foi para uma direção diferente. Combinamos de que, quando se passasse mais de uma hora, todos iríamos nos encontrar no mesmo lugar onde estávamos.

Passou um tempo e nada deles. Até que, uma pequena e adorável criatura, parecida com uma fada, apareceu na minha frente e começou a voar em direção a um lugar escondido lindo. Ela parecia estar me guiando e eu estava certa. Ela me mostrou exatamente o que eu queria: o cogumelo.

Só havia um, então peguei-o e guardei em minha bolsa. Agradei a fadinha e ela pediu para ficar comigo. Fiquei um pouco em dúvida, mas ela poderia ajudar a gente, então deixei ela vir comigo.

O céu já estava prestes a começar a escurecer, então, não perdemos tempo e fomos até o lugar onde combinamos de se encontrar. Chegamos a

tempo, antes de escurecer. O duende e o gato já estavam lá me esperando. Mostrei a eles o cogumelo e eles ficaram superanimados.

— Calma aí, quem é essa aí voando do seu lado? - perguntava o duende, com uma cara de quem não gostou muito da surpresa.

Eu respondi, então, quem era e que ela ficaria com a gente por enquanto.

— Hum, bem. Se ela vai nos ajudar por mim está bem então. - o duende falou.

Depois de um tempinho, fomos dormir.

No dia seguinte, acordei e percebi que eu não estava com a mochila, pensei que, com certeza, alguém havia roubado. Acordei todo mundo da casa e expliquei o que tinha acontecido. Começamos a procurar e pedimos à fadinha para usar seus poderes e me ajudar a achar essa bolsa. Deu certo!

Uma pessoa estava sentada embaixo de uma árvore próxima a nossa casa, segurando o cogumelo. Estávamos espiando ela de uma moita ali perto. Ela percebeu e começou a correr. Então, fomos atrás dela.

Enquanto corríamos, caímos todos em um buraco fundo. A pessoa estranha caiu também, e ela parecia estar desacordada. Então, nós tentamos pegar o cogumelo de sua mão. Conseguimos!

Amarramos ela em uma corda e esperamos ela acordar. Quando ela acordou, começamos a perguntar quem ela era. Ela se apresentou como Tonica, e gritou para nós que nós devolvêssemos o cogumelo. Óbvio que eu não dei. Mas, fiquei curiosa e perguntei para que ela queria. E, sua resposta me deixou bem surpresa, até.

— Eu preciso dele para uma poção para salvar minha mãe! - gritou Tonica.

Pedi a ela um minuto para discutir isso com meus amigos. Entramos em um acordo e resolvemos tentar ajudá-la.

— E aí, posso pegar ou não? - a garota perguntou.

— Não. Mas se você vier com a gente, vamos te dar uma parte da poção que você precisa. - falou o gato.

— E então, o que acha? - perguntou a fadinha.

— Hmm. Está bem, eu aceito. Mas agora me soltem! - pediu Tonica.

Assim, saímos daquela caverna juntos e fomos até minha casa para terminarmos a poção. Nós dividimos a poção e demos à menina uma parte que

Caminhos para o futuro: construindo valores

ela precisava. Ela ficou grata! Sua mãe logo melhorou. E nós, viramos amigas. Continuamos trocando receitas de poções até hoje.

Sofia Bunjes Fontes De Faria Brito

Ótima sensação

Eu sou considerada uma das pessoas mais inteligentes da minha sala, com as notas mais altas, o "sabe-tudo" e mais outras coisas.

Por isso, sempre me pedem ajuda para estudar para as provas ou com os deveres de casa, debater o que foi respondido em provas ou avaliativas, entre outras coisas.

Na verdade, eu não tenho nenhum problema com isso, gosto de ajudar. Por exemplo, na última semana de provas, todo mundo ficava pedindo para ajudar a estudar, como "O que significa [...]", "Como faz [...]", "Quer estudar em chamada de vídeo?". Essas coisas, no mesmo dia, vindas de várias pessoas diferentes. E eu ajudei todas sem hesitar! Com isso, eles estudam, revisam e eu também posso estudar e revisar.

Hoje, por exemplo, eu só sou uma das melhores amigas da Giulia porque nós nos falamos um dia e ela me pediu para estudarmos juntas. Isso tudo aconteceu quando ela faltou em um dia de aula e me pediu ajuda para que pudesse entender melhor a matéria que perdeu. Por mensagem de celular, ela me pediu tudo o que tinha ocorrido no dia. Eu a ajudei e ela ficou muito grata! O nosso papo desenrolou-se a partir daí e acabamos virando superamigas! Fiquei muito feliz de poder ter colaborado com ela e ainda ter me aproximado de uma pessoa superlegal.

Enquanto eu estou aqui escrevendo esse relato, recebi outra mensagem pedindo ajuda com os estudos e o que eu fiz? Ajudei também.

No final de tudo, essas histórias que compartilhei me deixam feliz em saber que as pessoas gostam da minha ajuda e confiam em mim para ajudá-las. É uma ótima sensação saber que eu pude ajudar alguém com algo tão importante como os estudos. Fico feliz de ver a gratidão dos meus amigos pela minha ajuda e de ver que eu realmente consigo fazer a diferença na vida deles. Por isso que, na vida, sempre que eu tenho a oportunidade de colaborar, eu nunca recuso. Quem me conhece sabe disso. Colaborar, para mim, nunca foi uma questão de escolha, é um princípio de bem.

Talita Toledo Parpaiola

Sobre cooperação

Meu amigo Erick estava passando por uma situação muito difícil e ele não sabia lidar muito bem com ela. Ele tinha dificuldades até mesmo de explicá-la. Ele parecia que tinha entrado em um buraco negro, que, a cada dia que se passava, ficava mais calado.

Eu estava triste e não sabia como ajudar meu caro amigo. Mesmo se eu tivesse condições, eu sabia que um presente muito caro, como um carro luxuoso, ou até mesmo um show da cantora favorita dele não iria adiantar. Eu precisava dar a ele um tipo de apoio que ultrapassasse questões financeiras.

Até que, eu me lembrei do real significado da palavra “cooperação”. Me lembrei que ela tem muito valor. Cooperação significa uma união de pessoas, ajudando outras a realizar alguma coisa. Cooperação é trabalhar juntos com paciência e afeição. A cooperação existe quando as pessoas trabalham para um objetivo comum. A cooperação requer que se reconheça o valor do papel de cada um e que se mantenha uma atitude positiva diante disso.

Então, naquele momento, eu já tinha decidido o que era melhor fazer para ajudar meu amigo. Não era algo tão difícil, não era algo caro financeiramente. Erick precisava era simplesmente um abraço, de uma palavra amiga, de uma conversa mais sincera.

Me senti muito feliz de ter ajudado ele neste momento, percebi que a empatia, o respeito, o carinho e diversas outras coisas boas vem em primeiro lugar, depois então ajudei várias pessoas que precisavam de mim, não só nos momentos ruins quanto nos bons também.

A cooperação, o carinho, a empatia, o respeito. Há vários exemplos de como podemos ajudar o próximo. E, às vezes, para essa ajuda, não precisamos nem de muito esforço e dinheiro, como nos esportes em grupo, onde os atletas colaboram um com o outro, onde se busca a união.

RELATO PESSOAL

7º ANO - DIVERSIDADE

Amanda Carneiro De Andrade Camatta Rangel

Heróis contra o bullying

Parece que foi ontem. A porta da sala abriu e apareceu um garoto. Ele estava nervoso, não sabia se entrava ou saía. Então, o professor Rafael perguntou:

— Por que não entra?

E o garoto respondeu:

— Eu estou com medo.

De cara, já me identifiquei com ele, pois eu também fico com vergonha diante de pessoas que não conheço. Fiquei com pena dele, mas eu não pude fazer nada. Em segundos, vi a sala inteira rindo dele. Quando o professor viu, pediu que a sala ficasse quieta. Porém, as risadas continuaram e ele quase mandou todos à diretoria.

Eu não aguentei aquela situação, fui até o garoto e peguei a mão dele. Perguntei seu nome. O menino não respondeu, mas o puxei e o levei até a cadeira vaga do meu lado. Foi quando ouvi uns sussurros:

— Que garoto esquisito!

— Ele tem um cabelo tão bagunçado!

— Por que não trouxeram um garoto branco em vez de marrom? Estava muito irritada com aquilo. Não aguentei e gritei:

— Vocês não têm respeito? Ele não tem problema nenhum! Vocês não precisam falar assim!

Quando percebi que eu estava numa sala de aula, e não na minha casa, tive um pouco de medo. Achava que o professor ia me levar para a diretoria, porém ele bateu palmas e falou:

— É verdade. Nunca devemos julgar uma pessoa por sua raça ou outra característica, e sim pelos seus valores.

Os alunos ficaram em silêncio e depois perguntaram ao menino:

— Você já sofreu bullying antes? - questionou Roberto.

— Por que tem tanto medo de se apresentar?" - ficou curiosa Aninha.

— Você já teve um amigo ou amiga para conversar sobre essa dificuldade?
- quis saber Joaquim.

O garoto respondeu que já tinha sofrido bullying na antiga escola, falou que tinha medo de todo mundo rir da cara dele. E que não tinha amigos para conversar. A turma se sentiu tão culpada que prometeu conversar mais com ele e ajudar com os seus problemas. O menino olhou para mim, me agradeceu por ter lhe ajudado a enfrentar seus temores, e me perguntou:

—Você gostaria de ir para a minha festa daqui a 2 dias?

Eu respondi, com entusiasmo:

É claro que vou para a sua festa!

Depois de 2 dias, fui visitar o apartamento de Gabriel e encontrei duas pessoas fazendo bullying com ele. Mais uma vez, não consegui me controlar e falei, irritada:

— Você não está sendo legal com uma pessoa gentil, sabia?

Os meninos disseram que estavam “perdendo tempo” e saíram. Então, estranhei e perguntei a Gabriel:

— Por que convidou esses valentões?

Meio sem graça, ele respondeu:

— Porque minha mãe é amiga da mãe desses valentões. Ela me obrigou a convidar esses meninos.

Comentei, confusa:

— Nossa, que horrível! Olha, não se preocupe. Vou te proteger o tempo todo, tá bem?

Gabriel se acalmou e continuou a festejar. Mas, quando chegou a hora de comer o bolo, eu fixei meus olhos no menino e vi os “valentões” empurrando e machucando ele de novo. Gritei novamente:

— Por que pessoas como vocês fazem isso com alguém tão ingênuo e frágil?

Os “valentões” debocharam:

— Desculpe, mas tenho muito o que fazer com essa pessoa ‘frágil’, como você diz”.

Eu peguei a mão do Gabriel, como aquele dia na escola. Corremos com toda a nossa vontade e fomos parar nos corredores. Nós dois nos sentamos em um sofá e descansamos, até aqueles garotos aparecerem novamente para

acabar com nossa pausa tão merecida. E o ruim aconteceu. Os “valentões” não desistiram e correram atrás de nós dois.

De repente, Gabriel parou e me disse:

— Eu tenho que enfrentar isso. Como você.

Então, ele foi na direção daqueles “valentões” e falou, em tom sério:

— Basta! Quero que saiam de minha festa. Vocês não são pessoas boas. Não sabem o quanto me chateiam, me magoam, com essas brincadeiras de mau gosto. E não adianta falar com a mãe de vocês, duvido que ela saiba os filhos que têm. Sou negro, preto, e me orgulho do que sou.

De cabeça baixa, envergonhados, correram e foram embora. Fiquei orgulhosa do Gabriel, finalmente ele aprendeu a ter coragem de reagir a humilhações.

Quando eu já ia saindo do prédio, o Gabriel me deu flores, onde tinha um cartão dizendo: “Obrigada por me defender diante de tanta confusão. Ass:

Gabriel.”

Dei um beijo, um abraço e agradei a lição de que somos todos diferentes, e não sacos de pancadas. Queremos amor e respeito.

Clarice Carneiro De Andrade Camatta Rangel

Convivendo com as diferenças

Eu costumava viver em um lugar onde todos respeitavam e nunca questionavam o jeito de ser dos outros. Isso sempre me fez estar interessada em cada pensamento, ideia, proposta... me fez ser uma pessoa muito empática na maioria das vezes. Sempre que podia, buscava saber sobre o que levou alguém a fazer tal coisa. Seus motivos, mesmo que as ações sejam muito absurdas.

Uma vez fui à outra cidade para visitar uma tia. Tive uma surpresa, porque não pesquisei muito sobre, mas vi que as pessoas de lá são muito homofóbicas. Fazem qualquer tipo de piadas desnecessárias com pessoas de gêneros diferentes. E, de alguma forma, isso os faz sentir superiores. Não concordo com atitudes como essas, especialmente relacionadas a outros tipos de gêneros.

Levei um primo à uma loja de roupas para comprar um presente enquanto aproveitava o tempo lá. Ele é gay, e recentemente assumiu a sua família. Eu achei uma atitude incrível ele ter assumido o quanto antes, apesar de entender o medo. Isso porque alguns parentes são muito homofóbicos e poderiam não o aceitar. Eu fiquei em choque ao descobrir que seus pais até discutiram se seria uma boa escolha expulsá-lo de casa. Não achei certo, afinal, eles são os pais e deveriam acolhê-lo a todo custo. Ofereci um quarto no meu apartamento, mas ele preferiu se acertar com os pais e provar para eles que isso não é errado.

Voltei para minha cidade e me deparei com um grupo de amigas. Todas estavam com roupas elegantes, exceto uma. Ouvi que estavam indo à uma festa. A menina estava com um blusão e uma calça larga, usando um chapéu escuro e estava sem maquiagem, diferentemente das outras garotas, usando vestidos colados e maquiagem exagerada. As meninas começaram a implicar com ela dizendo que assim ela nunca seria popular ou atraente. Ela não pareceu ligar, ainda bem. Um tempo depois ela preferiu ir sozinha e percebeu que não deveria mudar seu jeito de se vestir por causa de algumas garotas.

É bem difícil quando se trata de pressão social. Nesse caso, a garota apenas saiu e percebeu que era idiotice, mas não é assim na maioria dos casos,

especialmente com adolescentes inseguros. Já passei por isso. Ainda hoje me preocupo, admito. Tento variar um pouco e tentar coisas diferentes, mas que me fazem sentir confortável.

No mesmo dia, tive que ir ao mercado. Peguei minhas compras e fui ao caixa. Depois de um tempo esperando, vi uma mulher com seu filho e um homem. A mulher carregava um peso absurdo nas mãos e acabou derrubando as sacolas. O homem tentou ajudar, porém foi rejeitado aos berros. Ele era negro e a mulher branca. Sabemos que, infelizmente, o racismo é um problema que já causou e ainda causa conflitos que podem levar à morte. A mulher chamou a segurança e disse que o homem estava tentando sequestrar sua criança, o que claramente era mentira, pois pude observar que o menino estava distraído enquanto o homem tentava ajudá-la. Ele tentou se explicar, mas foi obrigado a fazer isso na delegacia. Tentei dizer que era um equívoco, mas já tinham ido.

Voltei para casa e resolvi ler algumas notícias pela internet. Vi que, em uma cidade vizinha, um marido matou sua esposa após estar conversando com outro homem. Esse homem, na verdade, era seu vizinho, que já havia notado que ela estava nesse relacionamento abusivo e quis ajudar. Ele foi preso e condenado a 6 anos de prisão. Sempre fui a favor da igualdade social e isso deixa bem claro que é só um dos outros regressos.

A sociedade atual deve ter mais consciência de que atos de intolerância e desrespeito ao próximo podem causar danos irreversíveis nas vítimas. Existem pessoas. Pessoas com ideias que merecem ser ouvidas e respeitadas por serem quem são.

Davi Bunjes Fontes De Faria Brito

Diversidade

Era dezembro de 2018. Como de costume, sempre começo a planejar uma viagem nesta época do ano. Eu estava muito indeciso, mas decidi passar minhas férias em Itajaí, Santa Catarina. Comprei a passagem, fiz minhas malas e embarquei nesta aventura.

O voo, por outro lado, possuía uma conexão com o aeroporto de Congonhas, pois esta rota não possui voos diretos. Cheguei aproximadamente às 14h 30min em São Paulo, e o voo para Santa Catarina só sairia às 18 horas. Como passatempo, comecei a passear pelo aeroporto. Era gigantesco!

Enquanto passava por alguns restaurantes, algo me chamou bastante atenção: eu conseguia escutar, no mínimo, 5 línguas diferentes, como inglês, espanhol, francês e outras que até hoje não sei quais são. A diversidade de culturas e línguas foi algo que eu não esperava. Parecia que havia mais estrangeiros do que brasileiros em alguns momentos.

Fiquei mais algumas horas aguardando, mas finalmente cheguei em Navegantes. Tive que “pegar um uber” para chegar no meu hotel. Logo quando entrei no carro, percebi que o motorista possuía um forte sotaque puxado para o espanhol. Papo vai, papo vem e o motorista me conta sua história: ele era um refugiado do Haiti. Veio para o Brasil em busca de melhores oportunidades. Largou tudo que tinha para vir para cá.

Ele me contou que ele sofre muito preconceito, e ninguém o aceitado em um emprego sequer. Um primo brasileiro emprestou esse carro para ele trabalhar. Ele contava essa história, notoriamente emocionado, com algumas lágrimas escorrendo pelo rosto. Mesmo com tudo isso, ele se via feliz por estar aqui, pois mesmo com as dificuldades, a qualidade de vida era muito superior. Chegando no hotel, paguei o homem e agradei.

Dormi com um peso na consciência. Como alguém poderia ser maldoso com um homem tão humilde e educado? Refleti bastante sobre esse assunto e percebi o quanto pode ser difícil para alguém com uma nacionalidade ou etnia diferente emigrar para outro país. As pessoas deveriam debater mais sobre isso.

Acordei ainda um pouco abalado, mas segui o roteiro da minha viagem. Passeei pela cidade e, no almoço, fui para um restaurante típico do local. O cardápio era completamente diferente, nunca havia comido nada que lá estava. Pedi um prato chamado "Eisbein". Trata-se de um joelho de porco cozido ou à pururuca acompanhado com chucrutes e batatas cozidas com bacon. Confesso que a aparência era estranha, mas gostei muito do sabor. De tarde, visitei alguns pontos turísticos da cidade e voltei para o hotel. Jantei e fui dormir.

Nos dias seguintes, fui em diversas cidades vizinhas, conheci alguns pontos turísticos e comi em muitos restaurantes diferentes. Infelizmente, a viagem durou apenas cinco dias. Conheci diversas pessoas e culturas diferentes. Mesmo sem sair do país, eu pude entender melhor diferentes costumes, usos de palavras e pessoas. Adorei esta viagem e espero que eu possa voltar um dia.

Davi Esmael Almeida Filho

Viagem ao Rio Grande do Sul

No final de 2019, em agosto, eu fiz uma viagem para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com meus amigos. Fui lá com o objetivo de ir jogar bola.

No primeiro treino, o professor já me chamou de “guri”. Percebi que os alunos também estavam chamando o professor de “sor”. As traves do gol, eles chamavam de “goleira”. Os gaúchos utilizavam várias outras palavras relacionadas ao futebol que eram diferentes para mim.

Lá, eu fiquei em uma pousada com outros alunos que já tinham treinado comigo e eram de lá. Eles me explicaram e me ensinaram várias palavras que eram comuns no Rio Grande do Sul, como “piá” e “bergamota”, que significam, respectivamente, criança e mexerica.

Depois do almoço, eles me contaram que ia ter “bergamota” de sobremesa e eu não tinha ideia do que era. Até mesmo, por esse motivo, que eu não fiz questão de ir lá olhar. Só de noite, quando vi um garoto comendo mexerica (minha fruta favorita), que eu fui perguntar o que era aquilo. O menino me respondeu:

— Você não viu não, guri? Tinha bergamota de sobremesa hoje no almoço e eu guardei uma.

Também notei que os colegas que fiz no Rio Grande do Sul tinham uma maneira diferente de se vestir. Lá, como o clima é mais frio, as pessoas usam roupas de tecidos diferentes e mais quentes, algo que não estou acostumado na minha cidade. Eles também têm o costume de tomar chimarrão ao final do dia, um tipo de bebida que eu não conhecia e, para falar a verdade, não gostei quando provei.

Achei muito legal ter feito essa viagem, não só pelo aprendizado no futebol, como também por ter conhecido uma cultura e pessoas com costumes completamente diferentes do meu. A língua também me chamou a atenção. No Brasil, já tinha aprendido o que era a variação linguística e as diferentes formas de se expressar. Porém, indo para lá, pude viver na prática toda essa diversidade de línguas, pessoas e costumes. Nosso país é muito grande!

Eduarda Bergamini Bazzarella

A Defensora

Meu nome é Eduarda e hoje vou contar sobre uma experiência que tive há algumas semanas. Talvez, para você, ler esse texto não sirva para nada. Mas, para várias pessoas, vai ser ótimo ler.

Bom, era uma tarde depois da escola, eu estava indo para um restaurante com uns amigos almoçar. Nós chegamos, escolhemos a mesa e fomos pedir a comida. Estava tudo bem e o restaurante sem muita movimentação, o que eu acho ótimo, odeio lugares muito cheios, me sinto sufocada. O pedido chegou, nós comemos, conversamos um pouco e fizemos uma hora ali no restaurante.

Estava tudo bem, até que vi em outra mesa um cliente gritando com uma funcionária por ela ser negra. Ele disse a ela coisas horríveis como:

— Não quero que alguém como você me atenda, só vou comer aqui se outra pessoa vier me atender!

Na hora me assustei e não pude deixá-lo falar com aquela garota daquela maneira. Me levantei e fui até a mesa do homem.

— Com licença senhor, algum problema aqui? Perguntei.

— Claro, eu exijo outra pessoa para me atender! Ele afirmou, com um certo tom de orgulho.

— Não perguntei a você, perguntei à garota, e não, eu não trabalho aqui. Respondi e ele me olhou com uma cara de assustado.

Ele se levantou da cadeira com muita raiva e disse:

— Garota, se você não trabalha aqui, por que veio até a minha mesa para atrapalhar meu almoço?

— Porque não admito pessoas como você tratando pessoas inocentes desse jeito! - Disse, me aproximando um pouco dele.

Ele me olhou com raiva e saiu do restaurante enfurecido com minha atitude.

A garota me agradeceu e me disse que nunca fizeram isso por ela e me disse que sofre com isso constantemente, mas nunca teve coragem de fazer

nada sobre por medo de alguém acabar querendo a machucar. Voltei para mesa e meus amigos me disseram como eu era corajosa.

Outro dia, nessa mesma semana, fui ao parque à noite para passear com meu cachorro e vi um menino fantasiado (uma boa observação é que o menino era chinês), mas ignorei. Segui mais a frente e sentei em um banco para descansar um pouco. De repente, vejo o menino correndo e pulando uma cerca de ferro. Logo depois, vieram outros meninos (brancos e com cara de exibidos). Eles pararam e me perguntaram:

— Para onde o garoto fantasiado foi? - Um deles perguntou, meio furioso, e eu indiquei uma direção qualquer que não era o do garoto chinês.

Eles foram pela direção que eu indiquei. Eu pulei a cerca de ferro e procurei um pouco, mas não achei o garoto. Até que, escutei um som de choro vindo de uma lixeira (SIM, DE UMA LIXEIRA!). Fiquei em choque e ajudei ele a sair. Ele me contou o que tinha acontecido e fiquei mais em choque ainda.

Resumindo: o garoto tinha acabado de entrar para uma nova escola e estava sendo zoadado por ser de descendência chinesa e aqueles garotos tinham filmado ele para postar na internet. Ele não ia deixar e acabou batendo na mão de um deles, deixando o celular do menino cair no chão. Então, esses garotos o perseguiram e ele se escondeu. Conte para ele que mostrei a direção errada para os garotos e que agora eles já estariam longe, voltando pra casa depois de desistir de procurá-lo.

Levei o menino para casa, expliquei a situação à mãe dele e ela me agradeceu. Voltei para casa e depois fiquei sabendo que os meninos que filmaram ele tinham ficado de castigo sem os celulares e não podiam tocar nele.

Com essas histórias, quero incentivar pessoas que sofrem com o mesmo que o garoto chinês e a menina negra a não autorizar que pessoas como aquele homem e aqueles garotos os tratem assim. Quero incentivar essas pessoas a não se calarem e não ficarem com medo de informar as autoridades ou pessoas responsáveis, porque com certeza isso vai funcionar.

Não podemos mais aceitar tipos de atitudes como essas. Devemos mostrar e ensinar essas pessoas que não há só um tipo de cor ou descendência no mundo. Temos que mostrar a elas que, em todos os países, existe diversidade, seja de pele, de origem, de descendência, ou qualquer outra coisa.

Essa foi a minha história e espero que sirva para você, se você sofre o mesmo. E se você é uma pessoa que faz esse tipo de coisa, procure parar com isso, porque às vezes essa é a causa de muito sofrimento na vida de outras pessoas.

Eduarda Cristina Guidini Dias

Um relato

Eu sou uma mulher preta, de cabelo crespo, tenho 25 anos de idade. Eu gosto muito do meu cabelo, corpo e do meu tom de pele, faço faculdade de medicina e estou quase me formando. Meus pais têm boas condições financeiras, o que me fez entrar numa faculdade de medicina.

Bom, mesmo os meus pais tendo uma ótima condição financeira, as pessoas ainda olham para gente de forma diferente. Meus pais também são pretos do cabelo crespo, minha mãe trabalha com uma agência de modelos e meu pai é dono de uma empresa. Só que, a nossa família é muito humilde. Nós não gostamos de andar muito arrumados, andamos sempre de chinelos ou alguma outra peça de roupa bem confortável. Por isso, somos muitas vezes criticados.

Eu cansei de passar por isso. Cansei de algumas pessoas olharem para mim de um jeito estranho.

Há cinco anos, eu estava numa loja no shopping, uma loja muito chique. Eu fui comprar um vestido para ir ao evento da minha mãe na agência dela de modelo, cheguei lá na loja eu estava de chinelo e short jeans e uma blusa. A mulher olhou para mim de cima a baixo e não foi me atender. Fiquei uns 30 minutos na loja olhando vestidos, eu provei uma e ficou muito bonito. Fiz a seguinte pergunta para mulher:

- Moça, qual é o valor do vestido? - Ela olhou e falou.
- 300, mas eu acho que a você não tem condições para compra esse vestido

Depois que ela falou isso eu fiquei com muita raiva. Como na época eu não trabalhava ainda, o meu pai tinha me dado dinheiro para comprar esse vestido.

Ele me deu 500 reais para eu poder comprar. Na mesma hora que ela falou aquilo, eu fiquei estressada. Eu fui lá, abri a minha bolsa e tirei 350 reais e dei o dinheiro na mão da mulher. Na hora, ela ficou sem jeito, sem palavras para falar comigo. Pedi para chamar a gerente da loja e falei com ele. Ela era uma

peessoa muito boa, me levou até a porta e me pediu várias desculpas por isso ter acontecido.

Espero que daqui uns anos tudo isso mude e as pessoas reflitam melhor sobre a importância do respeito à diversidade na nossa comunidade.

Guilherme Rocha Hoffmann

Um continente diverso

Antes de eu contar a minha história sobre diversidade, precisamos entender o que é diversidade. Diversidade é tudo aquilo que é diverso, que tem multiplicidade. Ou seja, é tudo aquilo que apresenta pluralidade e não é homogêneo.

A partir desse conceito, pude perceber que vivemos não só em um país diverso como em um continente muito diverso. Se você parar para pensar o nosso país é formado por brancos, negros, indígenas, imigrantes europeus, asiáticos, africanos e árabes. Ou seja, a diversidade cultural é o que não falta por aqui.

O continente americano é também muito diverso, formado por portugueses, espanhóis, britânicos, povos nativos e africanos. Tudo isso me fez querer conhecer mais os diversos países que formam nosso continente.

Bom, agora vamos lá.

Bem, uma vez eu viajei por quatro países da América do Sul e do Norte e percebi muita diferença entre eles. Primeiramente, fui ao México. Lá, me deparei com uma paisagem diversificada, incluindo montanhas, desertos e selvas. O povo mexicano é também muito acolhedor e simpático, lá percebi que existem muitas pessoas de cultura indígena, assim como o Brasil.

Nos Estados Unidos, o principal ponto foi a gastronomia. No café da manhã, reparei que ela incluía ovos mexidos, bacon, panquecas, cereais, pasta de amendoim, entre outros. No Brasil também comemos estas coisas, mas não tanto quanto eles. O povo dos Estados Unidos também é muito legal e amigável. Lá, percebi que existe em grande escala muitos brancos e negros convivendo juntos, e, por isso, lá tem várias diferenças culturais, como nas suas músicas e tradições. Achei parecido com o Brasil nesse sentido.

Na Argentina, as roupas me chamaram a atenção. Lá, as roupas tradicionais são coletes, botas, lenços vermelhos para os homens e vestidos de prenda para as mulheres. Lá eles ouvem tango, e comem muita carne. As pessoas lá são em sua maioria brancas, não há indígenas ou muitos negros.

No Canadá, a temperatura era muito baixa. Às vezes, eu podia ver alguns animais diferentes na rua, como raposas! Lá, a população é também muito diversa entre si, sendo um formado por britânicos, franceses e asiáticos. Pessoas de muitas etnias diferentes convivendo em sociedade juntas. Achei incrível!

Mesmo sendo um só continente, pude perceber como a América é diversa. Isso mostra que, ao visitar esses países, pude perceber a importância de cada um de nós - com seus costumes, culturas, raças e origens diferentes - sermos respeitados e valorizados por quem somos, tendo o objetivo de vivermos todos em harmonia.

João Pedro De Paiva De Andrade

Olhada no Japão

Cá estava eu, indo para o Japão, especificamente em Tóquio, conhecer suas estranhas tradições, comidas e organização. Do ponto de vista de um brasileiro, ele acharia estranho mesmo. Mas, para mim, eu achei espetacular.

Logo quando cheguei, fui recepcionado com caras e bocas pelos japoneses por conta das minhas vestimentas e meu sotaque. Eles vestiam kimonos (vestimentas tradicionais do Japão desde a antiguidade) e possuíam um sotaque um tanto estranho, sempre puxando o “né”. Depois que fui descobrir que era para dar ênfase na frase. Além disso, eles eram extremamente educados (até demais).

Bom, depois disso, para me adentrar na cultura deles, comprei um kimono no aeroporto e saí do mesmo com expectativas não tão altas. Mas, quando saí, fiquei maravilhado com as ruas de Tóquio. Elas eram extremamente limpas e bem conservadas. Isso é bastante surpreendente, dado o número limitado de latas de lixo que você encontra por lá. Mas, não há lixo no chão, e as ruas são limpas o suficiente para até comer no chão (não faça isso!).

Me aproximei de um japonês para pedir informações sobre onde se hospedar, mas, quando cheguei em sua “área”, ele se distanciou de mim. Perguntei o porquê e ele logo me identificou como estrangeiro e me explicou que, no Japão, os japoneses não são abertos ao contato físico, diferente dos brasileiros que adoram se cumprimentar na rua. Além dele me explicar isso, ele me explicou também, para eu não achar estranho, que os japoneses usam sufixos como -san, -kun ou -chan após o nome do contato para atribuir um sinal de respeito. Depois dessa aula, ele me apresentou o hotel mais próximo e me despedi dele. No caminho, parei em algumas barracas de comidas típicas do Japão, parecidas com as feiras brasileiras. Depois de me deliciar com os pratos híbridos exóticos, cheguei ao hotel.

Já de noite, indo dormir, cheguei à conclusão de como nós somos diferentes de outros povos, não sendo só os japoneses, mas sim no geral. Cultura, tradições, comidas e organização social. É tudo diferente e incrível. No

meu ponto de vista, algumas coisas até podíamos pegar desses povos. Foi uma experiência incrível e espero vivenciar mais outras como essa.

José Felipe Thebaldi Araújo

Viagem a Tóquio

Um dia eu fui viajar para Tóquio, a capital do Japão, com a minha família e com meus amigos. Eu estava super ansioso por essa viagem, porque lá tudo é muito diferente do Brasil. Eu queria muito ir visitar os Gundams, que são os robôs gigantes de Tóquio e também conhecer os mangás e animes que a gente não vê aqui.

Chegando lá, a primeira coisa que observei foi a fisionomia das pessoas. Os olhos delas são bem puxados e pequeninhos, cabelos escuros e muito lisos, e alguns usam umas roupas bem típicas de lá. Eu percebi que as pessoas são bem parecidas, até dá para confundir um com o outro, e no nosso país não é bem assim. Aqui tudo é diverso: altura, cor da pele, cor do olho, cabelo, entre outros.

Mas, como eu já falei antes, eu queria mesmo era saber das tecnologias desse país, já que ele é o destaque nesse meio. A experiência de poder chegar perto de um robô gigante foi ótima, eles são muito legais e incríveis. Aqui no Brasil não se acha tecnologia tão avançada.

Os eventos de cosplay - as pessoas usam fantasias e acessórios para representar um personagem específico - são destaque na cultura do Japão. Claro que eu não ia perder a oportunidade de ver de perto. Eu fui fantasiado de ODS (Orbital Drop Shock Troopers - Soldados de Choque Orbital Drop), que é um soldado do jogo de videogame Halo. Lá, também é falado e visto sobre mangás (histórias em quadrinhos desenhadas em japonês) e animes (essas histórias em versão animada - para TV, cinema) em todos os lugares, e esses eventos também valorizam essa cultura de Tóquio.

A religião mais presente lá é o xintoísmo e o budismo, o cristianismo que é mais presente aqui é pouco visto naquela região. Chegando à conclusão sobre a diversidade religiosa do mundo, se eu fosse em outros países, com certeza, veria outras religiões.

No dia de voltar para casa, fiquei um pouco emburrado, afinal, eu queria muito ficar mais. Gostei muito de Tóquio e de conhecer de pertinho a diversidade

Caminhos para o futuro: construindo valores

cultural daquela região. Mas, é hora de voltar para casa e a Escola da Ilha me espera para contar outras aventuras.

Julia De Oliveira Fiorot

Minha viagem a Ouro Preto

Ainda neste ano, fiz uma viagem com meus pais e minhas irmãs para a cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Lá, aprendemos muito sobre a história da colonização do Brasil, as minas, a Inconfidência Mineira e muito mais.

Ao chegarmos, nossa principal dificuldade foi passar de carro pelas ladeiras íngremes típicas de lá e encontrar um restaurante chamado Contos de Réis, onde estávamos indo almoçar.

No dia seguinte, já no hotel, eu comi pães de queijo maravilhosos de café da manhã, como era o esperado, já que estávamos em Minas Gerais. A temperatura era baixa, principalmente de noite, e por isso, dormi com duas cobertas todas as noites. Seguimos passeando e conhecendo esse patrimônio histórico todos os dias.

A principal característica arquitetônica da cidade eram as casas baixas, umas coladas nas outras e com estilo europeu (arquitetura colonial). As ruas tinham muitos asfaltos de pedra e as ladeiras são muito típicas de lá. Além, também, de diversas igrejas, umas diferentes das outras.

Em um dos passeios turísticos, conhecemos igrejas criadas pelos portugueses e uma igreja criada pelos povos escravizados, onde conseguimos perceber a diferença entre elas. Alguns exemplos eram os santos negros representados na Igreja dos Escravos e os santos brancos que encontrávamos nas igrejas dos portugueses.

Conhecemos também a Mina do Jeje e a Mina da Passagem. Nelas, vimos e escutamos histórias sobre o trabalho dos escravizados. Inclusive, na Mina da Passagem, encontramos uma família japonesa que também estava turistando Ouro Preto, o que eu achei surpreendente.

Ouro Preto é diferente das outras cidades, representando uma imensa diversidade no Brasil. Lá, ficamos encantados pelas suas joias enfeitadas por pedras, pelas painéis de pedra, pelo sotaque na fala dos mineiros, pelos museus e valores históricos e pela utilização da cidade como um centro turístico, cheio de lojas e restaurantes no lugar de casas, como era antigamente.

As pessoas de Minas Gerais são muito incríveis e eu pude fazer muitos amigos de diversas partes do Brasil. Com eles, pude aprender sotaques e gírias que nunca tinha conhecido antes, e isso me fez conhecer bem mais sobre o país em que moro. Apesar do português ser uma língua só, pessoas de regiões diferentes do país falam gírias e expressões diferentes. Quando ouvi um dos guias da viagem pedindo para a gente “arredar”, na hora, não entendi muito bem. Depois, minha irmã me explicou que essa é a palavra que os mineiros usam para pedir para alguém “chegar para o lado”.

Essa viagem valeu muito a pena para eu entender a história da colonização do país onde eu nasci e moro desde sempre, e para eu perceber a grande diversidade do Brasil e como as culturas, a organização da sociedade e os pensamentos vão mudando com o passar do tempo.

Kenzo Plategher Kina

Diversidade: um relato escolar

Um certo dia, tive que me mudar da escola em que eu estudava. Ao saber da notícia, fiquei triste, mas ficava pensando como eram as pessoas que eu poderia encontrar lá.

Então, ao chegar o dia de ir para a nova escola, me senti nervoso e ao mesmo tempo animado e ansioso.

De início, quando cheguei lá, percebi que era totalmente diferente do que eu pensava. Os professores eram legais, os colegas, um pouco tímidos, mas também foram se soltando e sendo legais comigo ao longo do tempo.

Os dias foram se passando e percebi uma coisa diferente. Existia uma diversidade de trabalhos e deveres que eu nunca tinha visto nada igual antes! Alguns eram legais, admito, mas muitos deles eram um pouco entediantes.

Reparei também na diversidade de pessoas que tinha na minha sala. Os alunos, cada um com sua a sua personalidade. É claro que, por ser uma escola com muitas pessoas, os alunos de interesses e personalidades parecidas formavam os seus grupos. Existiam professores diversos também. Alguns que cobravam mais e outros professores mais tranquilos. No fundo, todos eles eram legais.

Apesar de ter ficado assustado de início, me adaptei bem a aquela rotina. Eu gosto da minha nova escola com enorme diversidade! Lá, eu aprendi muita coisa que levo para minha vida. Cada um tem o direito de ser quem quiser, não importa as aparências, e que devemos sempre respeitar a todos independente de qualquer coisa. Ser diferente e diverso faz parte de ser uma pessoa, e que bom que é assim!

Laura Barbosa Vilaça Dutra

Minha viagem ao Chile

Em setembro de 2018, eu e minha família viajamos ao Chile. Foi uma viagem muito boa, visitamos diversos lugares, conhecemos diferentes pessoas e avistamos diferentes culturas.

A cultura do Chile se assemelha à cultura espanhola, porém também é possível perceber várias características da cultura indígena. Me hospedei em Santiago, capital do Chile, porém visitei outras cidades. Um dos lugares interessantes que visitei foram as vieiras, um lugar onde se colhem uva, cujo suco após fermentado se transforma em vinho, muito comum na região.

O vinho é algo que, sem dúvidas, faz parte da cultura chilena, principalmente por ser parte da economia e turismo do país.

A culinária local é muito baseada em frutos do mar, onde seus pratos típicos mais famosos são o Congrio, o Ceviche, a tábua de mariscos e as empanadas.

Pelo menos onde comi, a comida se assemelhava também a comida argentina, incluindo empanadas e a famosa carne argentina.

Na culinária de doces, o Chile também é excepcional, incluindo sobremesas como doce de leite, churros e a Torta de Tres Leches.

Os chilenos eram bem receptivos, sempre acostumados com estrangeiros, o que é muito bom para seu turismo, que com bom atendimento pode acabar voltando.

A diversidade da população chilena também era grande, com pessoas brancas, pardas, indígenas, asiáticas, negras, e outras etnias.

Achei muito interessante que pessoas de origens e etnias diferentes viviam em harmonia, cada um valorizando e respeitando as diferenças e culturas de cada um. Me inspirei nisso e quero trazer todo esse respeito para meu país, para nós nunca deixarmos de valorizar também a cultura, a aparência e as diferentes escolhas das pessoas.

Dentro do hotel onde me hospedei, pude perceber com clareza a diversidade de imigrantes que existe no Chile. Me deparei com brasileiros,

argentinos, paraguaios, uruguaios, norte-americanos, árabes, europeus, e muito mais.

A língua oficial chilena é o espanhol, muito comum na América Latina, porém é sempre possível ver alguém falando alguma outra língua em Santiago. Lá, assim como no Brasil, há diversos povos indígenas com suas línguas e costumes.

Um esporte nacional muito famoso, diferentemente do Brasil, é o Rodeio do Chile, onde dois cavaleiros e seus cavalos devem parar um touro em um circo do esporte chamado *medialuna*.

Minha conclusão é que o Chile é um país muito diverso e diferente do Brasil e, viajar para lá, foi como um choque de realidade e de culturas. Mas, sinto que minha experiência lá me ajudou a valorizar ainda mais a diversidade de pessoas e culturas do meu país

Eu recomendo fortemente o Chile para pessoas que querem visitar um país diverso e interessante dentro da América do Sul.

Livia De Oliveira Fiorot

Quando fui chamada de bebê

Um certo dia, em 2016, no local onde nadava, teve um festival de natação. Porém a piscina era muito pequena e eu não conseguia nadar nela. Ela era muita rasa e eu ficaria com a cabeça dentro d'água e era difícil para mim virar de barriga para cima, então fui para a piscina grande.

Alguns minutos depois, apareceu uma salva-vidas dizendo que eu não podia ficar na piscina sozinha, pois pessoas que usavam boia não podiam ficar sozinhas na piscina. Minha mãe, então, disse:

— Eu estou na borda vigiando ela, fique tranquila.

Mesmo assim, a mulher se recusou a deixar. Minha mãe, então, brigou com a mulher. Ela virou para mim e me disse:

— Vamos embora!

Quando estávamos saindo, nos encontramos novamente com a salva-vidas. Ela virou para mim e disse:

— Oi, bebê! Minha mãe contestou:

— Ela não é bebê!

A mulher ficou séria e aí, fomos embora. Depois minha mãe escreveu uma carta para o clube relatando o ocorrido. Ela disse a eles que tinha algumas regras que precisavam ser revistas, pois o clube não estava atendendo às necessidades das pessoas com deficiência. Os locais de lazer também precisam estar preparados para a diversidade de pessoas que os frequentam!

Livia Vescovi Licerio

Minha História

Apresento aqui a minha história. Meu nome é Tainá, tenho 16 anos e venho de uma tribo indígena chamada Guarani, localizada em Três Palmeiras, Aracruz ES. Vivo com os meus pais e meus quatro irmãos. Tenho mais ou menos 1,66cm de altura, cabelo longo e negro bem lisinho e pele parda.

Quando eu tinha meus 9 anos, fui pela primeira vez à escola comum. Eu já frequentava uma escola que existia na região em que eu morava, onde eu já tinha aprendido o básico. Como toda criança, eu estava bem nervosa com a ideia de ir para escola no centro da cidade, pois não sabia como era. Eu nunca tinha ido para uma escola grande antes, mas tinha uma noção de como funcionava, porque meus amigos da aldeia que já frequentavam me contaram tudo o que acontecia lá.

Quando entrei pela primeira vez na minha escola, tomei um susto com a diversidade de pessoas que tinha em um só lugar. Meninos e meninas de tons de pele diferentes, cabelo de todo tipo, além de estilos totalmente diferentes. Conheci uma mulher muito gente boa, já era uma adulta, tinha em torno de uns 30 anos. Ela era mais conhecida como a coordenadora da escola e ela me ajudou a achar minha sala de aula.

Ao entrar na minha mais nova sala, onde iria frequentar todos os dias da semana para quase metade da minha vida, todos começaram a me encarar dos pés à cabeça e sussurrar. Logo pensei que tinha algo de errado comigo, mas, como não conhecia muito da vida - ainda era uma criança - ignorei todos aqueles olhares estranhos e fui logo me sentar em uma das carteiras que estavam vazias.

Fiz colegas muito rápido, que me fizeram um tanto de perguntas por conta da minha aparência que não era muito comum naquele lugar. Na época, me senti um tanto desconfortável com aquela quantidade de questionamentos. Mas, agora, eu entendo que eles não estavam acostumados com a minha aparência. Infelizmente, esse tipo de situação ainda é muito presente na minha vida. Posso concluir que a sociedade ainda deve se aprofundar mais nos conhecimentos dos

Caminhos para o futuro: construindo valores

povos indígenas para poder entender mais de toda diversidade de raças que há em nosso país.

Luiza Batista Barboza

Uma viagem diversa

Um dia, eu e minha amiga Carol estávamos na escola esperando o ônibus para nós sairmos para a viagem de fim de ano. A nossa viagem era para uma pousada em Pedra Azul. A viagem toda durou cerca 45 minutos, e, como eu era bem bagunceira, lógico que eu fui no fundão do ônibus. Eu era do sétimo ano e, no sorteio, a nossa turma viajou com o 8º ano.

Lá, nos encontramos o resto do grupo e fomos para a pousada. Os quartos foram divididos em quartetos: duas pessoas de cada turma sorteada. Já no quarto, eu e Carol ficamos com Ana e Lola. Nós não as conhecíamos, mas nos entrosamos bem nos primeiros 15 minutos. Depois de todos se alojarem nos quartos, fomos para o refeitório jantar. Depois, já estávamos na área de lazer com quadra, parquinho e piscina (que seria usada apenas no dia seguinte, pela manhã e tarde). Depois disso tudo Carol, eu, Ana e Lola fomos para o quarto dormir.

Já no dia seguinte, fomos todos tomar café da manhã para depois irmos (finalmente) para a piscina. Nós quatro fomos para a área da piscina, mas, só eu entrei. Mais tarde, ficamos de “preguicinha” na área de churrasco, então eu e Carol decidimos sair e andar em algum local por ali, já que o passeio com a turma inteira seria no dia seguinte.

Nós falamos com o professor e ele autorizou, agora só faltava eles conseguirem a autorização dos nossos pais. Todos autorizaram, então em menos de quarenta minutos nós já estávamos em uma lojinha de roupas ali ao redor da pousada. Logo depois de sair da lojinha e de ter feito várias compras, nós fomos para uma lanchonete e depois voltamos para a pousada e fomos dormir.

No dia seguinte, nós fizemos um outro passeio, desta vez para colher morangos - fruta típica da região. A Carol, como é bem distraída, comeu um morango com uma lagarta enorme de fogo dentro! Todos nós voltamos para o quarto e a Carol foi para um hospital, pois a lagarta que ela comeu tinha “espinhos” ao redor do corpo.

Por fim, digo que Pedra Azul é um lugar muito bonito e super diverso em coisas para se fazer. Uma pena que, como lá é muito diverso, até as espécies de lagartas são diversas! E acabou sobrando para a Carol, que levou a pior nessa história (perdeu a viagem no hospital!).

Nicolly Koefler Delfino

Um lugar diferente

Esse foi o meu primeiro na cidade grande. Eu sempre morei no interior, então não sabia muito bem como era. Quando cheguei, a primeira coisa que eu vi e que também mais me chamou atenção foi a quantidade de pessoas com cor de pele, cor de cabelo, etnias, religiões e estilo diferentes em um lugar só. Foi a coisa mais legal que eu já vi em toda a minha vida! Já que, de onde eu vim, não existia essa variedade toda de etnias.

Eu sou morena de cabelos cacheados, olhos azuis e puxados. Também tenho muitas sardas e uma covinha na bochecha. Todo mundo fala que eu sou fofinha, mas eu não acho. Para falar a verdade, eu me acho até esquisita às vezes. Mas, enfim. Amanhã vai ser meu primeiro dia de aula e, já que eu tenho que estudar para passar de ano e arrumar um emprego quando eu crescer, então eu tenho que dormir.

Hoje, eu acordei muito desanimada. Eu não tinha ideia de como seria este primeiro dia. Mas, como eu disse ontem, eu tinha que ir para escola, não tinha jeito.

Chegando lá eu vi muita gente. Era a maior quantidade de pessoas que eu já vi em toda a minha vida! Eu estava muito perdida, até que, uma menina que parecia ter a mesma idade que eu, falou:

— Você é novata, né?

— Sim. - Eu disse, me perguntando quem era aquela menina e qual é o sentido dela falar comigo.

— Prazer Marlee - ela disse me dando a mão com um sorriso - qual é o seu nome?

Marlee era loira, de cabelos ondulados, olhos castanhos. Ela era bastante extrovertida, falava muito! Mas também parecia ser muito simpática. Então, eu respondi:

— Meu nome é Kris.

— Eu amei seu nome, Kris!

Nesse fato, ela estava certa. O meu nome era, de fato, uma das únicas coisas que eu realmente gostava. Ela continuou:

- Você parece perdida.
- Não só parece como eu realmente estou. Você poderia me ajudar, pelo amor de Deus, a encontrar a sala do 8ºano A? - Eu perguntei, parecendo não saber nada sobre aquele lugar mesmo.
- Claro, eu estou indo pra lá agora mesmo - ela me respondeu com um entusiasmo na voz depois de descobrir que a gente estudava na mesma sala.

E nós fomos conversando até chegar na sala

Na hora do recreio, eu consegui fazer outros amigos e conversar muito. Eu brinquei muito hoje e conheci também as meninas populares. Elas eram insuportáveis, implicavam com tudo e todos apenas por serem diferentes delas. Teve uma hora que uma das populares estava zoando uma menina só porque ela era inteligente. Nessa hora, eu não aguentei. Falei que era ridículo ela fazer isso sem motivo nenhum. Disse que, pelo menos, ela era estudiosa e tirava notas boas nas provas.

Quando eu acabei de falar isso, todo mundo me aplaudiu. Ninguém nunca teve coragem de falar isso para elas antes! Mas, me falaram também que era melhor eu me preparar, porque agora o alvo delas era eu. No fundo, eu não ligo, porque eu acho que elas não tinham direito nenhum de falar aquilo com a menina e achei a minha atitude boa. Depois desse ocorrido, todo mundo foi para a sala. Quando acabou a aula, eu já estava exausta. Precisava comer, dormir e infelizmente, fazer dever de casa.

Hoje, descobri que, independentemente da sua cor, religião, etnia, jeito, estilo ou personalidade, não devemos julgar ninguém. Espero que as outras meninas tenham aprendido isso também.

Rafaella Amorim Rodrigues Dalbem

Uma aventura inesquecível

Eu sou uma menina baixinha, de pele negra e olhos claros. Sempre sofri o que os meus pais chamam de discriminação racial. Sempre fico incomodada com os comentários que recebo por aí, mas na maior parte, finjo que não vi. Isso sempre acontecia por meus pais serem brancos, e por eu ser filha única e diferente deles.

Meus pais sempre entenderam o meu lado e me deixavam feliz. Nesse dia, eles me levaram para um parque que tinha uma piscina de bolinhas.

— Minha filha, eu vou passear com a sua mãe enquanto você fica aqui tá?

Não saia daqui em hipótese alguma. Eu e sua mãe estaremos no restaurante da frente te esperando. - disse meu pai.

— Tá bom, papai. Estarei aqui esperando vocês até a hora da saída.

Eu respondi ele com um sorriso no rosto. Eu estava feliz por estar entrando em um parque com piscina de bolinhas que fica em um shopping supercaro, o mais caro da cidade.

Na hora em que eu entrei, olhei para a cara do recepcionista esperando ele me dizer algo sobre minha aparência. Mas, ele apenas olhou para os meus sapatos. Então, eu entendi que tinha que tirá-los para entrar na piscina. Eu os tirei e os deixei com o recepcionista. Ele os colocou em um armário reservado para que eu pegasse apenas na hora de ir embora.

Na hora em que eu entrei dentro da piscina de bolinhas, foi algo mágico, incrível! Eu nunca tinha ido a um lugar igual aquele antes em toda a minha vida. Foi perfeito. Lá dentro havia vários escorregas que caíam direto na piscina. Era um playground gigantesco! E a melhor parte, claro, eram as bolinhas.

Eu já tinha pulado muito e brincado bastante. Até que, em um momento, eu decidi subir mais uma vez no brinquedo para escorregar novamente. Quando cheguei lá no alto, encontrei uma menina. Ela era diferente de todas as meninas que eu já vi. Ela tinha cabelos curtos e pretos, olhos bem escuros e pele muito branca. Um detalhe que me chamou a atenção foi o formato dos seus olhos puxados. Eu tinha amado! Decidi ir conversar com ela:

- Oi, menina. Qual é o seu nome?
- Meu nome é Chien, e o seu?
- O meu é Ayana, o seu nome é muito bonito.
- O seu também.

A gente ficou muito tempo lá conversando sobre sermos diferentes, mas ao mesmo tempo iguais. Nós tínhamos os mesmos gostos para músicas, filmes e jogos. A Chien virou a minha melhor amiga! Não nos separamos lá dentro, nem um pouco.

Quando nós duas descemos do playground, ficamos na piscina de bolinhas, na área debaixo. E ali, encontramos um menino que estava com o pai dentro da piscina. Eu achei isso muito estranho, porque na frente do parque dizia que não era permitido a entrada de pais com as crianças. Por isso, eu não entendi o porquê de o pai estar com esse menino. Como sou muito curiosa, eu cheguei mais perto para perguntar, e finalmente descobrir o porquê.

O menino tinha uma deficiência na perna, isso significa que a perna dele não se mexia. Ele era um menino usuário de cadeira de rodas. Ele não tem um bom apoio com as pernas, por isso, ele se locomove em uma cadeira de rodas. Eu descobri isso quando eu fui conversar com ele. Seu nome era Theo e ele tinha 14 anos. Por pura coincidência, ele era da mesma escola que eu, mas de anos e salas diferentes.

Depois desse dia, eu descobri o que é a diversidade. Ela é a convivência de indivíduos diferentes em relação à etnia, orientação sexual, cultura, o gênero, etc. dentro de um mesmo espaço. Percebi que, apesar de sermos pessoas completamente diferentes, tínhamos várias coisas em comum e os mesmos gostos. Éramos pessoas completamente diferentes, mas nos sentimos os mesmos.

Ayana, Chien e Theo são diferentes, porém iguais.

Sophia Aboumrads Orlandi Dos Santos

Acampamento escolar

Na minha escola, todo ano é feita uma viagem de fim de ano. Esse ano, não foi diferente. Nós iremos acampar! Eu adoro acampar. Esse ano, só as turmas do Ensino Fundamental II irão. Da minha turma, a maioria das pessoas vai.

Tem uma menina nova na nossa sala que é de uma religião diferente: religião islâmica. Por ela ser diferente, muitas pessoas não se entrosaram muito bem com ela de início. Ela ficou bem chateada com isso. Eu não me importava com essa coisa de religião diferente, por isso chamei ela para ficar comigo. Ela ficou superfeliz.

Fomos para a escola e lá estava a Malala em um canto sozinha. O ônibus chegou e todos nós entramos. Sentei-me com a Malala no ônibus da viagem. Ao

chegar no nosso destino, Malala continuou a maior parte do tempo sozinha.

Eu tentei falar com os meus amigos para irem comigo conversar com ela. Eu falei que ela era uma menina normal igual as outras pessoas, mas as minhas amigas não concordavam. Então, eu decidi ficar com ela o tempo todo. Na hora de dormir, foi a mesma coisa. Ficamos juntas!

No dia seguinte, fizemos tudo juntas. Atividades, refeições, brincadeiras e outras coisas. Neste dia, percebi que meus outros amigos ficaram olhando bastante para nós, vendo como que nos divertíamos juntas. Daí, eles decidiram ir falar com a Malala para se desculpar.

Eles conversaram bastante e, depois de muito tempo de conversa, Malala aceitou as desculpas deles. E então, mesmo a viagem chegando ao final, eles conseguiram aproveitar juntos conosco sem existir nenhuma divisão.

No último dia do acampamento, meus amigos estavam conversando com Malala como se nada tivesse acontecido, achando toda a conversa incrível. No caminho da volta, uma menina do grupo decidiu ir falar com Malala em nome da turma:

— Eu peço desculpas pelo que nós fizemos. Nós entendemos que nossas ações não foram certas. Achávamos que pessoas de religiões e culturas

estrangeiras seriam diferentes de nós, mas agora entendemos que isso não importa. Somos todos iguais!

Tais De Oliveira Fiorot

Uma viagem a Cancún

Em fevereiro de 2019, eu e minha família por parte de pai embarcamos em direção a Cancun e lá ficamos por 2 semanas.

Logo que chegamos, nos estabelecemos em um hotel, onde permanecemos por 1 semana. Este hotel, além de bonito, tinha um restaurante muito bom e com muitas comidas típicas do México. Eram comidas diversas, como tacos, quesadillas, fajitas, panquecas e muitas outras. Toda essa variedade me deu a oportunidade de experimentar sabores diferentes e entender novas culturas. Depois que saímos deste hotel, nos direcionamos a outro, que por sua vez era mais espaçoso. Este novo hotel tinha mais áreas de lazer, como piscinas e muitos restaurantes. Neste, também era possível observar a existência de uma praia linda com água transparente bem na nossa frente

Fomos a dois parques que apresentavam paisagens inacreditáveis! Nele, também experimentamos muita diversão, como a oportunidade de nadar com tubarões sem dentes, arraias e peixes. Não deixamos de ir nas tirolesas, cuja vista lá de cima era um paraíso. Fizemos diversos outros passeios, como andar em um carro muito veloz que passava por uma caverna.

Fomos para a ilha Isla Mujeres, que nos permitiu nadar com golfinhos. E, não posso me esquecer do passeio de barco! Nele, fizemos um tour por várias praias e, nas vezes em que era possível saltar do barco, eu aproveitava para nadar com a máscara de mergulho. Quando eu fazia isto, podia ver peixes de todas as cores e espécies nadando na minha frente ou muito perto de mim.

Essa viagem, além de muito animada e divertida, foi muito marcante em relação à diversidade. Sair do Brasil e encontrar novas culturas, comidas e idiomas foi fundamental para eu conhecer mais a fundo sobre este valor incrível que é a diversidade.

Pude também conhecer pessoas de diferentes países e aprender coisas diversas sobre a cultura mexicana que eu nem imaginava. Achei muito interessante ver pessoas que às vezes não falavam a mesma língua, mas,

mesmo assim tentavam conversar entre elas e se divertiam muito apesar das diferenças.

Através desta viagem, eu pude aprender bastante sobre a língua espanhola, sobre os costumes daquela população e, principalmente, tive o prazer de descobrir que amo comida mexicana! Espero fazer mais viagens assim no futuro para poder conhecer ainda mais a diversidade de pessoas e culturas que existem nesse mundo.

Thais Prudêncio Fernandes

Não tão diverso assim

Tudo começou em 2017, quando eu resolvi fazer inscrição para participar de uma corrida. A corrida era para crianças entre 7 a 10 anos, e, na época, eu tinha 8. Tudo certo, cheguei no horário, no dia certinho, pronta, preparada e com muita esperança de que eu ia ganhar.

Só que, tudo começou a desandar ao chegar lá. Eu me perdi das minhas irmãs e resolvi seguir as minhas amigas. Só que aí, minhas amigas começaram a correr de um lado para o outro, e eu me perdi delas também. Então resolvi ficar com a minha tia-avó, que estava na grade, esperando para ver a corrida começar.

Minhas amigas foram lá na minha tia-avó, me chamaram e eu fui com elas novamente. Fiquei com sede e tinha esquecido minha garrafinha para trás. Voltei

para a grande, bebi água.

Após isso, quis surpreender minha tia-avó. Eu a abracei por trás e fiquei pendurada no pescoço dela, rindo. Até que, eu olhei melhor, e percebi que ela não era a minha tia-avó! Eu só percebi isso porque eu virei o rosto, senão, ela talvez não falasse que era a minha tia-avó. Ela só foi falar depois. Na verdade, ela nem falou, pediu logo desculpas. E, foi nessa hora que ela segurou na minha mão e disse:

— Está tudo bem, fica aqui. Eu não sou a sua tia-avó, mas pode ficar aqui. Nessa hora, eu comecei a entrar em desespero. Comecei a falar:

— Não, não, você não é minha tia-avó!

E então, consegui fazer com que ela me soltasse e saí correndo. Fui tentar encontrar as minhas amigas e a minha real tia-avó, mas ninguém estava no lugar combinado. A solução foi ir para o lugar da corrida e, daí, esperar que ela comesse para que depois eu tentasse encontrar as pessoas. Ao final, consegui encontrar minha tia-avó e minhas amigas! Elas falaram que ficaram me procurando um tempão e que eu sumi na multidão.

Concluí que, mesmo estando em um lugar com uma grande diversidade de pessoas, consegui confundir minha tia-avó com outra pessoa que, olhando bem, nem se parecia tanto com ela assim. Que perigo!

CRÔNICA

8º ANO - AUTONOMIA

Arthur Pereira Heid Furley

Um dia (quase) normal

Depois de uma sexta-feira cansativa, cheguei a minha casa e fui dormir. No dia seguinte, minha mãe levantou brava comigo porque eu me esqueci de acordá-la e, por isso, ela dormiu muito e já estava atrasada. Falou que tínhamos que sair logo, já que era 31 de dezembro, e tínhamos que pegar estrada, pois iríamos comemorar o ano novo em outra cidade. Nos arrumamos e fomos, sabendo que a nossa viagem demoraria um pouco, pois eram 200km até o nosso destino.

Chegando lá, minha mãe me falou que em janeiro ela e meu pai iriam viajar para fora do país e que eu iria ficar sozinho. Nessa hora, fiquei muito feliz, porque eu ia poder ficar mais com meus amigos, mesmo meus pais falando para eu tomar cuidado e não sair de casa. Eles eram um pouco receosos, não gostavam que eu ficasse muito sozinho com eles, porque achavam que eu não tinha autonomia e cuidado suficiente para ficar sozinho. Sempre acreditavam que eu, que era um adolescente normal, podia me dar mal com as influências.

Chegamos ao nosso destino de fim de ano e já eram onze horas da noite. Comemos um pouco e fomos à praia para ver os fogos. Foi um ótimo fim de ano, afinal!

Já dentro do ano seguinte e já em casa, fui dormir. Meus pais foram ao aeroporto para a já anunciada viagem deles. Como esperado, meus amigos logo me chamaram para a gente ir à praia de noite. Alguns não gostaram tanto da ideia, porque achavam perigoso. Então, fomos só eu e outros três amigos. Ficamos conversando sobre como tinha sido o ano novo de cada um e botando o papo em dia.

De repente, vimos alguns feixes de luz. Eles pareciam vindos de uma lanterna, saindo por entre as árvores. A luz estava chegando mais perto e estávamos pensando que podia ser um outro amigo, que ainda não tinha confirmado que iria fazendo uma pegadinha. Mas, conforme aquela luz foi se aproximando, foi trazendo com ela outros sons estranhos.

Uma forma estranha saiu detrás das árvores! E, quando ela se aproximava e ia me atacar...

Minha mãe estava me acordando brava porque tínhamos que pegar 200km de estrada para comemorar o réveillon. Percebi que era um sonho e descobri que ela, por fim, estava certa. “Tenha cuidado com as influências e as ideias dos seus amigos!”. Vi que realmente ainda não era capaz de me cuidar sozinho.

Bernardo Bruno Nogueira

Só queria isso...

No dia 2 de julho, no meu aniversário de 16 anos, eu estava no shopping mais famoso da minha capital. Até que, andando pelos corredores, eu vi na loja de brinquedos uma pelúcia de pokémon (um bichinho chamado “Froakie”). Logo, eu falei com minha mãe que queria comprá-lo. Ela me perguntou, sorrindo, se eu já não estava grande demais para esse tipo de brinquedo. Na hora, fiquei um pouco chateado. Depois, decidi superar as mágoas e entender melhor a pergunta que ela me fez.

Refletindo, pensei melhor. Realmente, em alguns momentos, todos nós somos um pouco sem maturidade e temos afetividade por coisas que podem não ser tanto para a nossa idade. Mas, eu também acredito que eu esteja amadurecendo e me esforçando muito para conquistar minha própria independência no meu meio familiar e na minha vida.

Consigo me lembrar, inclusive, de alguns momentos em que fui muito responsável, ajudando meus familiares na hora de fazer compras e pensando bem antes de gastar dinheiro à toa e comprar várias coisas. Outro episódio de responsabilidade foi ter ajudado e tomado a iniciativa com o meu grupo em um trabalho da escola. Eu apresentei um trabalho correto, com poucos erros, me dediquei na criação dos slides e no estudo para a apresentação.

Isso foi muito importante para mostrar que, apesar de parecer novo para algumas coisas, eu estou trabalhando aos poucos para ir atrás daquilo que eu mais quero: a minha própria autonomia.

Carlos Augusto Hamamoto Pires

Dia de galinha

Tudo começou hoje de manhã, quando decidi fazer uma omelete. Comecei pegando dois ovos, fatias de queijos cortadas em pedaços pequenos e tudo que há de bom em temperos. Mexi bem e coloquei a mistura na frigideira. Dois minutos depois, parecia que já estava bom para virar e fritar o outro lado.

Então, decidi fazer uma manobra como os grandes chefes de cozinha, fazendo o ovo dar uma meia volta no ar e parar no lado de baixo. Normalmente, meu pai me ajudaria, mas como ele não estava em casa, tentei eu mesmo sozinho.

Joguei a omelete pra o ar, ele deu meia volta. Mas, como tudo não são flores, não consegui pegar ele na frigideira de novo e caiu tudo diretamente no chão. Fiquei chateado, mas fui lá e peguei os dois ovos novamente para recomençar. Quando fui pegar os temperos, os dois ovos da nova omelete saíram rolando bancada abaixo e caíram no chão! Deu trabalho limpar os ovos, mas, não desisti! Peguei novos ovos, o queijo e o tempero. Abri o primeiro ovo, nada de errado, abri o segundo, subiu um cheiro forte no ar. Ele estava estragado!

Ainda não desisti. Joguei os dois fora e fui fazer mais um. Peguei os ovos, adicionei os temperos e o queijo, mexi bem, joguei na frigideira, com todo o cuidado consegui fazer a omelete dar uma meia volta. Finalmente servi a omelete em um prato e, até aí, estava indo tudo certo. Até que, no caminho para a mesa, tropecei e deixei a omelete se espatifar no chão.

Com muita raiva, fui pela última vez fazer o último omelete. Peguei tudo que precisava novamente e joguei na frigideira, fiz de novo a meia volta, fui para a mesa e consegui, finalmente, degustar a tão sonhada omelete.

Voltei à cozinha e lavei tudo que havia sujado. Cansado, fui beber um copo de água. Peguei o copo e, antes de colocar a água, deixei o copo cair no chão e quebrar inteiro. Definitivamente, eu cansei de ser autônomo. Parecia que aquele não era mesmo o meu dia de sorte e eu só queria o meu pai para fazer o meu café da manhã por mim.

Carolina Aguido Ferreira

Infância

Certo dia, eu estava na casa de um amigo - era seu aniversário - e toda a família estava reunida em uma enorme mesa de jantar. Fábio, meu amigo, tem uma ótima vida: comprou um belíssimo carro, é dono de uma das maiores empresas da cidade, tem uma linda esposa e possui algumas outras casas. Pode-se dizer que é um homem bem-sucedido quando comparado a mim. Ele gozava das coisas boas que a vida poderia lhe proporcionar e vivia cada momento de forma intensa, como se fosse o último.

Na mesa de jantar, enquanto tomávamos champanhe, sua mãe me contava um pouco mais sobre o Fábio. Descobri que, quando criança, ele era “faladeiro”, muito esperto e que adorava dinossauros. A mãe de Fábio também me disse que, frequentemente, o estimulava a realizar alguns hábitos, como arrumar a sua própria cama, escolher as suas próprias roupas e sempre fazer o seu dever de casa. Ao escutar isso, fiquei refletindo comigo mesmo por um tempo e cheguei a uma conclusão. Fábio foi incentivado a ser independente, desde pequeno, fazendo suas próprias escolhas e tomando certas decisões de forma autônoma, o que certamente culminou em seu crescimento, se tornando quem ele é hoje.

Neste jantar, não sai da mesma forma que entrei. Dele, saí com a certeza que aprendi uma coisa que vou levar para toda a minha vida: quanto mais cedo uma criança for incitada a ser autossuficiente, maiores as chances dela se tornar uma pessoa bem desenvolvida, tanto economicamente quanto socialmente. Por isso, creio que algumas mudanças simples no cotidiano, quando feitas o mais cedo possível, podem mudar completamente o rumo da nossa vida.

Não tive os mesmos estímulos que Fábio, sempre fui uma criança muito dependente, que não conseguia nem arrumar minha própria cama, sempre precisava de alguém me lembrando que tenho que fazer algo. Talvez seja por isso que agora eu não sou tão bem-sucedido como meu amigo. Entretanto, estou ciente que ainda há tempo para mudar.

Davi Vargas Wallauer

O que é autonomia?

Jorge entra na sala de estar enquanto Cleiton está a navegar nos aplicativos de seu celular. Jorge, então fala:

- E aí, meu chapa.
- E, aí. – Cleiton fala ainda com a concentração voltada para o seu aparelho.
- Cara, posso te perguntar uma coisa? - diz Jorge.
- Você já fez uma pergunta.
- Posso fazer duas perguntas então?
- Tá, Jorge, fala então.
- Autonomia existe?
- Hmmmm, sim? - responde Cleiton, meio que parecendo não entender direito a pergunta de Jorge.
- Então, o que é autonomia? - Jorge questiona novamente.

A repetição da pergunta e a incerteza despertada em Cleiton fez com que ele digitasse na busca do Google a pergunta “o que é autonomia?”. Depois de ver o resultado, Cleiton fala:

- É a capacidade que o ser humano tem de governar-se pelos próprios meios. – falou em tom de dúvida.
- Simplificando, é você se autossustentar - completou Jorge.
- Sim - concordou Cleiton, como se soubesse do que estava falando.
- Então, podemos dizer que você não se autossustenta. Afinal, você ainda é um mamífero como muitos outros animais, mamífero este que precisa do ar, das árvores, dos nutrientes, da atmosfera da Terra e de sua gravidade e de outros planetas e estrelas para sobreviver.
- Sim? - diz Cleiton, ainda desconfiado.
- E, além de tudo, você não precisa só da natureza. Por exemplo, aquele vizinho chato, o Junin, ele trabalha na usina elétrica que produz a energia que também sustenta sua casa e geladeira, que sem ela você morreria de fome e...
- Espera um pouco, Jorge.

- O quê?
- O que isso muda na minha vida? - diz Cleiton, agora certo do que estava falando.
- Olha, agora você sabe que completa autonomia não existe e...
- O que isso muda no meu salário e no meu trabalho, Jorge?
- Nada, mas tem uma...- tenta completar Jorge.
- Saiiii!!!!!! - Grita Cleiton.
- Tá bom, cara chato. – Falou Jorge, enquanto saía.

E, com o fim da conversa, Cleiton talvez ainda não saiba o que de fato é autonomia, mas pelo menos conheceu uma nova curiosidade para falar com outros amigos e receber o mesmo mal humor que o Jorge recebeu dele e assim, o ciclo continuar.

Eric Barreto Cardoso

Ver para aprender

Autonomia é aquilo que meus pais costumam falar para eu ter. Dizem para eu ter mais responsabilidade, estudar mais e sozinho. Mas, nem sempre eu faço as escolhas certas.

Eu gosto de assistir televisão e, às vezes, fico no meu quarto e assisto a várias séries de comédia. Às vezes, nem percebo o tempo passar rápido. Numa dessas séries, existem dois personagens que aprontam muito. Eles são dois adolescentes e amigos, que, às vezes, arranjam confusão, mas conseguem resolver a situação sozinhos. Nem sempre deixam de aprontar novamente e isso se repete em todos os episódios.

Quando assisto muito essa série, descubro que um dos personagens tem mais autonomia, mais responsabilidade e o outro não. Em um dos episódios, um desses personagens, o menos responsável deles, deixou para a última hora de fazer o trabalho de ciências e ainda tinha uma prova de direção para fazer. Seu amigo tentou ajudá-lo, mas tudo deu errado.

Assim como ele, eu também preciso ter mais autonomia, aprendendo a não depender tanto dos outros para fazer o que eu preciso.

Estefane Endlich Rodrigues

O dia em que tudo deu errado

Ai ai, não sei nem como começar a contar sobre esse dia. Era uma quarta- feira, a primeira aula seria matemática. Eu, como considero esta matéria desafiadora, não podia nem pensar em perder o conteúdo. Mas, tudo já estava começando a dar errado comigo me atrasando na hora de acordar. Logo depois, fui correndo para o ponto de ônibus com a esperança de conseguir tomar o próximo que ia passar. Nessa tentativa, me apressei, tropecei e me machuquei. Mas ok, tudo certo. Pelo menos conseguir pegar o ônibus.

Cheguei à escola 45 minutos atrasada. Então, acabei perdendo logo a tão esperada primeira aula. Naquele mesmo dia, a quarta aula seria educação física. A grande maioria das vezes, todos os meus colegas de turma pedem e preferem quando a aula é um jogo de queimada. Eu não gosto muito, mas naquele dia, me vi sem saída, e acabei aceitando jogar também. A professora logo veio até mim e perguntou: “será que você poderia separar os times hoje?”. E claro que respondi que sim. Separamos dois times, cada um com 10 alunos.

Tudo estava indo bem e eu estava bem com a minha decisão. Até que, sem eu ao menos souber de onde veio, levei uma bolada na cabeça! Confesso que só percebi o que tinha acontecido depois que acordei, pois eu simplesmente desmaiei de tão forte que aquela bolada foi.

Quando acordei, todos os meus colegas de turma estavam ao meu redor. A professora estava acalmando a turma e tentando me ajudar, perguntando o quanto eu estava conseguindo enxergar, se estava com dor, coisas assim. Eu, sinceramente, não estava conseguindo assimilar muita coisa naquele momento. Simplesmente me levantei e fui pegar um gelo.

Ao final de um dia de azar desses, as coisas não podiam mais piorar. Eu achei, mas me enganei.

Na hora da saída, resolvi passar em uma sorveteria para tomar um sorvete. Um menino que eu não conheço veio correndo na minha direção, trombou comigo e fez com que a casquinha caísse toda na minha roupa. Para

amenizar a situação, amarrei a blusa com um nó e fui para o ponto. Peguei o ônibus de volta para a minha casa toda suja!

Bom, no fim das contas, o que importa é que essa quarta-feira já acabou e a única conclusão que eu pude chegar foi: nesse dia eu percebi que ter autonomia era muito difícil e eu só queria que minha mãe fosse me buscar na escola.

Ester Antunes De Brito

Autonomia?

O que é autonomia? Quando mais nova, minha professora tentou dar uma lição à minha turma. Ela disse que autonomia era algo que, com o tempo, nós conquistaríamos. Disse também ser algo muito importante. Eu, por ser nova demais, não entendi. Por isso, chegando em casa, perguntei à minha mãe o que era (grande ironia, não?). Ela apenas riu como resposta. Como eu não sabia e nem tinha ideia do que era, não entendi a graça, mas hoje posso dizer que entendo.

Há um tempo, minha própria filha (Lucy) me perguntou o que é autonomia. Então, me lembrei dessa minha breve história. Fiz igual minha mãe e apenas ri, dizendo a ela que logo ela saberia. Ontem (segunda-feira), fui à casa de minha mãe e relembrei a história. Nós conversamos sobre autonomia e rimos bastante. Quando Lucy chegou da escola, foi para o seu quarto (ainda enquanto eu estava na casa de minha mãe).

Ela se trocou, pegou um pão e se sentou à mesa. Quieta, só nos observou. Quando terminamos de papear, ela perguntou de novo o que é autonomia. Então, eu respondi que autonomia é independência, é sobre não precisar de nada ou ninguém para realizar as próprias ações. Minha mãe concordou com o que eu disse e, assim, minha filha saiu da mesa bem pensativa. No caminho para casa, vi que Lucy estava com a mesma cara de dúvida.

Parecia que lutava contra minha resposta, que não a tinha entendido direito. Por isso, perguntei se ela havia entendido o que eu disse. Ela respondeu:

— Até que entendi, mamãe, mas não sei se quero ter autonomia.

Eu sorri e disse:

— Filha, acho que ninguém ao fundo quer ter completa autonomia, porém isso é necessário.

Ainda um pouco confusa, ela se virou e afirmou:

— Mas, mãe, você também não tem autonomia.

Nessa hora, quem ficou confusa fui eu. Lucy continuou falando quando percebeu minha confusão.

— Pense só: se ser autônomo é não precisar de ninguém, você não deveria precisar que a vovó me busque às sextas-feiras.

Eu respondi:

É diferente, minha filha. Neste caso, é porque eu estou trabalhando

Ela rebateu:

— Ainda assim, você está precisando dela para realizar uma ação.

Depois dessa resposta, fui dormir pensando nisso.

No outro dia, compreendi que na verdade a autonomia é: mesmo precisando de outras pessoas ou de ajuda de vez em quando, precisamos saber, por si só, assumir essa necessidade e procurar por essa ajuda. Até porque, todos precisamos de médicos, por exemplo. Saber se cuidar não significa que você não precisa ser cuidado ou ajudado de vez em quando.

Quando me levantei da cama, só olhei para a minha filha e sorri em aprovação. Só pelo olhar, ela entendeu. E aí, eu percebi que, mesmo nova, ela

talvez tenha mais autonomia do que eu pensava.

Gabriela Breder Guimarães

A autonomia que mora em mim

Hoje, eu completo meus 20 anos. Acabo de acordar, olho o relógio e vejo que já é meio-dia. Normalmente, eu acordo mais cedo, mas, para te falar a verdade, isso só acontece mesmo quando é minha mãe quem me acorda. Ela fala que eu preciso ter mais autonomia, ou seja, ter mais vontade própria de fazer as coisas sozinha, etc. Para me incentivar a isso, ela decidiu que hoje não iria me acordar.

Tudo bem. O fato de eu não ter autonomia, na visão dela, me incomoda um pouco. Ela não está 100% errada, mas, posso dizer que eu tenho dado meu máximo para melhorar isso. O que meus 20 anos tem a ver com toda essa história? É porque hoje também é o dia no qual eu decidi sair de casa.

— Filha, o almoço está pronto! - Essa fala dela interrompe meus pensamentos, e então, vou direto à cozinha.

— Bom dia, mamãe!

— Bom dia, querida. O que você vai fazer hoje? Não irei te levar a nenhum lugar, só para te deixar avisada.

— Nossa, mas eu nem disse nada ainda, mãe... eu, na verdade, não preciso de nada. Queria apenas conversar com você.

Na hora dessa conversa, eu fiquei um pouco sem saber em como iria falar isso para minha mãe. Eu sei, ela quer muito que eu me cuide e que eu faça as coisas por mim mesma. Porém, acho que ela ficaria triste se eu só falasse que decidi sair de casa. Acho que vai ser um dos grandes passos e o primeiro realmente grande que eu vou dar na minha vida. Eu já me sinto muito orgulhosa de mim mesma por isso. Tá, pensar nisso ajudou. Eu sei que ela vai ficar orgulhosa de mim também

— Bom, mãe, hoje é meu aniversário. Vou fazer 20 anos, e você sempre diz que eu tenho que ter mais autonomia, independência, mesmo que eu já a tenha às vezes, certo? - questionei ela.

— Ei! Não me venha com essa história de que você tem autonomia, minha filha. Você não arruma nem a sua própria cama direito ainda!

- Entendi, mãe. Eu sei que você me ama e que se preocupa com o fato de eu, na sua visão, não saber muito fazer as coisas sozinha. Mas, tente entender essa mudança como uma oportunidade para que eu cresça e voe sozinha. Você irá poder me visitar e eu prometo que vou também te visitar todos os dias.
- Querida, essa sua fala me faz pensar melhor e me enche de orgulho. Eu sei que não posso decidir o seu futuro no seu lugar. Você está, realmente, dando um passo enorme. Hoje, vamos então fazer uma festa dupla: celebrar o seu aniversário e a mudança de apartamento.
- Obrigada por me entender e me apoiar - nos abraçamos, emocionadas com a conversa.
- Querida, eu sempre irei te apoiar.

Com essa história, pude eu mesma entender e explicar para ela que, a autonomia que ela me pediu a vida inteira para ter, eu já tinha feito crescer dentro de mim. Eu só não a percebia ainda.

Gustavo Rodrigues De Andrade

Reflexões sobre a autonomia

Autonomia, um dos assuntos mais tratados hoje em dia. Uns acham que quanto mais melhor. Outros, que em excesso pode ser ruim. Eu digo que: depende.

A situação pode variar muito. Por exemplo, quando somos menores, nossos pais nos ensinam a ter cada vez mais independência. Quando damos nossos primeiros passos, aí já não precisamos mais ser carregados. Nos ensinam a usar o banheiro, a comer com a colher e a falar. Bom, isso até crescermos mais.

Nossa independência já tem uma base e queremos explorar o vasto mundo sozinhos. Se os pais demoram muito a deixar a criança ser independente, ela pode se tornar mimada. Mas, se forem livres demais, ela pode também entrar em caminhos perigosos no futuro. Acredito que caiba aos pais gerenciar bem a situação e orientar os filhos para não irem até os caminhos errados, que provavelmente, podem causar problemas.

Refletindo um pouco mais, falamos tanto em ser autônomos e independentes que não percebemos que ainda lutamos todos os dias contra diversas dependências. O caso mais famoso no Brasil é o de D. Pedro I, que o D. João VI deve ter ficado bem surpreso dele ter atingido tamanha independência. Há! Outro exemplo desses é o das mulheres, que depois de anos e anos sendo colocadas como inferiores pela sociedade, hoje possuem cargos de poder e direito ao voto, sendo tão ou mais influentes que os homens politicamente e socialmente.

Dependência dos eletrônicos, um outro exemplo. Ela está em todo o lugar! Você pode ler esse texto pelo projetor de imagens ou estar lendo o livro físico. “Mas o livro não é digital”, você diz. E, quem imprimiu o livro? A copiadora! Ou como escreveram esse livro, nos dias de hoje? Pelo computador! É... o assunto é bastante debatido, mas a resposta é óbvia: não dá para se viver 100% independente dela! Viagens, comunicação, estudo e até mesmo a sua comida tem tecnologia envolvida. Imagine que você está guardando um bolo para o dia

seguinte e, quando for a hora comê-lo, ele estragar. Agradeça à sua geladeira por isso não acontecer.

Ao final de tudo isso, podemos concluir que, embora nós gostemos dos nossos pais fazendo comida para gente, devemos ter mais autonomia nessa vida. Quando crescermos, vai ser cada um por si. Mas, com a nossa dedicação agora e com a orientação deles, podemos nos dar o futuro que quisermos! Até mais!

Helena Pissinali De Souza

Criando asas

Quando eu era mais novo, não tinha permissão para decidir nada por mim mesmo. Os meus pais tinham total controle sobre a minha vida, se eles quisessem que eu fizesse algo, eu nem sequer podia argumentar contra.

Isso sempre foi algo que me frustrou profundamente. Tanto que, naquela época, meu único sonho era ter liberdade o suficiente para controlar minha própria vida, para tomar minhas próprias decisões sem depender de meus pais.

Quando finalmente, aos dezenove anos de idade, me mudei da casa deles para a minha própria, senti como se finalmente tivesse alcançado a tal liberdade que sempre almejei. Acredito que nunca antes eu tenha me sentido melhor do que nos primeiros meses após minha mudança. Eu finalmente podia tomar minhas próprias decisões sem a interferência de ninguém, escolher roupas que seguissem o meu estilo próprio e decidir o que queria fazer. Eu finalmente tinha total independência e autonomia!

Durante meu dia a dia, eu decidia por mim mesmo aquilo que julgava ser a melhor opção. É claro que eu não tomava a decisão ideal todas às vezes, mas acredito que isso é o que realmente significa ter a capacidade de decidir as coisas por si mesmo e aprender com isso.

Com o tempo, porém, comecei a sentir falta de alguém tomando as decisões por mim. Isso pode ser meio contraditório da minha parte, mas é realmente cansativo ter que ser responsável por sua própria vida grande parte do tempo.

Eu ainda adorava a liberdade que tinha e, em alguns casos, não tenho dúvidas de que foi melhor fazer as escolhas por mim mesmo. Mas, percebi que gostaria de ainda poder ter meus pais tomando conta de mim e da minha vida. Afinal, naquela época eu ainda não precisava me preocupar em como minhas decisões poderiam afetar minha vida no futuro.

Hugo Barreto Cardoso

O dia em que eu cresci

Agora que estou crescendo quero ter mais autonomia! Ah sim! O que é isso mesmo!?

De acordo com o dicionário, autonomia é a capacidade que o ser humano possui de autogovernar-se, de dirigir-se por suas próprias leis ou vontade própria; é a sua soberania. Bom, seguindo essas afirmações, acho que posso afirmar que estou começando a ter mais autonomia.

Sou um cara que acorda cedo, inclusive aos finais de semana. Eu lavo o rosto e escovo os dentes sem ninguém me mandar. Tomo meu café e sei bem o horário dos meus medicamentos. Sei também que preciso me organizar com meus estudos por conta própria e estou tentando fazer isso. Tenho a minha hora de ir para cama, dormir, sonhar e começar um novo dia.

Mas, tem coisas que ainda preciso de ajuda. Tipo: pegar um ônibus. Meus pais me disseram que iam sozinhos para a escola de ônibus a partir de 10 e 11 anos. Ir à padaria sozinho, atravessar a rua. Isso ainda são coisas difíceis para mim, pois tenho medo de ser atropelado por um carro. Sou um pouco desatento.

Gosto de fazer suco, comer biscoito, mesmo assim sei que preciso lavar a louça e limpar a sujeira que eu deixo.

E então, é isso! Ter autonomia é ter responsabilidade pelas coisas que a gente faz. Sempre tentando fazer o melhor, praticando o que aprendemos.

Isabela Cerillo Moura

O primeiro dia na escola

Vejo ele passar pelo portão da sua primeira escola bem na hora que o choro vem à tona. Como assim ele já tinha crescido? É normal acontecer tão rápido assim? Tenho quase certeza de que a resposta para tudo isso era não.

E foi aí, bem aí, que os *flashbacks* começaram. Ele quando tinha acabado de nascer, quando andou pela primeira vez ou quando balbuciou alguma coisa

parecida com um “mamãe”. Agora, estávamos ali, com ele prestes a entrar na escola. Ver ele ali, se enturmando tão rápido em um lugar totalmente diferente,

fazendo amiguinhos em questão de segundos fez despertar aquela saudade de quando ele era apenas um bebê no meu colo.

Nesse momento a ficha caiu: eu precisava deixá-lo ir, por mais doloroso que isso fosse para mim. Agora, olho para trás e vejo que aquilo foi a coisa certa

a se fazer, mesmo com todas as dificuldades. Hoje, sei que aquela escolha de deixá-lo ir à escola, mudou tanto a vida dele quanto a minha.

Lembro bem de como era difícil sairmos de casa, já que ele estranhava todo mundo. Mas, depois daquela pequena mudança, ele virou outra criança.

Agora, a dificuldade era ficar em casa sem aquela movimentação da creche. Ele passou a sentir falta dos amiguinhos no final de semana. Agora, qualquer pessoa

nova que chegava era recebida com um sorriso. Tudo mudou.

Hoje em dia, é lindo ver uma criança tão nova com uma autonomia tão grande. E eu finalmente percebi que preciso continuar incentivando isso, já que a minha vontade é só abraçá-lo e manter ele perto de mim e protegido o tempo todo.

Julia Nobres Cabral

Ser adulto é diferente

Um dia, eu estava voltando para casa e vi que tinham arrombado a porta. Isso já tinha me acontecido antes, só que, daquela vez, eu morava com meus pais.

Quando entrei, percebi que o invasor tinha entrado e levado grande parte dos objetos de decoração da minha sala e eu não sabia mais o que fazer. Eu nunca tinha passado por isso como uma adulta livre e independente e tive a maior dificuldade de comprar e arrumar todas as minhas coisas direitinho. E, foi logo nesse dia, que eu também reencontrei uma antiga amiga da mesma rua. Ela tinha acabado de voltar de viagem e soube o que aconteceu. Logo, também, ela se prontificou em me ajudar.

Quando a vi, fiquei muito feliz por tê-la de volta. Ela me confortou e disse que podia me ajudar. Isso me trouxe ânimo, pois ninguém tinha feito aquilo por mim de uma forma tão simpática e acolhedora.

No final, mesmo com o susto que levei e com esse tenso episódio que vivi, eu me senti feliz com o apoio e o companheirismo da minha amiga. Aprendi que as coisas materiais são o de menos. É muito bom morar sozinho e ter minha própria autonomia e liberdade. Mas, é muito bom também poder compartilhar as coisas ruins e contar com o apoio das pessoas em minha vida. Autonomia é sobre isso: agir pela sua própria vontade, sem querer dizer que terá que lidar sempre com tudo sozinha.

Júlia Pirola Ogênio

A amizade em uma das piores formas

Amizade, realmente uma palavra que consiste nas demais ramificações possíveis, porém eu sigo apenas por uma: amizade é algo difícil de lidar, na maioria das vezes, mas ensina muita coisa. Talvez seja meio egoísta da minha parte seguir, parcialmente, por esse caminho e deixar de incluir as coisas boas, mas é fácil de explicar o porquê de tamanha escolha.

Fui muito romântica até meus 16 anos, e certamente foi algo que não me arrependo de ter sido. Nessa época, eu havia tido minha amizade verdadeira pela primeira vez. Ele era tudo aquilo que eu mais gostava e depois mais odiei, tudo que me fazia bem e em seguida mal. Talvez eu tenha um gosto bem peculiar para amigos.

Seus olhos castanhos claros me encantavam, sua risada era divertida e seus gostos eram parecidos com o meu. Quando percebi que estava perdida em diversas emoções e vivia coisas que nunca vivi antes, meu mundo meio que se coloriu. A gente conversava o dia todo, se pudesse, e sempre era divertido. Porém, nunca entendi como a gente (ele) se perdeu em meio disso.

Sabe, quando eu conheci tal sujeito, sempre que ele queria algo, eu me redimia para fazer a sua vontade. Nunca existia o meu, mas sempre o dele, porque eu queria que me aceitasse. Por isso sempre deixei que minha auto vontade fosse enterrada. E eu só queria saber algo: como eu nunca percebi isso?

Sabe, às vezes temos amizades ilusórias criadas para deixar nosso mundo mais leve e até mesmo feliz, por medo de enfrentar a realidade. Mas, quando acordamos do sonho, parece que tudo se torna em pesadelo e aquilo nos pega de uma forma despreparada, porque não há preparação sem antes uma informação.

O pior de tudo é que quando eu soube, demorei anos para superar, mas levei apenas dias para virar sua amiga e gostar dele. Porém, no final, tudo deu certo. Hoje, talvez eu não seja a pessoa que romantiza tanto as pessoas assim. Creio que os amigos não só nos machuquem, senão haveria lindas histórias de amizades por aí.

Eu aprendi a me valorizar e nunca me desvalorizar. Aprendi que minha autonomia deve valer muito mais do que um simples sair da casa dos meus pais e ser independente. Ela deve ser mostrada e vista aonde quer que eu vá. Talvez, eu tenha me deixado abalar por um momento. Mas hoje, tenho autocontrole e autoconfiança naquilo que faço. Talvez a amizade tenha outro significado também: ela te ajuda a ter auto felicidade onde não se pode ver saída.

Lorena Lourenço Santos

Sobre a liberdade

É muito engraçado como as pessoas são. Muitas crianças sonham em ser um adulto para poder ter mais autonomia, liberdade, poder fazer o que quiserem. Mas, também escuto muitos adultos desejando voltar a ser criança. Eles dizem que eram mais felizes e não sabiam, que mudariam muita coisa e, se pudessem, teriam aproveitado muito mais.

Eu tinha um amigo quando eu era menor que desejava ser independente. Ele queria fazer tudo sozinho, e, a longo prazo conseguiu. Quando ele fez 18 anos, se mudou de estado, decidiu ir morar sozinho. Ele me falou que nos primeiros meses foi incrível, que finalmente tinha a liberdade e autonomia que tanto queria. Mas, ao ver que passava a maior parte de seu tempo fazendo suas obrigações e não apenas se dedicando a aquilo que realmente queria fazer, percebeu que essa experiência não era um mar de rosas.

Claro, ela tinha várias vantagens. Mas, ele sentia muita falta de sua infância e do período em que morava com seus pais. Ele percebeu que essa liberdade que tanto desejava quando era mais novo não era tudo que precisava para ser feliz. Uma simples comida feita com amor por sua mãe poderia facilmente o fazer feliz aos seus 18 anos.

No final, acho que devemos ter um equilíbrio. É ótimo ter autonomia e independência, mas é sempre bom ter alguém que possa cuidar de você quando precisar.

Maria Hoisel Paiva

A importância da autonomia na infância

O que a palavra autonomia lhe sugere? Se você pensa na capacidade de fazer as coisas sozinho, essa certamente é uma das definições. Mas, isso nos leva à questão: é realmente bom ser autônomo? Nós realmente conseguimos ser completamente autônomos?

Sabemos que precisamos da ajuda das pessoas. Já aí, eliminamos a possibilidade de sermos completamente autônomos. Se, mesmo assim, alguém quiser e tentar ser completamente autônomo, isso vai ser algo bom? Provavelmente não. A pessoa poderia recusar ajuda em momentos importantes e isso prejudicaria ela.

Obviamente, ter autonomia é algo bom. Não apenas algo bom como é algo muito importante na vida. Se você deseja morar sozinho, ir a outro país, ou até mesmo ir lá na esquina comprar um pão, sem autonomia, você não consegue fazer essas coisas.

Outro exemplo dessa importância é o exemplo da vida das crianças. É muito fácil perceber isso quando convivemos com uma criança com sua autonomia restringida por algum motivo, seja uma doença ou qualquer outra coisa. Chega uma idade em que as crianças começam a fazer coisas sozinhas, como ir dormir na casa de um amigo ou até mesmo ir só passar a tarde. Quando alguém, por algum motivo, não tem capacidade de fazer essas coisas sozinho, a criança vai ficando frustrada e se sentindo excluída.

As pessoas aprenderem a cuidar de si mesmos é um passo fundamental para a formação, convivência e liberdade, principalmente quando ela tem alguma dificuldade extra. Esse primeiro contato com a autonomia é importante para a criança se preparar para a vida e aprender a se cuidar, porque nem sempre ela terá alguém ali para a ajudar.

Murilo Ferraz Muniz Barbosa

Asas para voar

Estou saindo da casa dos meus pais. Não fui eu quem decidi isso, mas é o que vai acontecer. Eu quero, sim, ser mais independente e autônomo. Mas, o meu pai acha melhor eu passar por essa experiência agora, aos 18 anos. Ele saiu de casa e foi morar sozinho com essa idade também. Ele já me contou diversas histórias sobre o quanto ter saído da casa dos meus avós foi bom para ele, o quanto ele se sentiu livre e bem para fazer suas próprias escolhas. Ele quer isso para mim também.

Eu passei no vestibular para uma universidade fora da minha cidade. Estou com um pouco de receio, pois não queria deixar minha cidade natal e minha casa agora. Penso que talvez pudesse estudar algo aqui na minha cidade mesmo. Porém, eu passei para uma universidade muito boa e com condições melhores do que eu teria na minha cidade. E isso, de certa forma, me faz querer viver essa experiência.

O que vai acontecer? Eu não sei. Estou com medo, mas quero essa autonomia. Acho que, então, vou tomar coragem e me arriscar.

Pedro Fraga Martins

Mudanças

É estranho como a vida da gente pode mudar em questão de minutos. A minha levou exatos 3,5 bilhões de minutos ou 12 anos, para virar de cabeça para baixo, ou seja, hoje. Minha família, quer dizer, minha mãe e meu pai, colocaram na porta da geladeira, logo pela manhã, um papel com nomes e leis que ninguém poderia quebrar. A não ser um poder soberano e inquestionável, ou o poder executivo da casa, aquela que criou as leis, minha mãe. Ela me acordou mais cedo só para me mostrar aquele papel pendurado na geladeira, e disse:

— Meu filho, essa é a nova lista de tarefas que você precisa fazer até o final do dia, todos os dias.

Eu olhei para ela, um pouco confuso, e disse:

— Para que serve essa lista, mãe? Eu já arrumo minha cama.

Ela olhou para mim com uma cara sorridente, já esperando que eu falasse isso.

Era como se ela tivesse planejado exatamente como essa cena iria ocorrer e já tinha preparado todo um discurso sobre limpar a casa. Dito e feito, ela fez um grande discurso dizendo:

— Meu filho, eu trabalho, chego em casa, lavo a roupa, arrumo a casa e faço o jantar. Eu fico muito cansada, e, agora que você está grande, já pode começar a ajudar com mais tarefas. Você pode arrumar seu quarto, lavar a louça e jogar o lixo fora. Criei essa lista para dividir as tarefas, aí cada um vai ter seu dia de limpar e lavar...

Ela ficou quase uns 10 minutos falando esse discurso.

Se passou um tempo, até que chegou a hora do almoço. Almoçamos e, após isso, fui direto para o meu quarto. Mas, antes de qualquer coisa, minha mãe me chamou lá na cozinha. Quando eu olhei, tinha a louça do almoço que ficou lá só para eu lavar. E ela ainda completou dizendo:

— Hoje é seu dia, esqueceu do combinado?

Olhei de volta para ela com uma cara de paisagem e disse:

— Jamais!

Lavei aquela louça que parecia que nunca ia acabar. Durante a tarde ainda realizei algumas outras tarefas, como arrumar meu quarto, tirar o lixo e dar uma varrida na casa.

De noite, após o jantar, fomos ver um filme. Reparei que minha mãe não dormiu logo no início do filme. Percebi que ela estava mais disposta e animada, não estava se sentindo tão cansada. Quando fui dormir finalmente, entendi realmente o sentido de dividir as tarefas domésticas.

Quando crescemos, nossas responsabilidades crescem com a gente. Isso também é ter autonomia. Não é fácil, mas é necessário, se quisermos desenvolver raízes profundas para sermos árvores fortes e resistentes aos intensos ventos e geadas da vida.

Pedro Henrique Serafim Da Conceição

Cotidiano

Bom, para você conseguir entender essa crônica, tens que saber o que é autonomia. Sabendo isso, vamos contar a história.

Eu tinha uns 12 anos e não entendia o que era isso ainda. E, hoje, com outra idade, vejo a minha atitude atual sendo muito importante para o meu crescimento e maturidade.

Com a escola, fui aprendendo a mudar meus conceitos. “Nossa, tenho um trabalho para entregar, mas ainda não tive a atitude de fazê-lo e o prazo de entrega é na semana que vem”. Isso pode ser um pensamento comum, às vezes. Comum também pode ser eu talvez, em algum trabalho em grupo, não querer magoar meus amigos dando um toque neles para podermos adiantar e terminar logo.

Mas, hoje sei que, se preciso desses pontos, é preciso que eu tome uma atitude, tenha minha autonomia e vá atrás. Posso contar com os professores para me ajudar e incentivar nisso.

Depois de pensar nisso, eu percebi que eu não precisava ficar esperando outra pessoa me dar um toque para poder agir. Desde então, eu venho falando com outras pessoas para fazer o mesmo. Eu sei, parece um pouco clichê, mas é importante vivermos as experiências e passarmos nossos conhecimentos.

Theo Cypreste Almeida

Como é difícil!

Desde pequeno, sempre reclamei com meus pais que eles não me davam autonomia. Eles não me deixavam ir à padaria sozinho, que era literalmente na esquina de casa, ou sair com meus amigos e passear com meu cachorro no quarteirão. E, na época eu tinha 14 anos!

No meu aniversário de 16 anos meu pedido quando soprei as velinhas foi que meus pais fossem um pouco mais liberais. E, não é que funcionou? Ao pedir a eles para ir ao cinema com a garota que estava conhecendo, eles deixaram!

No dia de ir ao cinema, estava muito empolgado, finalmente ia conhecer presencialmente a garota que eu gostava. Na sessão, estava indo tudo ótimo. Depois de 1 hora do filme, eu finalmente tomei coragem de segurar em sua mão. Quando houve essa aproximação, escutei uma pessoa me chamando e falando para eu voltar para o carro que queria conversar comigo.

Eram os meus pais. Na hora, fiquei tão nervoso que nem dei tchau para a menina. Quando cheguei no carro, eles ficaram me falando um monte de coisas no caminho até em casa. Eu estava com um mix de sentimentos: raiva, tristeza, vergonha e decepção. Quase nem escutei o que eles falaram! Quando cheguei em casa, fui direto para o meu quarto. Naquela hora, eu pensei comigo mesmo: “Eu quero mudar de vida”. Foi aí que comecei a pensar em pequenas maneiras para juntar dinheiro.

No meu aniversário de 18 anos, com um dinheirinho guardado, eu estava firme com a minha decisão: eu finalmente iria morar sozinho! Depois de uma semana do meu aniversário, contei para meus pais que isso ia acontecer. Eles falaram que não, que eu nem tinha dinheiro para pagar todas as contas e nem comprar comida. Eu respirei fundo e falei que a casa já estava alugada e que eu me mudaria daqui a três dias

Finalmente, o dia chegou, quando entrei no apartamento, vi que era um lugar simples, pequeno, mas aconchegante. No primeiro mês, eu estava adorando! Minha casa estava em ordem e o trabalho novo estava dando certo. Até chegarem as contas. Como a conta de luz veio tão cara? Eu nem ligo a luz

direito! Como a conta de água está tão cara? Eu só tomo banho e lavo a louça! Pelo menos a conta de gás estava barata. Mas isso é porque eu só peço fast-food.

Nessa hora, eu ri de mim mesmo. Que saudade de não ter que pagar as contas, de não ter que fazer minha própria comida, de não ter que fazer as compras do mês.

Eu acho que meus pais estavam certos. Era, realmente, tudo para o meu bem. Fiquei feliz por ter tido autonomia na minha escolha, mas entendi que ainda precisava do apoio deles e não estava preparado para esse momento assim, tão de repente. Como crescer é difícil!

Tiago Stange Viana

Por que devo ser autônomo?

“Por que devo ser autônomo”? Bom, eu me fazia essa pergunta todas as vezes que minha mãe brigava comigo dizendo: “Você precisa ser mais responsável” ou “Na sua idade eu já era mais responsável”.

Por mais que eu queira, não tem como escapar. A necessidade de ter autonomia me persegue em todo lugar: na escola, em casa e até em almoços de família, quando aquela tia chata diz que eu preciso ter mais responsabilidades.

Por um bom tempo, achava que meus pais me pediam para ser autônomo porque eles tinham preguiça de me ajudar com as coisas do dia a dia. Mas, com o meu amadurecimento, percebi que não é bem isso. Bom... talvez possa ser.

Na adolescência é quando somos mais cobrados nessa parte, pois deixamos de ser crianças e passamos a ter mais responsabilidades. Depois da adolescência, nós temos que nos tornar totalmente independentes. Muito por isso somos tão cobrados em relação à autonomia.

Mas então, por que devemos ser autônomos?

Hoje entendo que a resiliência, autoconfiança, criticidade, criatividade, etc. são alguns benefícios de se trabalhar esse conceito nas nossas vidas. Entendo também que, para o meu futuro, preciso me tornar mais responsável em todas as áreas da vida.

Yana Rigo De Oliveira Reis

Desabafo de uma “não mais” criança

Querida crônica, as coisas têm mudado por aqui.

Desde que eu completei 13 anos, eu tenho tido mais obrigações. Lavar a louça somente para ajudar já não é mais uma opção. Mamãe já não me leva de carro para a escola todos os dias de manhã cedinho. As roupas não aparecem mais magicamente dobradas na minha gaveta. Presente de Dia das Crianças? Esquece. Eu não sou mais criança. Meu corpo mudou do dia para a noite. Logo, logo já estou no Ensino Médio. Tudo mudou muito rápido. Eu nem tive tempo de me despedir.

Às vezes, tudo o que eu quero fazer é: colocar um fone de ouvido, deitar, fechar os olhos e simplesmente, desligar. Esquecer tudo o que eu preciso fazer, e descansar. Pena que não dá tempo. A vida não pausa para poder me esperar.

Eu gosto do fato de começar a ser independente e de ter mais autonomia. Mas eu sinto falta de dormir no domingo à noite assistindo filme, sem me preocupar em acordar cedo no dia seguinte. De eu dormir no carro, e papai me carregar até em casa só para não me acordar. Quando eu acordava no meio da noite com pesadelos e ia para a cama dos meus pais. Das vezes que a mamãe acordava mais cedo, só para eu não ficar sem lanche na escola. Eram pequenas coisas que eles faziam por mim e que agora vou começar a fazer por eles.

E como dizia o Tio Ben, da série de filmes do Homem-Aranha: com grandes poderes vêm também grandes responsabilidades.

CRÔNICA

9º ANO - TRABALHO

Anna Beatriz Da Silva Ferreira

Um longo dia

Na crônica de hoje, vou contar sobre as três horas mais longas da minha vida.

Tudo teve início quando eu estava dirigindo em direção ao meu trabalho, em uma firma de arquitetura, de frente para o Joan of Arc Statue, Nova Orleans. De repente, uma mulher completamente embriagada bateu na traseira do meu carro.

Vish, foi fumaça para todo lado! Outros carros buzinando, a mulher - que depois descobri que se chamava Márcia - gritando comigo e dizendo que EU era o responsável pelo acidente, o que estava claro que não era verdade.

A polícia foi acionada e Marcia, histérica, protestava contra o teste do bafômetro, declarando palavras ofensivas aos policiais e a qualquer uma que se aproximasse dela. Isso fez com que ela fosse presa em flagrante por desacato a autoridade. Adivinhe quem foi levado como testemunha? Eu, que já estava uma hora e quarenta minutos atrasado! Mas, ainda assim, lá estava. Sentado do lado da mulher que havia amassado meu carro, registrando um boletim de ocorrência, que demorou mais meia hora para ser emitido.

A essa altura do dia, o meu chefe já havia me ligado mais de cinco vezes, o que com certeza não significava algo bom. Mandeí uma rápida mensagem informando o ocorrido e, aparentemente, ele entendeu o meu lado e me pediu para ficar tranquilo.

Hoje, já se passaram dois anos desde o acidente. Ainda espero o dia em que Márcia vai me indenizar. Durante esses anos, transformei toda a minha frustração em motivação e me dediquei muito a minha carreira. Hoje, sou um dos mais renomados arquitetos de Nova Orleans. No fim das contas, até que meu longo dia fez bem para minha vida.

Caliel Augusto Barcelos Lemos

Trabalhando para o melhor que eu posso ser

Já faz um ano desde que comecei a ir para a nova escola. No começo, minha mãe era contra (coisa que toda mãe se preocupa), mas depois de ver como me adaptei a essa fase, ela ficou muito feliz. Meus irmãos e eu estudamos na mesma escola e eles sempre estão do meu lado caso eu precise. Mas, já disse a eles que não precisam ficar só perto de mim.

Depois de um dia de escola, ao chegar em casa, eu estava totalmente entediado e cansado devido ao dia escolar e uns exames feitos no dia anterior. Com isso eu desabo em minha cadeira, pensando no que fazer enquanto ninguém chega. Eu me levanto e dou uma andada pela casa, vou até o quarto dos meus pais:

— Nossa, tá cheio de roupas no cesto! - eu digo para mim mesmo.

Aproveitei que estava pegando a roupa suja e fui olhar o quarto que divido com meus irmãos e, como já esperava, o cesto deles também estava cheio. Eles sim são bem desleixados! Mas, dei essa colher de chá porque foi nossa semana de provas e eles estudaram até demais. Houve dias que eles nem jantaram de tanta exaustão! Sem demorar, eu pego as roupas e coloco todas para lavar.

Logo a máquina apita e elas ficam prontas para serem penduradas. Depois de colocar as comidas para esquentar em seus respectivos potes, estendo-as no varal. Eu me sentia muito bem depois de fazer todas essas tarefas!

— Eu me sinto... útil... é tão bom! - pensei comigo mesmo.

Eu varri a casa, reparei algumas camisas rasgadas e curtas dos meus irmãos e coloquei em uma caixa de doações. Eu olho o relógio, já são 18:00 o pessoal deve estar chegando! Com a mente feliz, eu vou e tomo um banho.

Alguns minutos depois, ouço a porta de entrada abrir e toda minha família chegar em casa. Eu vou o mais rápido que eu posso para cumprimentá-los. Conto a eles como foi o meu dia enquanto jantávamos e disse que faria isso toda vez que estivesse sozinho em casa. Meu pai e meus irmãos ficaram impressionados e felizes, mas a mãe parecia triste por ver o tanto de serviço

doméstico que fiz sozinho. Mas, ao ver o quanto eu estava feliz em ajudar, ela se sentiu melhor. Então, me deu apenas um aviso:

— Se você não estiver bem, não se esforce demais, entendeu mocinho?

— É claro mãe, mas não se preocupe, tenho isso em mente - respondi.

No fim, me sinto aliviado pelo sentimento de ter conseguido ajudar hoje. Afinal, essa é uma das formas que eu posso realizar de trabalho, mesmo que dentro de casa. Que eu possa ser útil e fazer algo legal não só para mim, como para todo mundo!

Chloe Lobato Henning

A boa e velha pergunta

Olá! Me chamo Marcos, tenho 22 anos e vou contar um pouco da minha história. Quando eu era muito pequeno, todo mundo perguntava para mim o que eu queria ser quando adulto, o que eu queria trabalhar, e eu nunca sabia responder.

Meu pai falava que eu iria ser um grande jogador de futebol, mas eu não gostava. Minha mãe falava que eu iria ser um grande empresário, mas eu achava que não teria a grande capacidade de comandar uma empresa grande.

Então, eu ficava com isso na cabeça, porque toda hora todo mundo ficava me parando e me perguntando. Quando eu fiz por volta de meus 15 anos, comecei a me questionar sobre isso. Fiz uma lista sobre o que eu gostava de fazer, como cozinhar e cuidar de animais (sim eu gostava de pouca coisa). Então, eu comecei a me aprofundar sobre isso.

Hoje em dia, eu trabalho com veterinário e sou um dos melhores chefs 5 estrelas do mundo - sim, ao mesmo tempo!

Apesar das minhas escolhas terem sido bem diferentes do que meus pais esperavam, eles ficaram muito felizes por isso e também adoram comer minhas comidas mais famosas. Hoje eu me considero um profissional muito contente, tanto com os caminhos que segui, quanto pelo apoio dos meus pais.

No final, o mais importante é nunca desistir dos seus sonhos.

Davi Castelo Silva

Trabalha, trabalha, trabalha...

Bem que me disseram que a vida adulta era complicada. As “mordomias” acabaram, a falta de preocupação se tem comida na despensa, ou se tem sabão para lavar roupa também se foram.

A agenda não se resume a acordar, tomar café, ir pra escola, chegar para o almoço, descansar, e rever as matérias. A rotina agora é outra: o despertador toca, corro pra ducha para acordar meu corpo (o que muitas vezes não funciona),

o café fica para mais tarde, pego um engarrafamento e chego quase atrasado para o trabalho.

Sento na minha mesa afobado, e já confiro como será meu dia. Verifico e-mails, preencho relatórios, escrevo muitas papeladas, e dou uma última olhada na apresentação da reunião da tarde. Quando percebo, já é a hora do almoço, e nem café eu tomei!

Peço um lanche no aplicativo de entregas e isso já me lembra que eu pago o plano da academia há um ano e faz um mês que não apareço.

De repente, recebo uma mensagem: minha mãe perguntando se vou almoçar lá no domingo... Respiro fundo e lembro que estive lá há quinze dias, precisarei estar nesse almoço. Não consigo esquecer como a comida da minha mãe é boa, e o quanto não precisava me programar para desfrutá-la. Sou despertado dos meus pensamentos pelo entregador do lanche, e penso: Finalmente, paz.

Mal dou duas mordidas e já aparece a secretária me chamando para atender um cliente que chegou sem agendar, mas que depende de mim. Largo o lanche e corro para encontrá-lo.

Retorno para a mesa, deixo o lanche de lado (já estava frio), junto a papelada e vou para a sala de reuniões. No caminho, pego um café (ruim por sinal) e entro na sala. A reunião começa, faço a apresentação, a proposta é aprovada, fechamos o negócio. Saio contente da sala, e sem perceber, derrubo café no meu chefe. Lá se vai minha alegria. Porém, por sorte, ele estava tão feliz com o acordo fechado que por fim nem se importou tanto.

Volto para as papeladas e e-mails, e quando menos percebo, já são 21h. Cansado, deixo as coisas e vou para casa. Pensei em ir à academia, afinal, a roupa já está no carro. Mas, desisto, estou morto. Chego em casa, tomo banho, confiro a geladeira, descubro que só tenho pão, queijo e ovos. Preciso ir ao supermercado... Engulo a comida, e vou para a cama. Antes de dormir, fico pensando: como era bom ser adolescente...

Por fim, como dizem todos os adultos, a vida segue! Chego a conclusão de que preciso de férias... e de um psicólogo!

O despertador toca...

Davi Silva Dalla

Ainda menosprezado

Acabei de assinar um grande contrato com um enorme e tradicional time do vôlei, Minas Tênis Clube. Fiquei super ansiosa e animada, já que seria meu primeiro contato com o voleibol adulto, ainda mais no time do meu coração. O tão esperado dia chegou, meu primeiro treino, arrumei as minhas coisas e fui para o ginásio do Minas. Lá, encontrei grandes inspirações que me acolheram super bem.

Depois de um grande treino de 4 horas, estava super exausta, mas ainda não podia ir para casa. Ainda restava a minha sessão física, 2 horas de academia. Completei meu exercício e cheguei em casa, querendo somente a minha cama. Além de jogadora de vôlei, sou uma mini empreendedora e tenho uma loja de artigos esportivos on-line, e, neste dia, tinha vários pedidos para embalar e algumas coisinhas extras para resolver. Só consegui parar às 3 da manhã! Super exausta, encostei na cama e já dormi. No dia seguinte, acordei às 7 da manhã para seguir a mesma rotina do dia anterior.

Em um sábado de feriado, estava sozinha e entediada em casa. Pensei em malhar, mas me lembrei que a academia do Minas Clube estava em reforma e não dava para usá-la. Então, fui em uma academia convencional fazer um plano simples para malhar por apenas aquele tempo. Comecei a responder um formulário de inscrição com o atendente da academia, até que ele me pergunta qual é o meu emprego. Rapidamente, eu respondi que trabalhava como jogadora profissional de vôlei, e ele repetiu a pergunta. Eu, com muita calma, repeti minha resposta.

Logo, ele começou a fazer piadinhas sobre a minha profissão e começou a perguntar grosseiramente qual emprego adicional eu tinha. Para não causar mais problemas, eu respondi que tinha um pequeno comércio online. Agora, ele começou a falar gracinhas sobre a minha outra profissão e começou a me dar indiretas de que eu não trabalhava de verdade.

Eu saí correndo da academia, chorando e tendo uma crise de ansiedade. Minha casa era muito longe, então pensei em ir para o clube de lazer do Minas.

Chegando lá, ainda estava muito nervosa. Logo encontrei meus amigos e contei a eles tudo que aconteceu. Eles me relaxaram e falaram que situações como essa eram comuns dentro da nossa profissão.

Infelizmente, ainda existe muita gente ignorante no mundo que menospreza as pessoas pelas suas escolhas profissionais e, principalmente, pelo jeito de ser.

Gabriel Pedra Salles

Meu futuro trabalho diferenciado

Hoje, dia 30 de outubro do ano de 2030, eu acordei para mais um dia de trabalho. Levantei para tomar banho. Quando cheguei lá, tropecei no cocô do meu cachorro que estava escondido na porta do banheiro.

Limpei o cocô, tomei banho, dei bronca no meu cachorro, tomei café da manhã, escovei meus dentes, peguei meu ônibus e fui em direção ao meu serviço.

Havia mais de 200 pessoas no ônibus que tomei. Se eu me mexesse, esbarrava em alguém. Estava muito calor e da minha casa até o trabalho eram mais de 30 minutos.

Do meu lado direito, tinha um idoso sentado, do esquerdo, um homem alto. Na minha frente, uma mulher grávida, e, atrás de mim, uma criança junto

com a mãe (ou seja, eu não podia pensar em me mexer que certamente eu atrapalharia alguém e poderia causar uma confusão).

Quando cheguei, fui para o meu escritório, que era todo decorado apenas com coisas de futebol. Meu trabalho, afinal, era observar os juízes dos jogos para ver se algum deles estava trapaceando para algum time ou não cumprindo com as regras.

Na minha primeira partida analisada um tempo atrás aconteceu um caso muito louco. O árbitro fez um gol no Palmeiras na final da Libertadores entre Flamengo e Palmeiras. Por causa do gol, o Flamengo ganhou de 1 a 0, sendo campeão da Libertadores de 2025. Foi engraçado porque o gol foi de bicicleta, e, após o jogo, o árbitro foi proibido de participar de uma partida por 2 anos.

Ano passado, no jogo amistoso entre o Barcelona e o Manchester United, o árbitro que estava no dia marcou falta em um jogador do Barcelona que caiu sozinho no gramado um pouco antes da área. Um jogador do Barcelona bateu a falta e fez gol, vencendo o jogo de 1 a 0.

Meu trabalho de hoje foi observar o árbitro do jogo entre Bahia e Londrina.

No início, não teve gol, mas, aos 26 minutos do primeiro tempo, foi marcado um pênalti contra o Bahia. O árbitro falou que a bola tinha batido na mão do jogador,

mas a bola bateu, na verdade, na cabeça do jogador do Bahia. Sorte minha que um jogador do Londrina bateu o pênalti e isolou, o jogo terminou de 0 a 0.

O meu futuro trabalho é diferenciado, mesmo assim eu gosto dele. Poder analisar o árbitro de um jogo de futebol e poder puni-lo caso ele faça algo injusto em algum jogo é divertido e estimulante. Mesmo o trabalho sendo diferente, não quer dizer que é ruim ou coisa de louco. Pode ser o que alguém mais queira ter essa profissão na vida e, para mim, essa motivação já é o suficiente.

Henrique Gomes Martinello

Repetição

Flávio morava em Rio Branco, Acre, e todo dia fazia a mesma coisa. Comia o mesmo café da manhã, ia pela mesma rota, trabalhava na mesma fábrica e fazia o mesmo produto. Ia sempre aos mesmos restaurantes e assim por diante. Desde então, Flávio já tinha se acostumado e nem se importava com as notícias. Ele trabalhava duro e, após anos, se aposentou e foi morar em Xapuri.

Flavio, certo dia, tinha uma dúvida. Estava aposentado há 4 anos e nunca viu o que ele fabricava. Um dia, teve uma certa curiosidade de conhecer com qual produto ele trabalhou por tantos anos. Já que morava sozinho, não teve problemas e partiu para a capital com seu Ford Corcel. No caminho, viu um certo senhorzinho que estava com uma carroça. Parou o carro e falou:

— O senhor está bem?

Com sotaque espanhol, o homem respondeu:

— Homem, acho que não estou.

— Meu caro, acho que posso ajudar. A sua carroça tem cabo de guincho?

— *Siempre*.

— Está indo à capital?

— Sim.

— Então suba! Vamos, amigo, que eu tenho muitas coisas a fazer.

— Sou Juan. *Muchas gracias* pela ajuda.

E, no caminho, Flávio foi ajudando muitas outras pessoas. Ele transportou um doente até o hospital, parafusou portões de vários lugares (ele era craque nisso). Até chegar a capital, fez muitos outros favores e ajudas.

Chegando lá em Rio Branco, ele se despede de Juan e deixa uma outra pessoa, chamada Walter, no Hospital. Foi a seu antigo local de trabalho, mas, ao chegar, viu que o lugar estava abandonado, malcuidado e cheio de pichações. Ao procurar mais, viu um de seus antigos colegas, Jaime. Jaime falou:

— Flávio, meu caro, o que está fazendo aí?

— Estou revisitando, meu caro, a fábrica que nós trabalhávamos.

— Mas Flávio, a fábrica mudou de lugar! Hoje ela está no centro! - alertou Jaime.

Ao chegar, finalmente, à fábrica certa, teve uma surpresa pouca esperada: ele montava peças para robôs fabricantes de parafusos!

Assim, Flávio aprendeu que, às vezes, se sua vida é um ciclo no qual se faz a mesma coisa repetidas vezes, até seu trabalho pode ser - literalmente - um ciclo.

João Paulo Pedra Salles

As oportunidades da vida real

Um belo dia, uma pobre garota estava perambulando pela cidade de Capatimbas quando viu um homem mais velho, bem arrumado, que parecia ser rico. Logo, a jovem percebeu que se aproximar dele poderia ser uma boa chance para que ela mudasse de vida. De cara, ela saiu correndo atrás dele para falar que o achou muito bonito e simpático de vista. Mas ele, achando aquilo tudo surreal, a ignorou e saiu.

Ela não ia desistir tão fácil. Abriu as redes sociais e começou a procurar por ele. Após procurar por muito tempo, ela achou uma empresa chamada Cláudio indústrias em que havia uma foto deste homem. Ela abriu esse perfil e tentou procurar por mais informações sobre ele. Porém, seu celular, modelo antigo e caindo um pouco aos pedaços, logo travou e parou de funcionar. Pelo menos, ela lembrava o nome da empresa e resolveu ir a pé mesmo.

Após caminhar por duas horas, ela chegou à empresa e começou a procurar pelo homem. Após procurá-lo por muito tempo, um outro funcionário percebeu aquela movimentação estranha e a parou. O empregado lhe falou que a pessoa procurada era nada mais nada menos que o chefe da empresa, e que, naquele específico dia, não estava lá. Ela, então, decepcionada, volta para casa. Passou-se mais de uma semana e ela decidiu voltar à empresa para procurar o homem novamente. No meio do caminho para chegar na sede da indústria, ela parou para ir ao banheiro em uma lanchonete. Quando a garota entrou na lanchonete, viu lá o tão procurado homem sentado em uma cadeira comendo coxinha. Ela foi até ele e começou a puxar papo com o velho.

Após longas horas conversando, o homem decidiu por dar uma oportunidade à garota na empresa. Ela, muito feliz e esperançosa, volta para casa e conta a notícia para os pais.

Eu, que sou apenas um narrador, conto essa história com o objetivo de destacar a vida difícil que muitas pessoas levam em busca de uma oportunidade de trabalho. O mundo de hoje se resume em dinheiro e, aí, para muita gente,

Caminhos para o futuro: construindo valores

acaba não existindo outra escolha que não seja se esforçar e fazer de tudo para trabalhar e ganhar dinheiro.

Joao Pedro Mendonça Abrahão

O que é, afinal?

Sempre me pergunto: o que é trabalho? Será que é conversar com os amigos, fazer as coisas de casa ou será que é a capacidade que o homem tem de modificar o meio ao seu favor, como dizem os filósofos? Bom, eu não sei. E eu também não poderia, afinal, ainda estou tentando descobrir o porquê dessa palavra e dessa ideia serem tão importantes para as pessoas.

Nunca entendi o motivo do ser humano sempre trabalhar tanto. Dentro das casas, isso é sempre muito comum. Quando questionadas, muitas pessoas respondem que precisam garantir a comida e a escolaridade dos filhos. O trabalho traz dinheiro, isso eu entendo. E, nos dias de hoje, entendo também que o dinheiro é a principal força motriz de nossa sociedade.

A primeira vez que ouvi esse discurso todo, achei que era bobeira. À medida que fui crescendo, fui também adiando a entender. Hoje em dia, já consigo assimilar que esta concepção está ligada diretamente à economia. Mas, acho que é importante começarmos a entender que trabalho não envolve apenas dinheiro. A vida das pessoas não deveria ser apenas pautada nisso, pois o trabalho em excesso pode prejudicar a estrutura de muitas famílias e a saúde do próprio trabalhador.

Então, como encontrar esse equilíbrio? Eu também ainda não sei, e acho que as pessoas do mundo todo estão se desafiando a tentar encontrá-lo. Fora o trabalho, o que mais sobra para se viver?

Julia Dos Santos Silva

Valeu a pena?

Alice acordou especialmente extasiada no dia de hoje. No momento, está se dirigindo ao lugar que definiria o resto de sua vida, seu local de trabalho. Durante o caminho, começa a se lembrar de como era na época da faculdade, quando não podia esperar para estar nas salas de cirurgia e contribuindo para a vida das pessoas da forma que sempre sonhou. Agora, está a minutos de realizar esse desejo.

Contudo, as coisas começam a desandar no instante em que chega ao local. Outros profissionais do hospital a encontram no início de seu expediente lhe cobrando deveres que, de alguma forma, eram para ter sido passados para ela. Isso acabou a deixando confusa, já que acabara de iniciar sua residência.

Logo depois, descobre que ser uma médica residente não é nada aquilo que esperava: os pacientes, por muitas vezes, falta com educação com o indivíduo que só está ali para ajudar, em sua frente, e a quantidade de trabalho é um volume inimaginavelmente grande.

No intervalo, se ocupa fazendo aquelas atividades que deveria ter feito, mal sobrando tempo para comer ou até mesmo respirar. Obviamente, não consegue terminar antes desse tempo acabar. Novamente a mesma situação retorna. Porém, desta vez, quando acaba, Alice se encontra com ainda mais trabalho para fazer.

A mais nova médica sai do lugar tarde da noite, e, uma vez que entra em seu carro, se encontra paralisada. Será que os próximos dois anos da sua vida vão ser assim? Já não bastava o esforço que teve para chegar até aqui, ainda teria que trabalhar até o ponto de exaustão com outras pessoas sem consideração?

Até que, no meio de tantas e tantas dúvidas e questões, a pergunta mais avassaladora de todas surgiu: tudo o que passou para exercer aquele trabalho valeu a pena?

Mas, então, uma luz no fim do túnel surgiu. Todas as nuvens pesadas que rodavam seus pensamentos começaram a se afastar. Enquanto recapitulava

tudo que aconteceu no dia, conseguiu capturar os relances que tinham feito Alice lembrar do porquê quis fazer faculdade de medicina: as pessoas! Aqueles sorrisos sabendo que, agora curados, poderiam retornar às suas casas. Os suspiros de alívio depois de alguns receberem o resultado de um exame que tanto esperava e o olhar de admiração e gratidão que recebeu, principalmente das pequenas criancinhas.

Naquele momento ela sabia que não se importava com os males que viria a enfrentar, tudo valeria a pena.

Luisa De Almeida Rebouças

Vida de adulto

A definição de amor para muitos é basicamente uma grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa ou coisa. Mas, para mim, amor não tem que se limitar a pessoas, seres ou objetos. Amor também pode vir de ideias e de hábitos. Isso, contanto, que você esteja feliz e confortável. E é exatamente isso que eu sinto quando eu toco.

Acordo, vou para a chata da faculdade de economia, volto para casa, faço os milhares de trabalhos que a universidade passou, dou aulas de ukulele e de violão online e descanso por uma hora ou duas. Isso, até chegar o meu momento favorito do dia, que é, sem dúvidas, quando tiro um tempo à noite e toco violão enquanto meus amigos (Marty e Sam) tocam, respectivamente, bateria e guitarra.

— O que houve, Rosie?- Marty me pergunta com os olhos brilhando de entusiasmo ao se lembrar do cover de “Art deco”, da Lana del Rey, que escutamos dois minutos atrás.

— Cansada, só isso.

Comecei a faculdade de economia porque meu pai tinha insistido com todos os ossos do corpo dele que economia, diferentemente de música, me levaria para algum lugar. Eu, pessoalmente, nem gostava de estudar, não via muito sentido quando já havia achado algo que realmente amava e que eu era boa.

Mas, nos olhos dele, e também nos da sociedade, minha profissão dos sonhos não era nada além de diversão e um *hobbie*, onde a maioria que prosperava vinha de pais famosos ou milionários. Então eu, como uma mera mortal, tenho que garantir um “emprego de verdade”. Urgh! Como eu odeio esse termo.

Mas, mesmo não me identificando com o curso, o que importa é que eu também estou fazendo o que eu amo. Isso me conforta e me contenta.

Acordar cedo, ir à faculdade, almoçar, ir ao novo trabalho, ler, interpretar, concordar, entregar documentos para o cara assustador que vai enviá-los para

o meu chefe, ler, interpretar, concordar, entregar documentos para o cara assustador que vai enviá-los para o meu chefe, ler, interpretar, discordar, entregar documentos para o cara assustador que vai enviá-los para o meu chefe e ir dormir.

De repente, essa se tornou minha rotina. Quando estava na escola, um dos meus professores (o de matemática financeira, para ser mais precisa) ofereceu, a mim e a alguns outros alunos, um estágio teste de gerente financeiro em uma grande empresa. Uma chance que, honestamente, ninguém que cursa economia seria estúpido de não aceitar. Mas, eu não contava com o peso e com a realidade do trabalho.

Quando estou com algum instrumento, sinto como se estivesse voando. A arte da música envolve muito a ideia de usar a criatividade e imaginação nos projetos. Então, quando eu tive que sentar minha bunda em uma cadeira dura, olhar para vários e vários cálculos, pensar em atividades de investimento e checar os relatórios dos planejadores financeiros, o único sentimento que me invadiu foi o de desapontamento.

No começo, Sam e Marty realmente se esforçaram para fazer os encontros darem certo, mas eu me cansava muito rapidamente e o som começou a não ficar legal.

Eu acho que isso é a vida adulta, afinal. Abrir mão de coisas que você ama para atingir um objetivo específico. E eu descobri que amar algo não te faz imediatamente bem-sucedido. Então, o amor, dependendo do seu objetivo, pode acabar se tornando inútil.

Maria Eduarda Soares Santana Da Silva

O peso do trabalho

O que é trabalho? Para muita gente, esse questionamento acaba ainda sendo muito difícil. Mas, por trás, é fácil de se explicar.

Trabalho hoje em dia é muita coisa, podendo não ser somente algum trabalho que alguém da minha família executa e se formou para isso. Mas, também, qualquer outra atividade que as pessoas realizam para chegar em algum resultado. Eu, mesmo nem percebendo, sempre acabo realizando algum trabalho.

Por exemplo, quando resolvo alguma questão matemática, quando auxilio meus pais em alguma tarefa doméstica, quando faço cartazes na escola ou até mesmo na execução de alguma atividade física, como handebol e vôlei.

A vida não é nada fácil e a todo momento realizo trabalhos e aprendo com eles. Mas, e no futuro? Quando se trata de escolher alguma profissão, o assunto é mais complicado. As pessoas cobram perguntando qual profissão eu quero seguir e, eu mesma, com a mente um turbilhão, vivo me questionando disso. O tempo todo fico pensando em qual profissão quero ter na minha vida. Eu preciso mesmo disso? Se o trabalho está nas pequenas coisas, por que essa pressão tão grande?

Perguntas simples são feitas, mas o peso para responder, o peso para se escolher, ainda é maior. O trabalho não é realizado e não vai ser importante somente na minha vida adulta, não é escolher somente uma profissão e ter um dom de realizar ela.

O conceito de trabalho é maior do que isso. Ele se encontra também nas simples atividades e ações que eu realizo no meu dia a dia, e, essas, não por obrigação, mas porque eu me sinto bem e gosto de realizá-las.

Rafael Pedra Salles

Medo de dentista?

Um certo dia, tempos atrás, eu estava no meio de uma aula de educação física em que nós estávamos jogando futebol. Um amigo meu de time estava inspirado e deu um chute de fora da área tentando acertar a bola em direção ao gol. Só que, sem querer, ao invés dele ter acertado a bola, acabou acertando a minha boca e eu acabei quebrando os meus dois dentes da frente.

A minha escola ligou para os meus pais e explicou a situação a eles. Eles imediatamente ligaram para um dentista para marcar a minha consulta naquele dia mais tarde.

Eu estava totalmente apavorado, pois eu odiava muito a ideia de que eu teria que ir ao dentista e de que eu havia quebrado os dentes, logo os da frente! Foi horrível ver a cena dos meus dentes em pedaços espalhados pelo chão da quadra. Eu nunca na minha vida inteira estive tão desesperado e com medo.

Uma coisa que eu não desejava em hipótese alguma era quebrar o dente, porque, além de eu sentir dor, eu iria ter que ir ao dentista. Isso era algo que, até essa vez, eu tinha pavor.

Eu estava a caminho do consultório, chorando demais, pois estava com medo dos aparelhos que eles usam e do que poderia acontecer. Cheguei na porta do dentista e comecei a ter um ataque de muito choro. Era tanto desespero que minha mãe teve até ter que me levar até lá à força.

O engraçado foi que, quando terminei o atendimento, até que não achei tão ruim. Durante a consulta, o dentista brincou comigo e eu o achei superlegal. Após essa experiência, eu parei de ter medo de dentista, até refleti um pouco se eu queria no futuro ter essa profissão. Mas, no fim, eu acho que não quero, pois imagino que se essa fosse a minha escolha, as pessoas talvez teriam

medo de mim, igual um dia eu também tive.

Rafaela Bunjes Pires Martins

Sobrevivência

Em um apartamento de São Paulo vive Mateus, um homem de 21 anos. Ele mora com três colegas de faculdade para o custo do aluguel ser mais em conta. O jovem estuda todo dia na faculdade e, o resto do tempo que sobra, trabalha fazendo entregas em uma pizzaria. Mateus faz tudo isso para conseguir se manter financeiramente, já que não é bancado pelos pais.

Seus dias se resumem na mesma coisa: acorda, toma café da manhã, se arruma, enfrenta a multidão de São Paulo até conseguir chegar ao ônibus, faz percurso até sua faculdade no ônibus lotado, aulas da faculdade, trabalho, estudar, comer e dormir. Na verdade, a maior parte do seu dia é entregando pizzas, já que o restaurante em que Matheus trabalha não paga bem. Então, se ele trabalhar um pouco menos que isso, não consegue viver.

Com seu salário, mesmo se esforçando muito, ele só consegue pagar as coisas necessárias: comida, aluguel e contas (ainda bem que passou em uma universidade federal, senão também não conseguiria estudar). Seu sonho é ter boas condições financeiras, o que talvez vá ser difícil de acontecer.

Ao final, sobra a pergunta: como um jovem que vive em condições limitantes, que não recebe bem, que não tem nenhum tipo de apoio dos pais, que estuda em uma faculdade que não pode lhe garantir emprego, conseguiria melhorar isso?

Em um país com altos índices de desigualdade social e com tantas poucas iniciativas para melhorar a distribuição salarial, como ajudar os vários Mateus que existem por aí?

Victor De Jesus Oliveira

O que é a vida de um vencedor?

Em uma cidade grande, onde apenas um menino de cinco anos de idade morava com seus pais, aconteceu um fato muito curioso. Todos os dias quando os garis passavam acompanhando o caminhão da coleta de lixo na rua em que o menino morava, ele ficava abismado. O menino se entusiasmava com a alegria e rapidez que os garis faziam seus serviços.

O pai do menino, incomodado com aquele hábito que ele tinha de acordar cedo para observar o serviço de coleta de lixo, ficou bastante curioso e, um dia, perguntou ao menino:

- Meu filho, diz pra mim o que você quer ser quando crescer?
- Gari de coleta de lixo.
- Mas por que, meu filho?
- Porque eles estão sempre sorrindo, felizes e me cumprimentando com um bom dia.

Os anos se passaram, o menino cresceu, e adivinhem qual profissão ele escolheu? Sim, Gari de coleta de lixo.

Mas, ele não ficou só nisso. Ele aprendeu a dar valor a profissão, a reciclar materiais. Como era um bom funcionário, foi inclusive promovido a gerente da empresa de reciclagem na qual ele trabalhava. Tempos depois, virou o próprio empresário, dono de uma usina de lixo.

Essa história me faz pensar que é muito importante escolher um trabalho na área que se gosta. A profissão vira algo prazeroso e que faz bem também para a saúde, podendo diminuir o nível de estresse e fazer com que os dias de serviço se tornem mais agradáveis.

Quando escolhem trabalhar somente com o que acham que “dá dinheiro”, as pessoas se tornam alvos de vários problemas tão famosos e discutidos por aí, como estresse, ganância e até mesmo corrupção. Sim, corrupção. Uma vida baseada em estresse e vivida apenas em busca de mais dinheiro pode perder o sentido e abrir caminho para várias ações erradas realizadas apenas para benefício próprio.

Caminhos para o futuro: construindo valores

Que o jovem de hoje sempre reflita e se lembre do real sentido de ser um vencedor.

Vitor Hugo Ferri D'aquino

Uma chance é o bastante?

Oi, tudo bem? Meu nome... meu nome... meu nome não importa, mas peço que preste muita atenção a partir das próximas linhas. Por acaso você, que está lendo, tem ideia do que trabalho seja?

“Trabalho é um conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que exercemos para atingir um determinado fim”, diriam os sábios. Mas, para que serve realmente trabalho? Se o próprio traz cansaço, exaustão, dor de cabeça e muitos outros problemas, por que trabalhar é fundamental para nós? O ser humano precisa de ocupações, de fazer alguma coisa, de estar ocupado, entretido de alguma forma, me dizem.

Toda essa reflexão não veio do nada, começou quando eu estava no chuveiro, tomando meu banho, e ao mesmo tempo pensando em tudo que já

havia passado na minha vida. Eu trabalho como entregador para um aplicativo de entregas e sinto como se minha vida fosse um fracasso. Infelizmente, isso não é um exagero (quem me dera se fosse).

Quando vou entregar comida para as pessoas, reparo muito nas casas onde eu passo e no desrespeito com o qual toda hora sou tratado. A maioria nunca dos clientes nunca vai saber a angústia que eu passo só de respirar.

Eu sempre me pergunto: onde foi que eu errei para chegar a essa situação deplorável que passo atualmente? Mas, sinto que hoje tudo vai mudar.

Desde cedo fui um amante da área musical, sei tocar violão, piano, também sei cantar. Eu aprendi a tocar por causa da minha mãe, ela era empregada doméstica de um homem muito rico. Como meu pai morreu pouco tempo depois que nasci, não tinha ninguém para tomar conta de mim. Então, minha mãe me levava para o trabalho junto com ela. O seu patrão tinha vários instrumentos, e sempre que via ele tocar, eu ficava encantado.

Um dia, tomado por esse sentimento, tive a coragem de pedir para ele me ensinar a tocar algum instrumento também. Ele sorriu e gentilmente aceitou. Fiquei muito feliz e animado na hora!

Passamos muito tempo juntos, ele praticamente era um pai para mim. Tocamos e praticamos juntos até o dia que ele, pessoa de mais idade, morreu. Foi um dos dias mais tristes da minha vida! Mas, por ele, não parei de tocar. Feitas essas reflexões todas, digo que hoje irei fazer minha primeira apresentação. Sinto que pode ser minha chance de mostrar o meu talento, sair dessa vida de entregador e poder viver algo melhor.

Subi ao palco e me apresentei junto ao meu violão, herança do ex-patrão da minha mãe. Todos aplaudiram a minha saída, mas, apesar de saber que eu fui bem, não estava totalmente satisfeito com o resultado. Eu queria mais!

Apesar da minha frustração, por tempo depois um representante de uma produtora gigante veio falar comigo. Ele gostou da minha apresentação e da maneira com a qual eu me emocionei com aquele violão em mãos. Eles me ofereceram um contrato e eu logo aceitei. Ele falou que eu sou uma grande promessa no mundo musical.

O que vai ser daqui pra frente? Não sei. Vou mudar de vida? Também não sei. Mas essa pode ser minha única chance, e vou me agarrar a ela.

Yasmin Gobbi José

Ipanema

Manhã de terça-feira, caminho pelos longos corredores do metrô carioca, vejo muitos brasileiros, trabalhadores, estudantes, todos com seus caminhos trilhados, que se cruzam e descruzam pelas muitas linhas desse imenso subterrâneo, escuro, com as luzes a piscar, encardidas pelo tempo e pelo desprezo que revoa nesse lugar.

Medito pensando que o brilho que pairava décadas atrás dissolveu-se rapidamente, tal qual os trens passaram, levando os que se apressavam pelos saguões. Vejo também um artista que perde seu brilho, seja pelo barulho ou pela agitação do lugar, que não dá o devido valor às artes expostas de maneira amadora pelos cantos, junto de um pequeno rádio a pilhas que noticia o início de um novo mesmo dia.

A Cidade Maravilhosa tem perdido seu glamour, sua essência, seu colorido, se tornando apenas mais um grande bloco de concreto. Vejo pouca vivacidade, pouco destaque. A Garota de Ipanema foi-se embora, levando consigo a bossa, a Ipanema, o Leblon e os raios de Sol.

Me apresso para entrar por uma das brechas daquele acanhado trem. Sinto que vou me acinzentando, tal qual os outros passageiros. Tento me espremer, passando pelos rostos tristes e cansados, seja pelo trabalho, pela rotina corrida, pelo pouco tempo com a família, pelas decepções, pelas desavenças, seja pela vida...

Ouçõ então, uma melodia, tímida, tênue, mas imponente, tomando conta do local. Seria um devaneio? Olho à minha volta. Vejo rostos com leves sorrisos, olhos brilhantes e uma calmaria preenchendo este pequeno vagão, repleto de vidas desconhecidas, mas jamais sozinhas.

Pelo visto, nossa Garota de Ipanema voltou para sua Cidade Maravilhosa.